

3000

00

R  
E  
V  
I  
S  
T  
A

— DA —  
A C A D E M I A  
M A T O G R O S S E N S E  
— DE —  
L E T R A S

ANOS XXIX - TOMOS LV  
1962

Escolas Profissionais Salesianas  
Cuiabá — Mato Grosso

1962 - 55

34

SUMÁRIO

3000

**DIRETORIA**

**Presidente: Antônio de Arruda**

**Vice Presidente: Pe. Wanir Delfino César**

**1º Secretário: Francisco A. Ferreira Mendes**

**2º Secretário: Rubens de Mendonça**

**Tesoureiro: Luís Philippe Pereira Leite**

PÁGINAS ESQUECIDAS

PÁGINAS DOS NOVOS

**REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE  
DE LETRAS**

**ANO: 1962 – ANO: XXIX - Nº 55**

## SUMÁRIO

Cadeira nº 4 (Patrono) Padre José Manoel de Siqueira  
Discurso de posse: Padre Raimundo C. Pombo Moreira da Cruz  
Discurso de recepção: Gabriel Vandoni de Barros

Cadeira nº 30 (Patrono): Manoel Espiridião da Costa Marques  
Discurso de posse: Francisco Leal de Queiroz  
Discurso de recepção: Padre Wanir Delfino César

Cadeira nº 8 (Patrono) Luíz D'Alincourt  
Palavras de abertura: Francisco A. Ferreira Mendes  
Discurso de posse: Luíz Felipe Saboia Ribeiro  
Discurso de recepção: José Jaime Ferreira de Vasconcelos

À Beira do Túmulo de D. Aquino  
Ernesto Borges

A Lição de um Contenário  
Luíz - Philippe Pereira Leite

Brasília

Alyrio de Figueiredo

Impressões da viagem a Guarapari  
Virgílio Corrêa Filho

A mata do Angical  
Francisco A. Ferreira Mendes

### PAGINAS ESQUECIDAS

O homem — Otávio Cunha

### PAGINAS DOS NOVOS

Vem! Vem! . . . Agenor Ferreira Leão

Canção Fugitiva de uns Olhos Distantes      Newton Alfredo

Adeus Amor      Ruy Araujo Grahunder

História da Fundação de Campo Grande - Amidicis Tocantins

DISCURSO DE RECIPIENTÁRIO  
DO ACADEMICO  
PE. RAIMUNDO C. POMBO M. DA CRUZ

Cadeira nº 4

Patrono:

Pe. José Manoel de Siqueira

Discurso de Posse:

Acadêmico Pe. Raimundo C. Pombo Moreira da Cruz

(Elogio de D. Aquino Corrêa)

---

---

---

**DISCURSO DE RECIPIENTÁRIO  
DO ACADÊMICO**  
**PE. RAIMUNDO C. POMBO M. DA CRUZ**

Senhores; antes de falar sôbre o imortal D. Aquino, devo agradecer:

Primeiramente, ao distinto Dr. Gabriel Vandoni de Barros, este cavalheiro "sem medo e sem mancha" que, abandonando a tranquilidade de sua bela, calma e principesca morada de Corumbá, ou o recanto de paraíso em que transformou sua vivenda nas poéticas paragens do pantanal, ou o luxuoso e estético apartamento da Guanabara, veio especialmente, para fazer a recepção na Academia Mato-grossense de Letras, da qual é fino ornamento e destacado e primoroso membro, ao Pe. Raimundo. Não só, mas ainda se fez acompanhar de sua amável e virtuosa espôsa Sra. D. Augusta Gomes da Silva Barros, que o carinho dos seus, resumiu nesta curta e carinhosa palavra: Neta; que nos honra sobremaneira com sua gentil presença. São duas almas que Deus criou uma para a outra, almas grandes, e generosas e que vivem, tão harmoniosamente felizes e contentes, prêmio da generosidade e do bem, que a mancheias por onde passam, semeiam.

Dr. Gabriel Vandoni de Barros é dessas almas raras que se acham no mundo animadas do desejo de fazer o bem e não se desviam da reta, não omitem o mínimo número do programa que lhes riscou a Providência. A par da ciência e do saber possui essa qualidade tão rara quão preciosa: bondade de coração. Essa primorosa joia mais o distingue que sua vasta cultura, escondida como violeta debaixo das folhas da modéstia; mais do que a riqueza invejável e portentosa de dotes morais, superiora à grande fortuna de bens materiais. É proprietário de lanterna mágica, esquisita, misteriosa, que transforma na côr da esperança a mais negra noite de inverno e faz descobrir no meio das maiores tempestades, um céu brilhante, azul, sem núvens, marchetado de estrêlas, porque o Dr. Gabriel é um otimista sem par.

Ouvirão como possui magistralmente o vernáculo, com que graça sabe entrelaçar as frases, com que mão de fada engrinalda as palavras, para coroar o felizardo ao qual destina os seus louros.

Oiçam como fala de Soído: "Era a caprichosa estrêle do destino que luzia outra vez diante dêle, pranteando-lhe docemente a esteira das águas e de novo o conduzindo ao delectável burgo, que se ocultava, com garridice, no centro da província mediterrânea. Vinha êle após três anos de ausência empuxado por aquêles mesmos fios de seda, aquêles mesmos laços de mistério e meguice, com que as sílfides sertanejas, assíduas e ágeis como aranhas, o haviam dantes enleado. (CUIABÁ "terra agarrativa", pags. 24 e 25.)

Com tais dotes, tal alma e tal coração, estou preocupado, pois não sei como proceder, depois de minha canonização por êsse príncipe das letras mato-grossenses.

Nem sempre fui muito feliz, hoje porém o ouro cai sôbre o azul: elogiar D. Aquino que tudo fez bem e ser elogiado pelo Dr. Gabriel, que tudo enxerga bem.

Além disso, indicado pelo Dr Luiz Philippe Pereira Leite, essa alma de apóstolo e modêlo de fé que, assombra e edifica os próprios religiosos, pela maneira galharda, nobre, generosa, despreocupante, e santa, com que abraça e carrega com a sua pesada cruz, a mais cruel que se poderia impor sôbre os ombros de um estudioso, a quem devo o triunfo da manhã de hoje; bem como ao Pe. Wanir Delfino Cesar, meu irmão no sacerdócio, ao nobre Prof. Francisco Ferreira Mendes e a todos os acadêmicos que me honram com sua presença e aos, que por motivo alheio â sua vontade, acham-se ausentes, não olvidando o meu amigo de última hora o saudoso Otávio Cunha

Para aumentar minha dita, sou ainda apresentado pelo Exmo. Sr. Presidente, Desdor. José Barnabé de Mesquita, meu bondoso amigo e mestre, no tempo que aqui morejei como clérigo, sendo ele o corretor de minhas primeiras e derradeiras poesias.

Aumenta ainda a minha felicidade, a presença de minha caríssima e bondosa irmã Maria Pombo Schneider, que tanto me faz lembrar minha Mãe e meu Pai, representando também meus irmãos, impedidos por fôrça maior, acompanhada de meu prezado e exemplar cunhado Prof. José Luciano Schneider, e do sorriso em botão e que me é tão querido, de minha sobrinha e afilhada, a gentil Teresinha; como a presença de todos os amigos aos quais agradeço de coração.

Completa a minha satisfação a comparência esbelta e alegre de S. Excia Rvma. ,o Sr D. Orlando Chaves, nosso querido Pastor, digníssimo sucessor de D. Francisco de Aquino Corrêa, salesiano de escol e figura proeminente do episcopado nacional, que nos anima com seu peculiar sorriso, que tanto lembra o de D. Bosco.

Com todos êsses fulgurantes nomes, secundado por tôdas essas vantagens, amparado por tôdas essas carinhosas forças. . até um alejado caminharia.

Êsse triunfo, senhores, devo-o ao cavalheirismo de D. Aquino que, mesmo morto ainda convida, fala, persuade e convince. . . e, sôbre seu glorioso túmulo deposito tôdas as homenagens, pois a êle que não a mim, são devidas, entregando a Deus ao qual tão bem serviu e tão mal sirvo, tôda a honra e glória.

#### Nove horas

"Quando, naquela manhã clara e inolvidável, cheguei ao noviciado, vibrava êle todo ao choque dêsses recentes acontecimentos" . . . (Uma Flor . . . 40.)

Se alguém tivesse a curiosidade de olhar a folhina leria: 4 de Novembro de 1902.

Francisco era de um gênio alegre, e essa comunicabilidade sua, fez crer a muitos, que seguiu um caminho diferente daquele, moldado pelo seu gênio. Disse até alguém que êle abraçara a carreira eclesiástica para fazer a vontade do pai. . .

Creio fazer-se-lhe grande injustiça. Dizer, que se fez sacerdote, para fazer vontade alheia, fôsse embora a paterna, que não a sua, é negar-lhe tudo. . . Ê entregar a outrem a responsabilidade de suas ações, é tira-lhe a consciência de seus atos, é carregar-lhe a independência, é pear-lhe a liberdade, é engaiolar-lhe a existência, coisa incabível numa pessoa, que desde a meninice mostrou uma inteligência de escol, que tinha o condão, de obrigar os outros, a pensar, falar e fazer conforme o seu modo de agir, de ver e de sentir; que possuía qualidades mil, com artes de berliques e berloques, para destorcer qualquer maneira de cogitar diferente da sua; pessoa franca, leal, inteligente, um homem, no verdadeiro sentido da palavra, possuidor de domínio, loquela, sinceridade, consciência. . um autômato?

Já sentenciava, lá vão séculos e milênios o velho Salomão:

"Tria sunt difficilia mihi, et quartum penitus ignoro: viam aquilae in coelo, viam colubri super petram, viam navis in medio maris, et viam viri in adolescentia."

Três coisas me são dificultosas de entender e uma quarta eu a ignora completamente: o caminho da águia pela ar, o caminho da cobra sôbre a pedra, o caminho da nau no meio do mar, e o caminho do homen na sua adolescência. (Prov. xxx-18, 19.)

Se a vocação, a qualquer estado é um enigma, ao eclesiástico é um mistério; "penitus ignoro," é aliás, dos maiores mistérios que encerra a vida humana.

É Deus que vai de mansinho como caçador astuto. "venatur animarum" caçador de almas; deixa esta, escolhe aquela: "l'homme s'agite et Dieu le mène", já bem estilizou Fenelon e Deus tem bom gôsto, e vai buscando onde bem lhe apraz, servindo-se dos meios mais variados, esquisitos, interessantes e curiosos, como Senhor que é de todos nós. "Non vos me elegistis, sed ego elegi vos" (Joan. xv-16). Não foste vós que me escolhestes, mas eu quem vos escolhi. "Nec quisquam sumat sibi honorem, sed qui vocatur a Deo", não ouse assumir ninguém essa honra, senão aquêle que foi chamado por Deus. (Heb.-v-4.)

"E êsse seu gênio, que longe está de ser de um padre?"

Quem isso afirma, ignora a vida do sacerdote, permitamos-lhes a premissa para os contemplativos, mas negamos-lhe a conclusão, para com os sacerdotes em contato com o povo. Quereis saber como deve ser um padre? Olhai para D. Aquino, eis um acabado modelo de sacerdote; nada para tirar, nada para acrescentar.

Na história eclesiástica é comuníssima essa mudança; são tantos e tão variados os exemplos, que mesmo sem sair do ambiente dos Franciscos, podemos apresentar curiosos e variadíssimos fatos, parecidos, semelhantes ou mesmo iguais ao de D. Aquino.

Passemos em resenha os mais célebres Franciscos santos: O de Assis, era um bardo, alegre, jovial, amante das canções, das guitarras, das festas... E vão dizer, que se fez padre para satisfazer a vontade de seu progenitor? Vão dizer, que não tinha vocação, porque era um trovador? E deixou êle a tiorba? Umas voltas nas cravelhas, nova afinação; uma mudança na filiação, na paternidade; uma troca nas damas e... que poesias, que cânticos desferiu o poeta de Assis...

O de Sales; advogado brilhante, que carreira rápida, assombrosa, no mundo: aos 19 anos laureia-se em filosofia, e cada ano uma glória mais, recusando a dignidade senatorial; aos 25 anos, para seguir a carreira eclesiástica, naturalmente



contrariando a vontade de seu pai, aliás católico... Antes de falecer, já estava apontado como um dos maiores clássicos da literatura francesa de todos os tempos, foi o grande, o santo bispo de Genebra e um dos raros doutores da Igreja.

O Xavier, aos 19 anos, professor de Retórica de uma das maiores universidades; eloquência assombrosa, inteligência assustadora, quantos castelos lhe tinha levantado o mundo; no entanto, foi ser o orador das Índias e do Japão. Ninguém foi capaz de enumerar o número de línguas, que chegou a falar; evangelizou dezenas de nações, alguns lhe atribuem milhão e mais de batizados. Entretanto, que jovem elegante perdera o mundo, que gênio alegre envergara o negro hábito. Perdera suas qualidades? Não; aprimorou-as, acrisolou-as, multiplicou-as.

Vejam que não é novidade na Igreja um gênio como o do nosso Francisco e apresentei três Franciscos, para não sair do ambiente franciscano; entretanto gênios assim semelhantes de início, deram o espírito franciscano, o salesiano e o jesuítico.

Dirá alguém: nas suas poesias, nos seus discursos, v. g. "A Virgem da Guanabara": encantam-nos com a sua beleza moral, dando-nos ímpetos de beijá-los na fronte, como se beijara um anjo descido do céu, "para citar um entre cem, aí se vê a impregnação romântica..."

Na acepção de escola que se afasta da clássica... seja, mas não na mais peculiar, de cenas amorosas, romanescas, mesmo estando as suas poesias borrifadas de beijos, carícias e noivados.

Os ósculos; ninguém os distribue mais do que o Igreja, na sua majestosa Liturgia: Nas missas solenes; o beijo do barrete, o beijo da colher da naveta, o beijo das correntes do turíbulo, o beijo ao missal, o beijo das galhetas, os beijos ao altar, oito vezes, o beijo ao cálice, o beijo à patena, o beijo da paz... será a impregnação romântica da Igreja? Acrescente-se a êsses, nos pontificais, os beijos aos paramentos, os beijos ao báculo, ao anel, à cruz. Veja-se o livro mais belo da Bíblia, "o Cântico dos Cânticos", retratando o místico amor de Deus e da sua Igreja, que um profano não pode absolutamente compreender? A profissão das espôsas de Cristo, que se revestem de noivas, para fazerem seus votos de pobreza, de obediência e de castidade? O vestidinho de noiva das meninas da primeiras Comunhão?

D. Aquino, longe do profano, refletiu o espírito da sua Igreja, da sua Liturgia, da sua Fé.

Eis o que disse na oração fúnebre, um de seus colegas no episcopado, D. Camillo Faresin, "Sanctifica in veritate": Perto de D. Aquino, respirava-se a pureza. Porque êle era o encanto da infância e da mocidade? Exatamente pela sua delicadeza de consciência, que lhe transparecia dos modos. Êle chegava até ao escrúpulo neste ponto e nem sequer imaginava que no mundo pudesse haver certos pecados."

Passo a pena ao meu amigo e irmão de sacerdócio, o Pe. Wanir Delfino Cesar: "D. Aquino Príncipe da Igreja." O genial Lamartine, no dulçoroso estilo, que lhe era peculiar, em analisando a personalidade extraordinária de Bossuet tem êste confronto magnífico:

"O sacerdote, para aparecer com tôda a sua majestade, com tôda a autoridade, com tôda a pompa moral da imaginação, é impossivél que o personifique mais perfeitamente que em Bossuet. Bossuet, para ser êle mesmo, para desenvolver em tôda a sua extensão e em tôda a sua amplitude as grandes qualidades da alma, do gênio, do domínio próprio, da eloquência com que a natureza o havia dotado, não poderia ser outra coisa senão sacerdote."

Que de razões se nos oferecem para repetir o mesmo do nosso inovidável Dom Aquino.

Personificação das mais acendradas qualidades que podem e devem exonerar um verdadeiro sacerdote, foi sem dúvida no desenvolvimento de sua missão sacerdotal, que se patentearam, por assim dizer, os predicados de inteligência e de coração, que lhe caracterizavam a personalidade invulgar.

A sublimidade do estilo corporificava a idéia luminosa, embebida tôda na fonte imperecível da Verdade. A fôrça do resto era como lampejos da fé, nos arroubos eloquentes do zêlo, que empolgavam as almas. A bondade paternal do coração era o reflexo da estuante caridade, que o impelia a cada passo no seu munus evangelizador.

Tudo nele se convergia para o exercício da missão acrisolada que êle soube realizar como os que mais ao longo dos tempos. Príncipe das letras, estas não serviram senão de revelar o Príncipe da Igreja, empenhado em todo instante em fazê-la brilhar, quer nos corações de seus filhos, pelo que era todo extremos de Pastor, quer perante a sociedade e o mundo, a

cujo êxito emprestava a eloquência e a lira, nas vibrações das mais brilhantes páginas, que ainda se escreveram em terras do Brasil." (Rev. Acad. 29.)

D. Aquino podia repetir o que de si disse D. Bosco: "Sappia che D. Bosco é prete all'altare, prete in confessionale, prete in mezzo ai suoi giovani; e come é prete in Torino, cosí é prete a Firenze, prete nella casa del povero, prete nel palazzo del Re e de' Ministri" (Mem. Biog. VIII-534) "Saiba que D. Bosco é padre no altar, padre no confessionário, padre no meio de seus meninos; e como é padre em Turim, também o é em Florença, padre na choupana do pobre como no palácio do rei e dos ministros."

Grandes gênios, grandes paixões, diz uma máxima.

Bem cabe aqui uma breve digressão sobre paixão, não no seu vulgar significado.

As paixões, não são más; são forças vivas, impetuosas, que podem ser utilizadas também para o bem. Como moções do sensitivo para o perceptível, são movimentos da alma com repercussão reais sobre o organismo, dada a estreita união entre o corpo e a alma.

Sendo o rosto o espelho da alma, vemos a reflexão das paixões no indivíduo; um se cora de vergonha, outro se tinge de sangue pelo ódio, êste empalidece de mêdo, êste outro sorri de alegria, àquele a ira entumece as veias, àquele outro a tristeza arranca lágrimas e do desejo à aversão, entre a esperança e o desespero; vão as paixões audaciosamente cinzelando suas impressões nos indivíduos.

Diferente de paixão, é sentimento; forte também, mas menos impetuoso, porque pode ser regulado pela vontade. Um "auto-dominans," pode transformar em mansos e nobres sentimentos, as mais violentas e ignóbeis paixões.

Se prestarmos ouvidos aos estóicos, as paixões são radicalmente más; se aos epicureus, divinas. Mais comedido, o Cristianismo seguiu o caminho médio, baseando-se na máxima "nada que Deus pôs na natureza humana é mau".

O próprio Filho de Deus, teve paixões bem ordenadas; amou não só com a vontade, mas também com o coração, (Tanquerey): chorou sobre Jerusalém, pranteou Lázaro, irou-se contra os vendilhões, teve temor, foi assaltado pela tristeza, perseguido pelo tédio. . . .

Portanto se em D. Aquino, pelas frestas de suas poesias e discursos, podemos constatar o reflexo do gênio, do tempe-

ramento, da paixão, bem sabemos, o que ninguém nega, que êle soube dominar êsse gênio, soube modificar êsse temperamento, soube subjugar essa paixão, em pensamentos, obras e palavras, soube colocar tudo a serviço da Religião e da Pátria, soube transformar nos mais nobres sentimentos, o ódio, o desejo, a aversão, a tristeza, o temor, a cólera, o desespero, a audácia, a alegria, a esperança e o amor. Soube vesti-las com a linguagem primorosa da fé convincente da moral, entusiástica do patriotismo, batizá-las, enobrecê-las e recolhê-las do mais elegante estilo no seio da Igreja, ao teto da Família Cristã, no solo decente da Pátria.

Foi o Bayard da sã poesia e da sadia literatura, foi o paladino do bem, do Cristo, e da Imaculada, mostrando a Mato Grosso ao Brasil e ao mundo que se pode ser grande poeta e extraordinário escritor, sem enlamear-se, nem aos outros, usando tinta de ouro e prata e não lodo.

Como trescala a sua pureza na sua imortal obra, que alguém comparou à Filotéia do Bispo de Genebra, "Uma Flor do Clero Cuiabano."

Bem sei que os espíntrias sensuais do materialismo sorriem dessas delícias do espírito, "blasfemando-as, porque as não conhecem." Admiravelmente os definiu um poeta latino, e mais era gentio: "almas curvadas para a terra e vãs das coisas do céu." Não compreendem, no seu crasso hedonismo, o que possa haver de gozo nesse reconhecimento do próprio nada, diante de Deus, nessa ascensão da alma para Êle, até exclamar com S. Fransisco de Assis: "Meu Deus e meu tudo!" Deus meus et omnia!

Sim! Soltemos as asas da cotovia, abramos-lhe as portas do cárcere dourado, desatemos-lhe as peias embora de sêda, para que possa librar-se no azul, pelo qual tanto suspirou, para que possa matar sua sêde do Infinito. Deixemos que êle mesmo encerre êste capítulo, que é o da sua juventude, com aquêle Caçador maneiro, que lhe roubou o coração;

"E perseguiu-te em seu fatal deserto,  
Minha alma a te fugir em tôda a parte:  
Meu cárcer foi-teu coração aberto,  
E foi a pena, que me deste-amar-te!

(Nova et Vetera, 28.)

e a quem, desde os primeiros dias de janeiro dos primeiros

anos do século, ao pé do altar, repetia agradecido: Aproximar-me-ei do altar de Deus, do Deus que é a alegria da minha juventude. "Ad Deum, qui laetificat juventutem meam".

O Meu Jesus. (Idem-59)

Levantar-me-ei e rodearei a cidade; buscarei pelas ruas e praças públicas aquêle a quem ama a minha alma. Cant. III,2.

Na flor dos anos, sentindo na alma,  
Sêde infinita de amor e luz,  
Ouvi por noite serena e calma,  
Voz que dizia: "Vai a Jesus!"

Busquei-o, ansioso, nem sei por onde,  
Na flor, na estrêle, que além reluz;  
Mas flor, e estrêlas, tudo responde:  
"Ai! Não! não somos o teu Jesus!"

Sonhei palácios ricos de fadas,  
Dêsses que o verso mal reproduz;  
Entre as riquezas mais encantadas,  
Não vi, ái! nunca, o meu Jesus!

Andei por salas cheias de flores,  
Perfumes, cantos, risos a flux;  
Entre folgedos enganadores,  
Não vi, ái! nunca, o meu Jesus!

Amei a glória que ao sol fulgura,  
Num trono de ouro, já me supús;  
Achei vaidades, vi a loucura,  
Mas nunca, nunca, o meu Jesus!

Desiludido, lavado em prantos,  
Fugi ao mundo, que nos seduz;  
Fui ter à porta dos claustros santos,  
A perguntar-lhes do meu Jesus.

Lá, na penumbra do altar sagrado,  
Curtindo os velhos tormentos crús,  
Enfim escuto a voz do Amado:  
"Eis-me! responde o meu Jesus.

Só no silêncio, só no retiro,  
Não entre sêdas, mas numa cruz,  
Acha-se Aquêlé, por quem suspiro,  
Ideal eterno, o meu Jesus!

Bendito o êrmo, bendita a prece,  
Que ao Infinito nos reconduz!  
O mundo todo, aqui se esquece,  
E só me basta o meu Jesus!

De cada abrolho, que, às vêzes, piso,  
Logo uma rosa Êle produz,  
Ao mago influxo de um seu sorriso:  
Como é amável o meu Jesus!

Por Êle abraço a cruz mais grave,  
Hei de levá-la nos ombros nús;  
Basta que nela, sinta o suave  
E caro pêso do meu Jesus!

Agora e sempre, se canto ou gemo,  
Ês da minha alma o amor e a luz,  
Tu, minha estrêla, meu bem supremo,  
Meus Deus, meu tudo, o meu Jesus!

"Uma inteligência perdida, um gênio que se sepultou no claustro," assim se disse, quando entrou para a Congregação Salesiana. O tempo porém é galante justiceiro e eis a resposta: em parte alguma teria tido oportunidade de manifestar, aprimorar e realçar mais seu gênio, do que como sacerdote e religioso; "servire Deo, regnare est," servir a Deus é reinar.

### O homem.

Já lá se vão anos, quando numa tarde de domingo de Ramos, ouvi Dom Aquino, num daquêles seus arrebatadores sermões. Foi numa memorável procissão de encontro, cujo tradicional orador fôra êle, por muitos anos. O tema que desenvolvia: "Ecce Homo," texto que lhe servira para sermões sem número.

"Ecce Homo", heis o Homem; Pilatos apresentando Jesus ao povo, mas a imagem tomada era a do "Senhor dos Passos", de joelhos, vergado ao pêso da cruz, mas abraçando-a,

num esforço sublime de carregar com ela, tendo diante dos olhos ensanguentados e lacrimantes, o caminho a percorrer, sôbre as costas o pêso desumano, que lhe colocara a humanidade para o perder e sôbre a consciência o ponderoso resgate sôbre-humano, que se impusera para salvá-la.

Eis o homem. . . . mas, o que é o homem?

Uma mola estatal, uma máquina nacional, um animal-pátrio, um patau a serviço de patrões patranheiros, que deram à sua usina, roça ou fazenda o apôdo de pátria, ou que trasformaram a pátria comun numa propriedade individual privada?

Um bípede implume, cuja alma é um círculo, nas figuradas e simbólicas definições de Platão?

Um microcosmo, pequeno mundo, encerrando o reino mineral, vegetal, animal e angélico?

Mas, o que é o homem?

Um animal religioso, para melhor deduzir sua origem e finalidade, ou para melhor fazer ouvir o imo eco repentino o infinito anseio da alma, que só se reflete no espêlho da consciência quando íntegro e brunido, ou para prevenir os ideólogos das esterroadas teorias, de que "A posição do homem sem Deus e contra Deus conduz à negação e destruição do homem. Onde não se admite Deus, suprime-se o homem: tal é a descoberta experimental da atualidade," como bem disse o grande filósofo de nossos tempos Berdiaeff?

Mas o que é o homem?

Uma criatura racional composta de alma e corpo, sendo aquela, um espírito livre e imortal criado à imagem de Deus, provocando retalhadores que não na encontram, porque depois de assustá-la e expulsá-la com o bisturi, vão procurá-la no fio do mesmo? "Animalis homo, non perceptit ea quae sut spiritus Dei," o homem animal desconhece as coisas divinas.

Mas, deixemos essa teoria de alma. . . . Que é o homem? Sem alma? Se existir pudesse?

Os ianques no seu sistema de avaliar tudo monetariamente, ou "dolariamente", concluíram que todo o corpo humano não chega a valer um dolar. . . péssima estimativa; o pêso material do "homo sapiens", inferior à valia de uma galinha de raça. Convem não omitir que o chipanzé, a que jornais e revistas nomeiam Mr. Stubbs, e que é um de seus grandes astros de cinema, foi por êles segurado pela bagatela de 120.000 dólares. . . . Imaginem se fôsse "Mis". . .

Então, o que é o homem?

Convenhamos, que melhor é aceitar a definição que já superou mais de vinte e dois séculos: "um animal racional".

Feliz quem consegue realizar em si êsse binômio, quem consegue em sua vida explanar ao menos a definição aristotélica, já, "passou pela vida e . . . viveu."

Quantos porém ficam somente na primeira parte, afaçando a definição: o homem é um animal. . . .

Nabucodonozor, rei da Babilônia, o foi, sete anos: "foenum ut bos comedit," . . . outros, passam a vida inteira, assim. . . curvados sob si mesmos, sob o pêso de suas paixões, sem vontade de olhar para cima, rastejando uma existência; jamais no seu horizonte a terra se encontra com o céu. Só enxergam terra, terra e lama. Ignoram que o homem é o único animal que querendo com pouco esforço pode olhar para o céu, enquanto que os demais vivem curvados para a terra onde nasceram e onde terão o seu ocaso.

Então o que é o homem? Voltemos à praça da Cathedral; lá está o orador, cabelos brancos, mas ainda arrebatadoramente, com aquela facilidade de palavras: Jesus, não foi apresentado à humanidade no Tabor, o homem alegre, feliz, transfigurado; não foi apresentado na sua entrada triunfal em Jerusalem, entre as ovações de um povo frenético, no meio de uma floresta de palmas e ramos de oliveiras, de hosanas; não foi apresentado quando dominava seus inimigos, quando a multidão dos fariseus, dos escribas, recuavam esmagados pela sua lógica eterna, pelas suas palavras divinas; não foi apresentado quando arrastava as massas dominadas por aquêles olhar, que era bálsamo para os bons e fogo para os maus; não foi apresentado, quando mostrando sua força irresistível, expulsou os vendilhões do templo. . . . Mas foi apresentado quando coberto com a púrpura de seu sangue, quando inundado de suor, quando coroadado de espinhos. O homem no verdadeiro sentido da palavra é aquêles, que embora vergado sob o pêso da cruz, longe de a desprezar, abraça-a.

É modelar o homem que triunfa dos sofrimentos, vence as paixões, subjuga a dor, canta o hino de glória como Job, sôbre as ruínas de sua carne, entoando o canto da vitória onde os outros encontram a nênia da derrota, a desilusão, o desânimo, o desespero e a morte.

Quem portanto, ao racional, acrescenta a fé, êsse apresenta o homem na sua maior estatura, pois "o homem só é grande, de joelhos" e D. Aquino viveu de joelhos.



Há em nossa vida os momentos de heroísmo e os de covardia; há os instantes nos quais o homem é indiferente ao medo, às sensações de dor ou de prazer, e há outros em que é sensível, medroso, covarde. Há os dias de tristeza, de sofrimento e os dias de alegria, de satisfação. São os dois novelos com os quais se tece a túnica da vida, que se desfaz depois ao sôpro da morte, como a neblina ao contato do sol.

"Ecce homo", eis o homem, o modelo, apresentado ao mundo, na hora mais solene da humanidade, quando batia a primeira badalada da Redenção. Eis o homem que encarou o sofrimento, e morte e o que é pior a irrisão, com a mesma tranquilidade com que, o herói as ordas inimigas, que ameaçadoramente se aproximam para condecorá-lo, com seu sangue e coroá-lo com a morte.

Eis o homem no qual copiou-se D. Aquino e esmerou-se para ser a cópia perfeita do seu Divino Mestre.

Não é necessário o filósofo cínico com a sua lanterna. A eterna ânsia da humanidade se manifesta na palavra, do povo, da criança: "você não é homem." Essa afirmação, surge diante de uma das duas negações: a negação da coragem e a negação da palavra: o covarde e o falso. O homem no desejo universal, deve satisfazer esta definição: um ser dotado de fibra e carater. De Deus recebe a animalidade e a racionalidade, mas deve completar-se, acrescentando-se a fibra para temperar a animalidade e o carater para aperfeiçoar a racionalidade.

Por essas duas peneiras se coam e se escoam os indivíduos, sendo raríssimos os que passam pelas duas. E a diferença é grande: homens cascalhado e homens diamantes.

A fibra atinge a força da vontade, que se reflete num corpo que domina, que vence, que triunfa, principalmente lutando, e o carater a força do dever, numa alma inteligente, sem dobrez, que não atraiçoa, que não se vende... Ecce homo, eis o homem.

### O ESCRITOR

Torrentes turvas, caudalosas, que doidas se atiram de encontro às negras pedras, jogando-se de uma à outra margem, precipites fugindo ao estrangulamento das rochas, desesperadamente despenhando-se, ameaçando tudo, sem descanso e sem remanso, e se um instante se demoram é para redemoinhar em rebôjo traiçoeiro ou para se afundar em tetro sorvedouro, que avidamente engole o que por perto passa, solapando a terra firme, esboroando verdoengas margens e car-

comendo as ridentes terras onde se afirmam raizes de árvores seculares, para depois envolvê-las, abraçá-las, derrubá-las, rodeá-las, revolteá-las, afogá-las, arrastá-las ao fundo, arremecá-las à superfície, jogá-las de encontro às penhas, retomá-las despedaçadas, rastejantes, submersas com seus galhos, súplices braços pedindo socorro e depois. . . depois, num grito selvagem, assombroso, num rugido de alma, num gemido de coração, num desesperador brado de consciência, lançar-se no precipício de sua eternidade, e longe de elevar-se ao céu, seus vapores lá no fundo do vale, qual fumaça maldita de Cain vão de roldão pelos sórdidos e lodacentos pegos, até que a terra compadecida de sua desdita abre a tremenda garganta para engulí-las, quando prematuramente não se precipitam pela loucura ou pelo suicídio. Pobres títeres que se entregam como bonifrates ao destino, incapazes de se contentarem, sua consciência, invejando o fígado de Prometeu é devorada pelo asqueroso abutre do impiedoso remorso, sem nunca ser consumida, sendo um pedaço a mais que se lhe acrescenta cada porção que dela se devora: eis os perversos escritores. . . Noite, cegueira, trevas, sangue, desprêso, dúvida, loucura, ódio, desespêro, tédio, desânimo, tristeza, morte. . . seus assuntos prediletos!

Quem pode calcular o valor e a fôrça da pena? O bem que faz uma página ou o virus que numa alma ela derrama? A fôlha é corpo inerte, as palavras, a alma, que dão o ser à página.

Cristo mandou que se pregasse; uma só vez escreveu e essa sôbre a areia.

Lê quem quer, ouve quem não quer e agora com a supremacia da imprensa continua mais que nunca vitorioso o aforismo latino: "verba volant, scripta manent"; voam as palavras, permanecem os escritos. Aos escritores se devem as maiores revoluções da humanidade.

Há escritores abelhas, escritores borboletas, escritores escaravelhos e escritores maribondos.

Escritores abelhas: suas obras são um favo do mais precioso nectar, seus escritos são um Himeto, onde tudo é riqueza, desde a preciosidade do solo até à exuberância da esquisita variedade das vegetações, pejadas do mais precioso licor. Escritos cristalinos e succulentos, ali se mata a fome do conhecimento e se bebe o saber à saciedade, como se sorvem nos límpidos ribeiros, que a civilização ainda não turvou, as água puras, para satisfação, alegria e bem estar.

Escritores borboletas: nada de suculento, fogos de artifícios, seus escritos belos na forma, não apresentam senão elegância de construção, buscando agradar à vista, como quadros, onde a abundância de côres supre a carência das formas, ou como um poente de matizes vários, que se desfaz com o afastamento do sol. Seus pensamentos, atores de teatro, apresentam-se vestidos de reis, fardados de generais, enfeitados e coroados de rainhas, mas por melhor que representem, não conseguem esconder as formas do manequim que os enverga. Não fazem bem nem mal; não cheiram nem ofendem a pütuitária.

Escaravelhos: não só com a maneira do lamelicórneo, mas com o gosto do escarabídeo, principalmente quando rola seu quinhão predileto. São muitos, aplaudidos, e compreendidos pelos seus familiares. Macabra maneira de celebrar-se como urubu das carniças, o peba dos cemitérios e o fuinha das cloacas. Em vez da nobreza da garça, saneadora dos pântanos, calada, modesta, benfazeja destruidora, conservando aquela beleza, que faz disputar suas preciosas e imaculadas plumas e encarecem o seu valor, preferem o negro ofício do crocitante corvo.

Escritores maribondos; irônicos, perigosos, insistentes, manhosos, atrevidos, maliciosos, maléficos, malvados, maus e malditos. Apresentam-se como educados piratas, exteriormente limpos e assejados. Com perícia médica, e donaire de esgrimistas, acertam o vão entre as costelas, descobrindo sempre sua lâmina assassina o mais secreto e recôndito esconderijo do coração. Guardam o mel e distribuem o fel. Não se apresentam sujos, mas sórdidos e venenosos, chegando à desinfecção da derme para melhor introduzir a peçonha na epiderme. São mais perigosos e piores, muito piores, do que o vespão ou o próprio escorpião. Esses quando injetam o veneno são amigos, já que o anunciam exigindo pela intensidade da dor a rapidês da cura. Ao passo que o escritor maldito inacula o veneno letal com as aparências e sintomas do bálsamo. Chupando o sangue de mansinho e com a suavidade e elegância do vampiro, colocando tanto mel de mistura com o fel, que se bebe e se sorve até à última gôta... é o verdadeiro "gosto amargo de infelizes" com que Garrett indevidamente consagrou a saudade. Graciosa linguagem, de sofismas, mascarada de verdade, aliciante pelo "baton" da falsa filosofia. Nenhum deles conseguiu, como de seus escritos se deduzem, satisfazer-se a si próprios. Notam-se num mesmo invólucro dois seres em luta constante, pessimista e imortal.

Aos escritores devem-se as maiores revoluções da humanidade J. J. Rousseau, o responsável pela Revolução Francesa. Seus livros foram a semente, o fermento, a chama que ateou a tremenda labareda. A êle, que não à guilhotina, as cabeças decepadas, os nomes sangrentos da história daqueles dias de terror. Os demais não mais fizeram que ajuntar lenha e assoprar o fogo.

Feliz daquele, que revendo os seus trabalhos não encontra nêles espinhos de remorso ou acúleos de pesar. Feliz daquele que não só pode corrigir seus erros de gramática mas também os de fé e moral. Feliz de quem não tenha que dizer como Bocage:

Já Bocage não sou!... À cova escura  
Meu estro vai para desfeito em vento...  
Eu aos Céus ultrajei! Oh! meu tormento  
Leve me torne sempre a terra dura.

Conheço agora já quão vã figura  
Em prosa e verso fêz meu louco intento.  
Musa!...Tivera algum merecimento  
Se um raio da razão sêguisse pura!

Eu me arrependo; a língua quase fria  
Brade em alto pregão à mocidade,  
Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui...A santidade  
Manchei!...Oh! se me creste, gente ímpia,  
Rasga meus versos, crê na eternidade!

Que tristeza; mandar rasgar em cima da tumba, na hora do ocaso, o que veio escrevendo desde o berço, o que veio semeando desde a aurora em malbaratada existência.

O mundo chama de bom, o escritor que apresenta linguagem escorreita, elegante, clássica. Mesmo que êle, à maneira de médico indiscreto, em vez de eliminar detridos, com certa avidês e alegria abre, e ostenta o sangue podre, o pus nauseante, como abutre de matadouro que se exulta sôbre podridão e carniça. Pouco se lhe dá do assunto e da moral: quanto pior, melhor.

Um escritor que espalha e multiplica o mal, lançando a peçonha do desespero e da confusão nas almas, não é bom escritor. Bom é quem semeia o bem. Bom é promotor de paz na inteligência e no coração. Semeador de revoltas, esguichador de sangue, multiplicador de viuvês, provocador de dissensões, promotor de discórdia, gerador de órfãos, jamais pode ser chamado "bom escritor". Será filólogo, literato, clássico, bom porém, nunca.

Veja-se o elogio que de Rui faz D. Aquino: (Terra Natal, pág. 27) "Com legítimo orgulho de raça, bem poderíamos parafrase-lo dizendo que, para aprofundar as belezas do pátrio idioma, baste ler Rui e Rui, o qual, sobre não ficar somenos a Camilo na vernaculidade e robustez do estilo, leva-lhe a grande vantagem de não tratar assuntos escabrosos para melindre de almas delicadas."

O adjetivo bom, só deve ser empregado no sentido de construção, edificação e jamais de destruição e de morte. É bom um escritor que, ao seu leitor, já desnorteado, coloca-lhe na mão o revolver embalado e engatilhado ou o agudo punhal cortante e nu? Vangloriar-se-á de seus escritos, tripudiará sobre os cadáveres de suas vítimas, mas se a tara não lhe impuzer percentagem, achando-se a sós com sua consciência, ouvirá as badaladas do relógio do remorso num inconfundível e incessante som, repetindo, ameaçando gritando insistentemente: assassino, assassino!

Passemos novamente a pena a D. Aquino: (T.N. 35) "Não queremos a literatura das pornografias, que desviginam a pureza dos sentimentos e afrouxam a integridade dos caracteres, desencadeando, a miude, sobre a família e a sociedade, os mais tremendos infortúnios."

"O divo poeta, o sexto centenário de cuja morte festeja-se este ano, em todos os países cultos, Dante Alighieri estigmatizou admiravelmente, com ferro em brasa, num simples decasílabo do seu Inferno, todo o mal das literaturas passionais e corruptoras."

"Narrando a imensa e trágica desgraça de Francisca de Rimini, . . . este verso que estronda como um anátema, nos círculos da cidade eterna da dor:

Galeotto fu il libro e chi lo scrisse!"

Bom escritor é aquêlê que quando se termina a leitura de seus escritos, tem-se desejos de ser bom, ânsias de melhorar, admiração pelo belo, pelo puro, pelo bem, pela virtude, êsse

é bom. Teriam certos poetas e escritores coragem de colocar em mão de suas filhinas inocentes, puras, delicadas, certos sonetos e rabiscos que fazem corar homens, quando revestidos de vergonha? E o que não permitem para os seus, porque fazer para os outros?

O grande filólogo José de Sá Nunes, só publicava obras que sua espôsa e filha pudessem ler sem se corar.

O bem que impede, o mal que promove um mau livro, um mau escritor. Mercadores de almas e consciências, que, pelas cédulas bancárias vendem sua sórdida existência e empenham a dos outros, não podendo celebrar-se no caminho reto, procuram os tortuosos, os becos sujos, as estradas poeirentas e enlameadas, os imundos lodaçais para de tudo tirar proveito conseguindo uma triste celebridade: escrivinhadores, tradutores, traidores.

Oiçamos o que mais contentou D. Aquino em sua carreira de escritor: (Disc. III VOL. pag. 114) "...da minha parte, confesso que as maiores alegrias da minha carreira literária não foram as palmas dos críticos, nem a láurea da Academia Brasileira, nem quaisquer outros prêmios que tais; foram estas, que passo a relatar-vos."

"Certa vez, estava eu no Rio, quando se me apresenta gentilíssima senhora, para dizer-me que um pobre sentenciado da cadeia pública, lhe pedira fôsse agradecer-me, em seu nome, o consôlo que os versos do arcebispo de Cuiabá lhe tinham proporcionado no seu infortúnio. "Outra vez, uma carta assinada anônimamente por "um mariano" de São Paulo, que assim me escrevia: "Venho agradecer a V. Excia. o bem, que me fez. Sou um infeliz mariano, que me transviara, abandonando a congregação. Mas li, há pouco, a poesia de V. Excia à Mocidade Mariana, e me senti envergonhado ... e por isso agradeço a V. Excia..."

"O terceiro caso é mais flagrante." Refere-se à dedicatória que de seu livro, "Escada de Jacó" lhe fizera o grande poeta, jurista e escritor José Barnabé de Mesquita: "Ao amigo de sempre, a cujo incitamento e exemplo, muito deve a minha poesia, para tornar-se cada vez mais nobre e cristã."

**NOBREZA** eis o sangue, ossos e medula de um escritor, para ser bom, **NOBREZA BATIZADA**. Nobreza de caráter, pedra rara, estilo, alma do escritor, que dando vida aos seus sentimentos se retrata na fôlha. Aí se vêem os nítidos traços de sua ombridade ou vileza a sua bondade ou maldade, virtudes ou vícios.

O estilo é o sentimento, o carater, o indivíduo "o estilo é o homem." O estilo é a fotografia da alma, o estilo é o fruto próprio do indivíduo; bons frutos à boa árvore, maus à má.

Além de puros os escritos de D. Aquino eram aprimorados. Diversas vezes ouvi-o dizer: "saber aperfeiçoar o que se escreveu é uma arte. Eu tenho uma satisfação tôda particular em corrigir os meus escritos." Era o estatuário dando os retoques, que só a morte marca quando derradeiros.

Já o dissera no seu discurso, "O Belo nas Letras: " Se a par do senso estético e a êle harmonicamente vinculado, não coexistisse no homem o senso moral, ou se o belo falasse exclusivamente à inteligência, sem nada solicitar a vontade e o desejo, então, Srs. não haveria negar que o campo da arte fôsse de todo em todo, alheio ao da moral, porque onde não entra a vontade, é princípio fundamental de ética, não se concebe o moral nem o imoral.

Mas acontece evidentemente o contrário, e portanto a arte, por mal nosso, é capaz de ofender, como ofende, por vezes, a moral, perdendo, em tal caso, a própria essência, porque rompe nos espíritos bem formados, êsse prazer harmonioso de tôdas as faculdades da alma, que ela, por natureza e definição, deve produzir."

Mas, D. Aquino, não foi só um moralista, foi também um aprimorado clássico, poder-se dizer que a Religião foi a sua gramática e a gramática a sua religião.

Leiamos o que a seu respeito escreve o competente Prof. Nilo Póvoas, em D. Aquino Educador: "Nunca se viu dos escritos que caíram da pena de D. Aquino, êsse linguajar díscolo e plebeu, essa mixorofada incongruente e mal cheirosa que Mário de Andrade e outros enamorados de novidades pretendem que seja a língua do Brasil, quando outra coisa ela não é senão o fruto da ignorância, da preguiça e do mau gosto, na justa apreciação do grande Rui Barbosa. "Não há nas obras, quer em poesia, quer em prosa, os excessos no culto da forma, as construções arrebicadas que caraterizam os escritores de seiscentos, mas também não há uma frase menos castigada, uma figura menos discreta, uma regência menos justa, uma inversão menos comedida. Tudo nela é equilíbrio, é justeza; é o que se pode chamar sensatez e bom gosto."

Gabriel Vandoni que nutria para com êle uma admiração, dessas que se consagram a heróis escreveu estas belas palavras a respeito de seu estilo: "Do seu estilo aliás se poderia dizer

o mesmo que êle escrevera a propósito de São Francisco de Sales: Páginas há que se diriam excessivamente melíferas, se não fôsem tão naturais e delicadas. Sente-se ali o ressaído de tôdas as doçuras: frutas assucaradas, mistos de leite e mel, flores por tôda a parte, vozes de rouxinóis que morrem cantando, um esvoaçar contínuo de abelhas, discursos, enfim, inteiramente, perfumados, desde a raiz até as folhas como essa planta, de que êle fala, chamada angélica, mas tudo isto tão espiritualizado, tão embebido num sainete delicioso de coisas celestes, que se não sabe como explicar, senão que os céus, segundo a bela expressão da Igreja, lhe chovessem nalma o misterioso mel dos alveários divinos: *melliflui facti sunt coeli.*"

Floriano de Lemos comenta: "Dom Aquino era viceralmente um artista. Nos seus discursos, nas prédicas da missa e até nas suas pastorais, via-se o cuidado que punha na frase, muita vez rematada por um delicioso imprevisto. Seu português castiço, ouro de lei, vernáculo puríssimo".

Ninguém duvida que D. Aquino é um clássico, um dos maiores de todos os tempos, tanto do Brasil como de Portugal. O tempo é o promotor da justiça; os escritos de D. Aquino não são fogos de artifício, nem músicas populares, que nos agradam e logo nos aborrecem. São obras clássicas, que quanto mais se ouvem, mais se quer ouvi-las, descobrindo-se sempre novas belezas, como as que nos oferecem seus escritos, trabalhos profundos, cheio de graça e sabedoria. Conhecia as mitologias, grega e latina como poucos servindo-se delas para as mais interessantes aplicações. Era profundo no maior de todos os livros: descobria verdades novas em escritos e páginas pelas quais a humanidade tinha passado e repassado através de muitos séculos. Haja vista, *Pétalas do Evangelho*, as mais belas pétalas que êle soube recolher das mais belas flores, esparsas nas mais belas fôlhas, que a mais bela das inteligências colocou no mais belo livro do mundo: a Sagrada Escritura.

Foi profundo pensador e filósofo.

Termine êle, que não outro êste capítulo (T. Natal pagina 38) "Façamos a literatura da esperança. Confiemos em Deus, na Pátria, no futuro, nas grandes verdades que não passam.

E pois que a mocidade é a mais bela encarnação da esperança, façamos uma literatura que a eduque e eleve, propinando-lhe no vaso de ouro filigranado e terso das letras, não



o veneno róseo da pornéia, nem os perrexis do erotismo fácil e enervante, mas sim as ambrosias e os néctares dos entusiasmos puros, das virtudes generosas, das crenças fortes, dos patriotismos sinceros e dos heroísmos que glorificam tôda uma raça.

Façamos uma literatura que professe cavaleiramente a bela divisa de um dos nossos homens de letras: aedificabo! literatura que saiba edificar a grandeza moral da Pátria, atraindo ao bem os corações ainda mais brancos e refratários, como a dourada lira de Anfião, sob o encanto mágico das suas melodias, arrastava as pedras da Beócia, para a construção dos legendários muros de Tebas."

### POETA

D. Aquino foi orador, conferencista, foi pregador, filólogo, foi teólogo, escritor, mas foi principalmente poeta.

Seu porte, seu rôsto, seus gestos eram um soneto, cujo verso derradeiro, o sorriso. D. Aquino era uma poesia, tudo rimava nele, tudo nele era cadenciado. Declamava monologando, e dialogando, almoçando recitava Dante, que de cor o sabia todo; passeando repetia Camões que também fizera seu, tinha grande familiaridade com Virgílio, principalmente quando, a cavalo, percorria os pinturescos sertões de nossa Terra, compondo sonetos, que os escrevia na prodigiosa memória, trasladando-os depois para o papel, parado meditava quadras, balançando-se na tradicional cadeira compunha odes, de avião inventava hinos, sonhando metrificava e acordado redigia o sonho. Suas conversas, como nossas várzeas semeadas sempre de boninas, ou matas onde o paratudo e a piuva arvoraram as suas flores, eram borrifadas de versos e estrofes. Na prosa, nas charadas, nos deliciosos chistes, a poesia como o diamante dos nossos garimpos, brotava generosa da prosa dos cascalhos... D. Aquino foi principalmente poeta.

Isto notaram todos, desde o presidente da Academia de Letras Mato-grossense, até o mais simples de nossos patrícios: "Na personalidade do grande Arcebispo cuiabano, é José de Mesquita quem o diz," ressalta, como faceta das mais impressionáveis, o gênio mágico da Poesia, bem cêdo revelado e mantido galhardamente, até o fim. Poeta, mais que tudo, e acima de tudo, D. Aquino o foi, sem dúvida, e dos atributos que possuiu, enobrecedores e altíssimos, foi êste o que constituiu o seu mais lídimo padrão de glória... D. Aquino foi poeta em

tudo: poeta, como orador... poeta, como jornalista,... poeta, como apóstolo do Bem, enchendo a sua vida, feita de beleza e desprendimento, dessa luz cálida e vivaz da vera poesia, que clareia e aquece os corações. "A poesia de D. Aquino."

Poeta... o sonhador desperto, que da realidade faz poesia e na poesia encontra a sua realidade; não é o construtor de castelos aéreos, no pensamento dos que não pensam, é sim, um primoroso pintor que tudo revive reavivando, chegando a colorir até o preto da mais negra fatalidade. Tudo êle enfeita, desde o berço onde nasce a vida, até à tumba onde a vida morre ou aonde a morte vive. Ao poeta, tudo é mais belo; o nascente e o poente; o arrebol, o dia e a noite; quer escura, quer enluzada. Na madrugada mais triste há sempre um sabiá cantando. Nas tormentas mais pavorosas dentro das negras gargantas da noite, não falta uma perereca coachando, um pirilampo brilhando e um grilo "cricrilando." As flores são mais belas e perfumadas; as rosas, não têm tantos espinhos; as cascatas, são mais tagarelas; os rios e as florestas guardam mais segredos; o mar, é um eco incerto; o espinho é doce; o amargo, é agradável; a morte um alívio.

Há poetas pessimistas, não totalmente, paradoxo chocante; a maioria porém é otimista, senão, poetas não seriam. Vê o otimista mais flores que espinhos e o pessimista mais espinhos que flores, quando as enxerga. O enrugado rifão do pessimista em amuado bico desdenhoso: "como Deus é cruel, até nas flores coloca espinhos," contrasta com a florida verdade do otimista lábio sorridente: "quanto Deus é bom, até dos espinhos desabrocha flores, e quanto mais pungente o espinho, mais cativa e perfumada a flor."

O poeta é como a flor, que alegra a vida e disfarça a morte.

Proclama o povo: "de poeta, médico e louco, todos nós temos um pouco." É bem verdade essa tríade, que linda o verdadeiro ser humano. Louco; poucos, ou quase ninguém tem os parafusos ajustados e tecnicamente apertados. Médico; é a revelação da caridade que todo o homem conserva dentro de seu coração, "retratando as feitura de Deus" e querendo ser útil ao próximo. Poeta; para singrar na barca do otimismo os vagalhões de lágrimas que ameaçam sossombrar a humanidade.

E na terra o poema mais sublime é o poema materno, e quando inculca seus ensinamentos no coração dos filhos, é co-

mo douração à fôgo, que jamais se apaga, porque a poesia para não ser esquecida deve ser ritmada pelo compasso do coração e cadenciada pelas rimas do amor. Poesia é música suave, que deveria acompanhar todos os atos de nossa vida, música no Batismo, na 1ª Comunhão, na Crisma, na Ordem, música no Matrimônio, música no entêrro.

Não deve o homem ser um epicureu, mas não pode ser um séptico. É preciso saber condimentar todos os atos da vida com o tempero mágico do otimismo e da poesia. Não que a vida seja um menosprêzo universal. Caçoando da boa ou má sorte, ridicularizando a existência, analisando-a com aquela leviandade que faz do homem um indifereente ao bem e ao mal, ao vício ou à virtude, um apático à alegria ou ao sofrimento, ao gozo ou à dor, um cínico, um Votaire cuja bôca talhada para o escárneo, cortava-lhe a cara pelo têrço rasgando-a de orelha a orelha. Não se pode ser também um derrubado, um caído, um vencido, um desanimado... No meio a virtude, D. Aquino foi poeta; poeta primoroso, otimista, bem **intencionado**, encarando a vida em tôdas as suas facetas, fazendo-a como deveria ser e não como é.

Veja-se o que dele diz o eminente professor de Português, Nilo Póvoas: no seu mimoso trabalho sôbre "D. Aquino Educador":

"Poeta subjetivista, como os que melhor o foram, de um delicado lirismo lamartiniano, Dom Aquino procurou sempre a Religião e a Natureza para a inspiração de seus carmes, que ora são rosais floridos, onde esvoaçam borboletas multicores, ora são ondas do mais perfumoso incenso que sobem espiralando até o trono de Deus.

Os versos dêsse poeta mimoso ostentam um sincretismo todo original. São clássicos pela perfeição da forma e apurada correção da linguagem; são românticos pela liberdade da inspiração; são parnasianos, pela hierática solenidade escultural dos seus poemas, do ponto de vista da técnica, e finalmente são místicos, pela natureza religiosa da mór parte dos seus motivos.

Tôda a sua obra poética, palpitante de sentimentos e de emotividade, tão espiritual e tão bela, reflete a robustez e a sinceridade na sua fé e o seu acendrado amor à terra natal. Tôda ela é um abundante manancial de ensinamentos, um relicário copioso de educação cívica e religiosa. Na sua alma, cheia de candura e de simplicidade, pulsava fortemente um coração de poeta." (Dom Aquino Educador.)

O Prof. Francisco A. Ferreira Mendes sintetizando num magnífico trabalho "A Bondade de D. Aquino", não fugiu ao pressionante contágio do mavioso poeta: "Poeta mavioso, há na inspiração de seus versos, essa fibra nítida do seu ideal, do seu sentimentalismo votado ao misticismo da religião e da fé, da graça e da beleza no descrever a natureza pátria, tudo envolto na sonoridade do ritmo e da pureza da forma, a exaltar sempre sua crença nos superiores destinos da terra, que amou, honrou e dignificou."

O Dr. Gervásio Leite falando sobre "D. Aquino e a Tradição" apresenta estas belíssimas idéias, verdadeiras joias de refinada ourivesaria: "...Daí o "Terra Natal" que é, sem dúvida, toda a epopéia mato-grossense em versos de extraordinária pureza, definitivo na elegância das formas, no calor dos sentimentos, no arrebatamento de artista, cantor inextinguível da terra e da gente que pôde prender nos versos do seu livro Mato Grosso inteiro, a beleza de suas paisagens, as suas heráldicas figuras históricas, suas lendas e tradições, suas cidades, suas riquezas, tudo enfim que empolgava o artista supremo!

No seu discurso "A Natureza Mato-grossense na Poesia de D. Aquino" o Dr. Lenine Póvoas enumerando tudo o que êle canta de sua terra exclama: "D. Aquino é o poeta da natureza mato-grossense. Ela é a sua inspiração mais fecunda, mais bela e mais constante."

Já viste o Coxipó, nos seus primeiros passos, saltar da serra para a planície num bouquetão medonho, num tombo de mais de oitenta metros, e não recuaste assustado da beira do abismo, do formidável e impressionante horrído? Entretanto a pena do poeta, que ali é mais pincel de primoroso artista, enfeita aquelas rochas, elimina aquêle abismo, enfeixa aquelas águas num precioso filó e as deixa cair em ondas, que se vão abrindo para se espalharem aos pés da noiva, tal a impressão lendo o soneto "Veú de Noiva", que assim arrasta seu derradeiro terceto:

"Assim foi que, num píncaro da serra,

Quis Deus perpetuar, ó minha terra,

A festa virginal de teu noivado!

Já ouviste o canto do "Fogo-apagou"...

nos sertões da minha terra, quando  
 Numa tapera descambava o dia:  
 Uma pomba arrulhava e soluçando,...  
 Fogo-apagou! Fogo-apagou dizia...?

Nunca escutaste os latidos de um "Velho Onceiro", caduco, como "quem confiou no mundo ingrato e depois chora, as mortas ilusões dos seus amores?"

E o gemer saudososo da nossa "Viola", temperada para nós, rouca talvez para os outros, "a viola do sertão, a mais triste das violas!... Sentimental como a alma do matuto, alma, que é como a flo-da-paixão, flor de luto, melancólica flor, que até sorrindo, é triste?"

Ouviste o badalar dos "Sinos" da minha terra! Cujo timbre de bronze e de veludo,... aonde quer que eu vá, "seu éco me acompanha", tal como a voz convulsa do mar distante, em concha abandonada, e nessa voz, vive, pulsa e canta o coração da minha gente?"

Encontraste a "Tapera" abandonada, que êle não deixou nem destruí-la, nem desmorronar-se, transportando-a para a imortalidade em sua poesia, quando "do homem quase nada resta! e, no verdor da capoeira só negreja o esqueleto de aroeira, o bronze do sertão. "Entretanto lembra:

"A meiga avó de tranças já branquinhas,  
 Contava no terreiro as mil galinhas,  
 Os patos e os perus;  
 E o bando dos netinhos que passava,  
 As gaiolas em punho, ela os beijava..."

Floram trepadeiras nas janelas,  
 Onde a sinhá relia então novelas..."

Tudo passou! e do eden tão fagueiro,  
 Só resta hoje êste rôto pardieiro,  
 Sepulto no sertão..."

Tudo assim na terra, volver há-de  
 Em taperas, ruínas e saudade  
 Nada perdura em pé;  
 E o pobre do homem, neste mundo escuro,  
 Vive do que já foi, ou do futuro,  
 Vive do que não é!"

Ouviste o compassado toque, acompanhado do eterno gemido, lá no vale, onde o rêgo d'água canta,

E entre suspiros e ais, na árdua labuta,  
Quer fulja o sol, que os campos abrilhanta,  
Quer a noite amortalhe a rocha e a planta,  
Sempre solene, a sua voz se escuta..." O Monjolo?

Como o filho que volta ao primeiro ninho, remexendo cada objeto de sua casa, que esconde para êle uma lembrança, assim vai Dom Aquino, filho amoroso, dêste ninho cálido, bulindo com o coração da nossa gente e tudo em que êle toca não se transforma em ouro como a Creso, mas em saudades. . . e tangendo a corda empoeirada da esquecida viola, há anos abandonada num prego, relegada atrás da porta, daquela corda se levanta a poeira do passado, que acorda a saudade adormecida como um enxame de abelhas, que vão picar a lembrança e ressuscitar os mortos sentimentos.

Se és mato-grossense, sentirás uma alegria e santo orgulho ao percorrer com os olhos a tua canção, que descreve o teu Estado, desde o seu traçado no mapa do Novo Continente, "limitando qual novo colosso, o ocidente do imenso Brasil," a sua beleza sempre em flor, num berço golorioso, gentil, repleto das minas faiscante. Terra de amor, terra de ouro, terra noiva do sol, de céu todo azul, ofertando ao gado solto aos milhões, mimosas pastagens sem par, no verde planalto escampado e nos imensos pantanais como o mar." Passa depois da riqueza da fauna à opulenta flora dos virgens sertões, a fina hévea, a preciosa hervamate, que brotam entremeando as mil e uma qualidades de palmeiras. O sorriso do diamante nas grupiaras, os rios de águas cristalinas, mostrando a robustez de suas cascatas, prontas a dar generosamente a fôrça e a luz. Não se esquece daqueles que derramaram seu sangue pela defeza desta Pátria, lembrando a glória dêsses bravos que se expande de Dourados até Corumbá, rematando com belíssimo paralelo, entre o ouro generoso que brotou da terra e superado pelo amor mais generoso que brotou do coração de seus filhos.

Tanto bem quiz à terra, como verdadeiro poeta, que a transformou em "Ninho em Flor," e depois de tantos anos distante

“Quando voltei após tão longas viagens,  
A minha terra estava tôda em flor;  
Eram flores dos céspedes selvagens,  
Eram as flores mais gentis do amor.  
Morria a tarde em túmulo de rosas,  
E a choravam, num dueto, as juritis...

E êsse conjunto se lhe impôs tão solene que:

E me esqueci de tudo que admirava,  
Nos mais formosos parques de além-mar...

Pois se para A. Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.  
As aves que aqui gorjeiam  
não gorjeiam como lá.

Para Dom Aquino:

Minha terra é Pindorama  
de palmares sempre em flor,  
quem os viu e não os ama,  
não tem alma e nem amor...

D. Orlando Chaves, tem de seu irmão de episcopado e antecessor na cátedra de Cuiabá o mais belo elogio que se pode fazer a um poeta cristão: “Poeta inspirado e clássico, nunca se perdeu em temas fúteis ou escabrosos em que artistas da métrica muitas vêzes soem descambar. A musa de D. Aquino, foi sempre nobre, elevada e casta. Cantou em poesias que se tornaram célebres sua terra natal, com tôda a sua beleza virgem. Dedicou lindos versos aos moços e à mocidade do Brasil. Exaltou as figuras dos heróis da nossa História. Exaltou as figuras dos heróis da nossa História. Foi poeta altamente patrióta. Tornou-se um elevado poeta cristão dos mais delicados sentimentos místicos”.

Hélio Serejo tem estas pinceladas de artista entusiástico: “D. Aquino Correa, sublime arquiteto do verso, deu a tôdas as suas palavras empregadas em suas notáveis produções poéticas êsse “valor harmónico”, e indubitavelmente, em seus versos todos são verdadeiras festas de bom gosto, harmonia, graça, ritmo, melodia e inteligência. D. Francisco de Aquino

Correa, o sublime e extraordinário bispo-poeta, foi uma das mais vigorosas expressões da poesia brasileira".

Tavares Pinhão, em "Vultos Iminentes," pag. 119 e seguintes: "O sábio João Ribeiro, o consagrado filólogo reconheceu em D. Aquino Correia, que, "todos os sentimentos e coisas nobres inflamam o nosso poeta, a Religião, a Pátria, a mocidade, o heroísmo, a bandeira, o sacrifício", concluindo o seu louvor que as poesias de D. Aquino "dão à Igreja brasileira o seu primeiro poeta." E Ataulfo de Paiva continua citando: "Quem quer que haja lido Terra Natal, conter-se não pode indiferente ante a revelação do bardo que brandiu o plectro em plaga tão remota fremindo de são patriotismo, sem outras armas além do seu vivido amor ao solo que o viu nascer, a sua impertérrita virtude e aquela esperança por êle erigida em décima musa do Parnaso. "Terra Natal é um tesouro de arte, tornado mais precioso pela cívica inspiração que o anima inteiro. Cada composição que encerra é uma jóia burilada por mão magistral."

Dom Aquino foi poeta; poetizou em português, em latim, em francês, em italiano; poetizou desde o uso da razão, até perdê-lo na derradeira batalha com a morte.

Foi poeta, "pondo um sorriso côr-de-rosa em tudo," nas dificuldades, nas lutas, nas perseguições. Procurava sempre cortornar os obstáculos, quando não conseguia, enfrentava-os com aquela tão simpática, tão vencedora, tão poética naturalidade que, fôra êle advogado nenhuma causa se teria perdido em suas mãos.

Foi poeta otimista, pois que o otimismo é poesia, seja-o até o realismo, que não o pessimismo. "O pessimismo é a tristeza sem esperança. O mal não é a tristeza, senão sim, o desespêro, que, afinal, todo o coração de poeta traz dentro em si a nostalgia do infinito, como a concha, que arrebatada ao mar, guarda para sempre em suas valvas de nacar, a ressonância saudosa das grandes aguas distantes.

Alma de poeta será sempre como a pálida Mignon, a suspirar pela pátria, não pela pátria dos laranjais em flor, mas onde vice e esplenda a árvore eterna da vida". (T Natal pg. 36)

O pessimismo é o desespêro engastado na copa da espada da desilusão, antes é a lâmina dessa espada, que não poupa a flor da esperança porque tarda em se tornar fruto. O pessimista que escreve versos, não passa de pobre rimador, compositor de linhas metrificadas, não de poesias. Há poetas cu-



ja musa é nênia... e não deixam de ser poetas, pois o poeta consola e Deus, duas consolações, deu ao homem: o riso e as lágrimas. É poeta quem ri ou chora. O pessimista nem ri nem chora, o mesmo fogo que lhe consome o sorriso, queima-lhe as lágrimas.

Na mimosa revista "Hora Azul", o modesto escritor, no artigo "Sanctifica in veritate" escreve sôbre o grande brasileiro: "Poeta é exclusivamente cantor das obras do Altíssimo, da beleza de Nossa Senhora, dos heróis e das grandezas da Pátria... Não há em seus escritos, nem em seus versos uma palavra que destôe, uma expressão que manifeste sentimentos que "rastejam" ou sejam diversos daquêles que o levaram a abraçar a vida religiosa e abraçou-a na consagração sacerdotal. . . A personalidade do Arcebispo Dom Aquino Corrêa, é um prolongamento de Jesus... Poeta... De Jesus, que se embebia na contemplação dos lírios dos campos e seguia enlevado o vôo das avezinhas; que admirava tôdas as obras de Deus e as fazia motivos prediletos para ilustrar suas parábolas, para esclarecer suas lições, para mais e melhor inculcar nas almas suas prédicas."

Discute o mundo até hoje, sôbre quem leva a palma da poesia: Camões aos brasileiros e portuguêses, Dante aos italianos, Hugo aos franceses, Shakespeare aos inglêses, Goethe aos alemães, e eterna continuará a discussão, pois onde entra o interesse desaparece a justiça... Entretanto, tão fácil, tão claro, tão simples. O maior poeta, o verdadeiro poeta, o único real poeta de todos os tempos, onde todos beberam nele, continuam a inspirar-se, e dêle não se podem afastar, nem fugir à sua influência, pois na sua filosofia, na sua moral, nos seus feitos, na sua doutrina, na sua vda, todos tiraram sua inspiração e ninguém mais belas poesias escreveu. Anunciado quando a dor, os cardos, os espinhos, as pedras, a maldade, a calúnia, a malícia entraram no mundo, seu nome, foi a única bandeira de esperança, arvorada, para a desiludida humanidade. Quando a êle se referiam, os homens se tornavam poetas, compondo poemas, que nunca se tinha escrito, nem jamais depois alguém escreveu. Sua Mãe, essa Virgem, "eis que a Virgem conceberá e dará à luz um Filho," foi a maior de tôdas as poetizas, como o "Magnificat" a mais bela poesia de lavra feminina, não pela quantidade, mas pela sublimidade do assunto e pela multiplicidade de que foi inspiração. Tudo ao seu contato poetizava: a humilde Izabel, o circuspeto Zacarias, o octogenário Simeão, a silenciosa Ana; as 150 poesias que a

êle se referiam e que eram salmodiadas por uma inteira nação. Seu nascimento naquela noite que se converteu na mais bela de tôdas, immortalizada em tôdas as linguas e que tem gerado as mais ricas trovas, quadras sonetos, odes e cantatas, e continua multiplicando as inspirações, noite que por sí é uma poesia: a Noite de Natal; a criancinha no bérço envolvida em pobres paninhos, sua Mãe ao lado, seu modesto Guarda Tute-lar, a mangedoura, os animais, os pastores, os reis, e nos céus a estrêla a brilhar, os anjos a cantar, tudo são inspirações. Quantos estiletos, e penas diante daquele presépio se molha-ram nos tinteiros, nos corações e nas lágrimas de saudade, para immortalizar as tábuas, os papiros, os pergaminhos, as fôlhas de papel. Seu Evangelho, o mais sublime dos poemas; sua vida: "olhai as aves do céu... vêde como brotam os lírios do campo, nem Salomão em tôda a sua glória se vestiu como um dêles... o vento sopra onde quer, ouves-lhe o ruido, mas não sabes donde vem nem para onde vai..." foi um multiplicar das mais comoventes baladas, éclogas, idílios e pastorais. Sua morte na cruz, o canto do cisne, a mais dorida e eloquente elegia, gerando os epicédios mais comoventes que a humanidade produziu. Sua ressurreição o mais vibrante de todos os hinos, o hino da vitória sôbre a morte o verdadeiro e immortal triunfo da carne sôbre a decomposição e a tumba; único estribilho consolador que se entoa em todos os prantos, quando desaparece um ente querido, no debuxo do arrebol da nova vida que não tem poente. E o mundo se renovou com a nova cadência de seus versos, com a sublimidade de suas rimas, com a maravilha de suas estrofes. Não mais aquela tétrica senda ligando o bérço ao túmulo; os espinhos pululam mas as flores se multiplicam e os escondem sorrindo, as pedras ferem e sangram impiedosamente, mas as cristalinas fontes refrescam, lavam e curam milagrosamente; não foi abolida a sepultura ma em vez de indicar o fim de tudo, anuncia um novo e glorioso princípio. O homem não nasce mais para a morte mas para uma vida melhor. Sua métrica quebrou os grilhões, abriu as cadeias, aboliu a escravidão, irmanou os homens, dignificou-os, deu-lhes a certeza da vitória... e o cardo do pessimismo só vinga onde não desabrochou a flor do Cristianismo. Os sofrimentos não são mais castigos, são antes prêmios. Como as aves embaladas na ramagem pelo sôpro das brisas matinais, cantam seus discípulos sôbre grelhas, nas cruces, atados ao pau do martírio, nas fogueiras e sorrindo vencem as mortes mais duras e mais cruéis, entoando as magistras e sublimes rimas do

cristianismo. É a Boa Nova, a verdadeira Arte Poética, a mais poética de tôdas artes, a sublime poesia do Nazareno, de Jesus o maior poeta e Dom Aquino foi poeta, porque verdadeiro e fiel discípulo de Cristo.

Senhores; enquanto os homens são arrastados pela marcha destruidora, cruel, implacável e fatal das estações da vida, Dom Aquino arrastava consigo as quatro estações.

Nele havia perenemente a primavera, o verão, o outono e o inverno.

Ele tinha a primavera, naquele sorriso cheio de alegria, sorriso sincero, leal. . . era a primavera cheia de flores, de perfumes de santidade, cheia de borboletas multicores, das abelhas argumentosas e das libélulas inocentes, que pareciam esvoaçar naquela face amiga, simpática e querida.

Na sua palavra cálida, vibrante estuante de entusiasmo, de fé, de bondade, de patriotismo e de sinceridade, estava o verão, o calor, a vida, que fizeram de Dom Aquino, o mais vibrante orador mato-grossense e um dos maiores de todos os tempos desta Terra Brasileira.

Nos seus escritos clássicos admiráveis, cheios de frutos são e sazoados, sem o veneno do erro, da maldade, da malícia, frutos que sustentam contra os inimigos da Pátria, da Humanidade e de Deus, o outono daquela alma que só semeou o bem.

E o inverno? Naquelas cãs honradas, benfazejas, naqueles cabelos brancos, cabelos que o estudo foi tingindo e a meditação, o sacrifício, a virtude, a experiência transformaram em neve pura, que à maneira de coroa de prata, engastada de diamantes rodeavam o fulgurante solideo.

O Brasão de Mato Grosso que ideou, mas não foi que o seu programa: A fênix, ave eterna, que de suas cinzas revivia, foi ele que renasceu de seus escritos, de seus exemplos e viverá para sempre no coração e na memória do nosso povo. O pantanal como o mar, o seu coração cheio de benemerências e de grandezas como o coração de Dom Bosco. O céu azul, o manto da Auxiliadora com o qual sempre se cobriu, sua bela, inspiradora, a Rainha de seu coração. O braço, sua vontade férrea que o fez tão grande, pioneiro do bem e bandeirante das boas causas, do patriotismo, da fé, do saber e da virtude. O lema "Virtude Plusquam Auro", que não foi também o ouro que o fez grande, mas a força de vontade, a graça correspondida, e a fé.

Salve Cuiabá, terra de Dom Aquino, terra de cascalho e de ouro. Enriqueceste os outros, mas tu ficaste pobre. Alegra-te porém, pois tens um ouro muito mais precioso que aquêlê que te foi tirado; está guardado dentro de teu seio, saiu de ti e para ti voltou. Vale-te mais que os milhares de quilos que se escoaram do teu solo para outras nações, êsse ouro puro, o mais puro de todos que produziste e que ninguém te conseguiu roubar, foi o coração de Dom Aquino; êle há de entoar o canto de vitória sôbre a morte, como entoou o eterno hino de tua glória e da tua ressurreição...

**SALVE CUIABÁ DE DOM AQUINO!**

**SALVE DOM AQUINO DE CUIABÁ.**

---

---

## Palavras de Recepção:

**Acadêmico Gabriel Vandoni de Barros**

Foi realmente um prazer ouvir-vos, Sr. Acadêmico, Padre Raimundo da Conceição Pombo Moreira da Cruz. Aureolada pela veneração e saudade dêste auditório, a figura do egrégio ex-Arcebispo surgiu, sob o fascínio da vossa palavra, como num retrato de mestre. A segurança e delicadeza com que evocastes o vulto de D. Aquino Corrêa, a ponto de quase o sentirmos de novo vivo e ressuscitado nesta sala, bem demonstram o acêrto da Academia Mato-grossense de Letras, no momento em que vos elegeu, com uma votação não apenas expressiva, mas consagrada. Tôda aquela grande vida, suave e exemplaríssima, foi examinada com carinho e percuciência. Acompanhos comovidamente a trajetória daquele espírito, desde os primeiros lampejos até a ascensão, rápida e fulgurante, a que o impeliam os méritos da inteligência e da piedade.

Quando a Academia Brasileira de Letras escolheu Raimundo Magalhães Júnior para ocupar a cadeira de D. Aquino naquele sodalício, consultamos José de Mesquita se nos autorizava a convidar a novo imortal, em nome da nossa Academia, para visitar Cuiabá. Credenciado e com êsse propósito viajamos ao Rio, mas, alí chegando, soubemos que a posse estava marcada para dias brevíssimos.

Ressalta-se em Magalhães Júnior a sua portentosa capacidade de trabalho. Um cronista chegou até a escrever, naquela ocasião, que nem bem apresentara êle a sua candidatura, já o discurso de posse estava concluído. Se há exagêro, é êle bastante definidor da sua tremenda produtividade literária. O convite não chegou a ser feito, mas o que com êle visámos, antes de tudo, era que o novo acadêmico, tomando con-

tacto com o ambiente em que D. Aquino viveu e que tanto amou, visitando-lhe a residência e a biblioteca, vindo a Coxipó, ainda impregnado dos seus primeiros sonhos de rapaz, pisando, enfim, esta amorável terra cuiabana, e sentindo-lhe aquê-le tão envolvente e indiscutido fascínio, traçasse o perfil com um conhecimento mais amplo e autêntico do seu antecessor, sobretudo com calor humano mais profundo.

Assistimos à posse de Raimundo Magalhães Júnior. Sua oração representava sem dúvida um trabalho cheio de merecimentos, no qual, mais uma vez, exibiu os dotes de pesquisador erudito e incansável. Preocupado, entretanto, com o estudo dos demais personagens que lhe ilustraram a cadeira, deu-nos, proclamando-se ateu, uma impressão certamente lisonjeira e fiel, mas incompleta e um tanto rígida e fria, da figura admirável cujo pôsto naquele instante ocupava.

Quis o destino que a imagem do ex-Arcebispo, lá apenas esboçada, embora com vigor e firmeza, recebesse nesta Academia, e na palavra de um outro Raimundo, que também o sucede, aquê-le indispensável toque de simpatia e maior compreensão, sem o qual o retrato não estaria perfeito.

Aos que conhecem os vossos atributos de pintor, sr. Padre Raimundo Pombo, tão habil no manejo da pena como dos pinceis e da espátula, nada de surpresa haverá na constatação de que subestes apor, ao retrato anterior, o retoque exato e definitivo.

D. Aquino surgiu-nos diante dos olhos na sua devida estatura: a fascinação pessoal, a cordialidade gentilíssima, a alma afetiva, a invariável e serena bondade, a algeria, que nê-le era uma bênção celeste, as virtudes calmas e iluminadas. Em traços rigorosos marcaste as inumeráveis facêtas daquele cérebro ágil e culto e os atributos do prelado, do estadista, do "eterno estudante", à maneira de Rui Barbosa, do escritor, do poeta, do empolgante orador.

Para que o retrato esplendesse na sua justa expressão, juntastes às vossas tintas, como os artistas da Renascença, aquê-le pó de ouro verdadeiro, que no caso outra coisa não é senão o prestígio das vossas próprias letras, o encanto da vossa palavra e, ainda, o devotamento, sempre confessado, de discípulo filialmente amoroso e também muito amado.

Os escritores, como em geral todos os artistas, deixam entrever nos seus trabalhos um certo pendor, não apenas por

um tema, como por um pormenor, uma minúcia, que se diria percutirem-lhe o espírito, fazendo-se permanente lembrados no momento em que labutam, redigindo, pintando, compondo. Bilac não se esquecia das estrêlas, Vicente de Carvalho amava o mar e nas ondas encontrava o seu constante "ritornello"; Cruz e Souza sonhava a cada passo com alvuras e diafanidades. Outros insistem em raízes, espumas, ninhos, solidões.

Há alguns anos, num artigo para "A Cruz", procuramos descobrir o "Leitmotiv" das produções de D. Aquino e assinamos a sua apaixonada predileção pelas flôres. Dois dos seus livros se chamam "Flor de Alelúia" e "Uma Flor do Clero Cuiabano". As crônicas, publicadas aos domingos, denominava-as "Pétalas do Evangelho". O elogio do seu patrono nesta Academia, o padre-mestre José Manoel de Siqueira, botânico por sinal, recebe a epígrafe - "A primeira flor". Ao instalar o primitivo Centro Mato-grossense de Letras, dissera: "Se me fôra cometido a cargo projetar o escudo de armas ou antes o ex libris do novo instituto acadêmico, dar-lhe-ia por único brasão um dos símbolos heráldicos da beleza, uma rosa, por exemplo, inscrevendo-lhe em torno esta legenda sagrada - "pulchritudinis studium habentes - estudiosos da beleza". Para a imprensa católica sugerira o moto: "flores frutusque perennes" o mesmo da Academia Florimontana, instituída por São Francisco de Sales" em Annecy, e assim chamada "porque a destinava a congregar a fina flor da intelectualidade". E nem seria o caso de nos esquecermos daquela outra divisa famosa, que êle aponta aos estudiosos da "última flor do Lácio, inculta e bela", e vinha a ser "il piú bel fior ne coglie - colhe a mais bela flor", perfilhada pela Academia della Crusca, "célebre sociedade tão em flor antigamente na Itália".

As flôres, quasquer que sejam, desde a modesta flor do aguapé, das nossas baías nativas, até a flor do "edelweiss", que esplende no mais alto dos Alpes, já denominada por êle de "sempre-viva das montanhas", exerceram sôbre o seu coração de artista um sortilégio irresistível. Os seus livros trescalam, quase período a período os arômatas das nossas ribanceiras floridas ou dos nossos jardins caseiros, estrelejados de rosas. É com aguda paixão que êle nos põe a cada momento, sob os olhos, madressilvas e boninas, orquídeas e cravos, lírios e malmequeres. Comovia-se visivelmente ao tratar das singelas "boas noites" do seu tempo de noviciado, quando cole-

ga de Armindo Maria de Oliveira, alma irmã da sua e precisamente mais tarde, no seu dizer, a "flor do Clero Cuiabano". ..Que amáveis florinhas! "Reverente inclinava-se diante das rosas de Assis, "brotadas num dia, do sangue virginal do seráfico patriarca" e, também ao memorar aquelas flores modestas, espalhadas sobre o caixão mortuário de Frei Macerata, e que, segundo a lenda, anos após, se encontraram tão frescas e perfumosas como no dia do sepultamento. Viajando pela Chapada, em visita pastoral, contemplava sempre, com multiplicado prazer, aquela "pálida solânea, conhecida pelo nome vulgar e botânico de fruta-de-lôbo, que desabrocha pelos caminhos a sua flor lilá e doentia, triste como as saudades sem consôlo". Ao reler Heredia, jamais se sentira impassível ante os alexandrinos áureos da "Flor Secular" e das "Flôres de Fogo".

"Em flor", "à flor", "florir", "esflorar", "floração", "enflorar", "reflorescência", "aflorar", "desflorar", "florões", "enflorescer", encontram-se fartamente nos seus trabalhos. Todos os seus pensamentos são floridos. As flôres eram a sua preocupação contínua, o seu refrão mimoso e obsidente. Se quisesse parodiar Dante que, atendendo ao radical, mais gratamente chamaria de "Florentino", poderia êle afirmar, com rigorosa propriedade, "tutti i miei pensier parlan de fiore".

A graça, a vibratilidade, a clareza, o colorido, todo o encanto do estilo de D. Aquino Corrêa certamente advém em boa parte, do seu pendor por êsses mimos da natureza. Êle bem o dissera, a flor é uma síntese maravilhosa. Do seu estilo, aliás, se poderia dizer o mesmo que êle escrevera a propósito do São Francisco de Sales: "Páginas há que se diriam excessivamente melíferas, se não fôsem tão naturais e delicadas. Sentem-se alí ressaído de tôdas as doçuras; frutas açucaradas, mistos de leite e mel, **flôres por tôda parte**, vozes de rouxinóis que morrem cantando, um esvoaçar contínuo de abelhas melíficas, discursos, enfim, inteiramente perfumados desde a raiz até as fôlhas, com essa planta, de que êle fala chamada angélica, mas tudo isto tão espiritualizada, tão embebido num sainete delicioso de coisas celestes, que se não sabe como explicar, senão que os céus, segundo a bela expressão da Igreja, lhe chovessem n'alma o misterioso mel dos alveários divinos: "**melliflui facti sunt coeli**".

No volume "Nova et Vetera", onde reuniu as poesias mais antigas, reeditando as "Odes", às mais recentes e então inéditas.



tas, é curioso notar que a primeira do livro, com o título "Ao Divino Mestre", traz já a flor na primeira quadra, enquanto que a última produção do mesmo livro, datada de 1946, é um soneto decassílabo denominado "Flôres de Amendoeira".

Os seus "Hinos e Canções", êsses, então, são floridíssimos. Vêde apenas a estrofe inicial de alguns dêles:

Da "Canção da Minha Terra":

"Minha terra é Pindorama,  
De palmares, sempre em flor,  
Quem os viu e não os ama,  
Não tem alma, nem amor".

Do "Hino das Escolas Populares de São Paulo", intitulado "Flôres da Pátria":

"Somos flôres da Pátria querida,  
Que buscamos um raio de sol,  
Para abrirmos na aurora da vida,  
Como lírios em pleno arrebol".

Da "Canção das Noelistas":

"A cidade em flor, à beira mar, sorria  
Para o céu de esmalte, para o céu azul:  
Rebentavam rosas ao calor do dia,  
E gaiotas voavam sôbre o mar taful".

Da "Canção da Juventude Brasileira"

"Somos flôres desta terra,  
Somos flôres do Brasil,  
E o Brasil, todo, se encerra  
Em nossa alma juvenil"

" À Federação Mariana de Campinas"

"Somos filhas da Virgem Maria,  
Mãe de Deus, Virgem Mãe de Jesus,  
Ela é a estrêla que a vida nos guia,  
Flor do céu, flor de amor, flor de luz! . . ."

Do "Hino da Universidade Católica do Rio de Janeiro"

"Quão sublimes os vôos da mente,  
sôbre as asas da Ciência e da Fé!  
Desde o polen da flor, sobe, ardente,  
Os mistérios d'Aquele, que é!

"Ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, de Ribeirão Preto":

"Êste lindo Colégio, onde estamos,  
Ê de Nossa Senhora um jardim,  
Somos flôres, abrindo nos ramos,  
Reina aqui primavera sem fim".

Notai que mencionamos apenas as canções em que o "leit-motiv" aparece **na primeira estrofe**. Mas a relação sômente estaria completa se transcrevêssemos ainda a **quadra inicial** do "Hino a São João Berckmans", das "Costureiras de Jesus" (hino da "Obra dos Tabernáculos desta Capital), do "Hino a Santa Cécilia" (para o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo), do "Hino para o Jubileu de Prata do Colégio Santa Inês, de São Paulo", do "Hino para os Colégios das Servas do Espírito Santo", do hino "Ao Liceu Coração de Jesus de São Paulo" do hino "À Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, de Lins".

Se D. Aquino como vós, sr. Padre Raimundo Pombo, se dedicasse à pintura, seria um colorista violento, e só então poderíamos vislumbrar, naquele espírito nimbado de tão doces mansuetudes, a única nota de violência, esta, sim, real e inconstrastável.

Revendo o antigo escrito, publicado n'A Cruz", em que acentuamos essa particularidade do estilo do ex-Arcebispo, surpreendemo-nos com a sua data. Mais de vinte e dois anos decorridos! Já observastes, Padre Pombo, com aquela vossa congenial sagacidade, não raro acidulada com uma gôta de ironia, que decoramos "Os meus oito anos" como crianças e, quando vamos recitá-los, notamos, com grande espanto, já estarmos velhos.

Tendes o nome cercado pela fama de polemista ardoroso e nas vossas contendas nem sempre se poderá dizer que a ironia reponte em góticulas inofensivas. Usando a palavra "Raio" como pseudônimo, dir-se-ia tirardes dela o estímulo para a fulminação dos adversários. Mas, raro, o impossível acontece. Certa vez, um jornal de Corumbá estampou um soneto vosso.

Sonêto dos primeiros tempos. Não seria certamente uma obra-prima, capaz de fazer o homônimo Raimundo Corrêa retorcer-se de inveja. Aliás, nunca fizeste alarde dos vossos cabedais de poesia. O fato é que um desses críticos que às vezes se irritam na disponibilidade em que vegetam, achou de contar nos dedos aquelas sílabas e, com o "Tratado de Versificação" diante dos olhos, discorreu sobre esquecidas exigências dos decassílabos, rigores de acentuação na sexta e na décima, ou na quarta, oitava e décima, e proclamou vitorioso que um ou outro daqueles versos claudicava. Dias depois, surge a vossa resposta no mesmo periódico. Os que apreciam tais embates, excitados pela expectativa, seguravam nervosamente a folha impressa, prelibando o revide, sem dúvida ressentido e trovejante. Haveria algum pé-quebrado? Seria tão fácil o rebate com o dito famoso: os bons versos não têm pés, têm asas! Mas eis que o terrível polemista a todos desarma e decepciona, porque vinha pacificamente, com as mãos ambas estendidas, oferecendo-as à palmatória. Esrevíeis textualmente: "O meu sonêto estava de fato lamentável", "reconheci os meus erros" e os confessáveis (ainda textualmente) "para que o deslize de um não venha prejudicar aos demais". Aos que sintam dificuldade de acreditar, oferecemos dados mais exatos: "Tribuna", 1º de dezembro de 1936, 4ª página, título aberto em duas colunas, ao alto do canto esquerdo...

Mas a verdade é que este Pombo nem sempre se apresenta, como no episódio citado, com o ramo de oliveira no bico. Muitas vezes pede por empréstimo as penas de aves bem menos cordatas e arrulhadoras e dir-se-ia que o seu clima preferido é em meio às tempestades, como no caso das procelárias, quando os elementos se conflagram. E a imagem se justifica também porque os objetivos visados são invariavelmente nobres e altos.

E não ocultais o vosso amor pelas duras pelejas. Já o confessastes num discurso de paraninfo: "Entretanto, não vim fazer uma oração, pois de orador a Providência só me deu o ímpeto, próprio dos combates e batalhas precipitados, onde não há lugar para a reflexão, só para a luta".

Mas inegável é que existe na vossa palavra, sr. Padre Raimundo Pombo além da ardente e manifesta pugnacidade, um particular sabor que acorrenta e enfeitiça os auditórios mais diversos. Vossa oratória reveste-se dum estilo imaginoso e direto. Se às vezes se apresenta desataviada é para mais facilmente enlaçar os ouvintes.

Pelo alvorecer ou pelos fins de tardes, frequentemente se viam em Corumbá pessoas apressadas em direção ao Santuário, de Maria Auxiliadora, alertadas pelo terceiro toque das Missas ou das Bênçãos. Interrompidas respondiam: "Desculpe-me se não retardo a marcha para um dedo de prosa. Vou correndo para ouvir o Padre Pombo..."

Entretanto, é como escritor teatral que as vossas letras assumem uma importância verdadeiramente considerável e com elas vindes, em boa hora, emprestar a esta Academia um fulgor todo novo. No teatro, principalmente no teatro para a juventude, encontrais o vosso elemento natural. Conseguis comover as platéias até as lágrimas, como sabeis o segrêdo de agitá-las em manifestações da mais estrondosa hilaridade. Em certos arranjos cômicos, preparados para os vossos alunos, temos presenciado tão espantoso reboliço na assistência, que a ação passava a desenrolar-se em tôda a sala e não somente entre os bastidores. E nem há para um teatrólogo maior glória do que essa participação irrefreável do público, a ponto de os ouvintes se transformarem em atores.

Até nesta inclinação pelo teatro vos mostrais um perfeito salesiano. Ninguém desconhece o altíssimo valor atribuído por D. Bosco aos espetáculos no seu programa educativo. O próprio santo, nos tempos da sua mocidade aparecia nas feiras como mágico e prestidigitador. Tais truques conhecia, e com tamanha perícia os executava, que imprimia assombro nos rostos que o cercavam. Nem faltou quem por essa época, o denunciasse a autoridades religiosas como praticante de bruxarias. Mais tarde, para atrair os rapazes do povo aos seus "Oratórios Festivos", à sua "Sociedade da Alegria", lançava mão de sainetes cômicos, por êle mesmo redigidos e encenados. Explicando um ponto do seu sistema pedagógico e referindo-se aos alunos, escrevera D. Bosco: "Dê-se-lhes ampla liberdade de saltar, de correr, de fazer barulho à vontade. Ginástica, música, declamação, teatro, passeios, são meios efficacíssimos para a disciplina, para a moral e para a saúde".

Em 1880, visitando um colégio salesiano do sul da França, soube que haviam preparado a representação de uma opereta para recebê-lo, mas o menino que fazia o principal papel, ficara rouco. A platéia já estava repleta e ansiosa. Seria necessário suspender a festa. Da primeira fila, D. Bosco pede que lhe tragam o pequeno artista e cochicha-lhe ao ouvido: - Sobe ao palco sem medo; emprestarei minha voz para você...

Centenas de pessoas testemunharam a maravilha. Durante o espetáculo, D. Bosco estêve rouco, enquanto o menino, de garganta livre, cantava com a bravura de um tenor.

„A Múmia de Tibiriçá”, peça em três atos, publicada pela “Revista das Leituras Católicas”, em novembro do ano passado, é uma excelente expressão do vosso teatro cômico. Há cenas de estupenda fôrça explosiva, em que as gargalhadas da assistência obrigam, repetidas vêzes, os artistas a paralizar os diálogos. As confusões, os quiproquós, as correrias e atropelos são engendrados com uma riqueza tão vigorosa de trama que nos relembram as peças mais famosas de um Goldoni, para a Commedia dell’Arte, ou do nosso patricio Martins Pena.

Em determinado instante, ressuscitado no palco o cacique Tibiriçá quer saber, do criado da casa, por onde andam os seus contemporâneos.

Eis o diálogo:

- “E Mem de Sá?
- Fifiu! . . . .
- E D. Sebastião?
- Fifiu! . . . Alcácer Quibir!
- O que? E Padre Nobrega?
- Fifiu!
- E Padre Anchieta?
- Fifiu!
- Impossível!
- Nada, meu caro cacique; são passados 400 anos” . . .

Imaginal agora o velho morubixada em presença das invenções dos tempos modernos e as explicações jocosas do criado, às vêzes terrivelmente amedrontado pelo tacape do bugre:

- “Não é telefonso. É telefone. Um aparelho destinado a dar trotes e a falar com gente distante”.

E o infalível remoque:

- “Mas deve ser usado quando não se tem pressa”.

Para que servirá a televisão? O garoto da casa explica:

- “No tempo da política, para xingar os candidatos e no de paz para não deixar a gente dormir, principalmente quando o vizinho não tem desconfiômetro”.

O criado acrescenta:

- “Isso! O rádio serve para trasmitir conversa mole e a televisão para jogos de futebol”.

Há um largo e oportuno consumo de gíria indispensável nos visados efeitos cômicos. Surgem personagens de língua atrapalhada:

— Oh! Está aqui a professora maluca! **Do you speak English?**

E o outro:

“Não explico nada”. E aumenta a confusão mandando-o entender-se com o índio, já então de sobreceño tempetuoso.

Depois de peripécias movimentadíssimas em que Tibiriçá descreve ao vivo, uma luta com os aimorés e vibra em cena rijamente o tacape, tornando-a deserta, porque os interlocutores se escomdem por baixo de mesas e poltronas, vem uns esclarecimentos sôbre regimes políticos:

— “Democracia é um banquete. O povo escolhe quem nêle deve tomar parte. Entra com mesa, pratos, cadeiras e comida. Assiste a êle de fora e já se dá por contente quando lhe deixam bater palmas, de estômago vazio, aos de barriga cheia. Quando o escândalo da bebedeira é demais, resta-lhe o direito de protestar e dar vaia”.

Tibiriçá mostra-se curioso:

— E o povo, de que vive?

— “O Povo? Do cheiro, água, palitos, promessas e o direito do voto...”

O bugre ouve uma definição de ditadura e indaga:

— “Então, qual é a diferença?”

— “Na democracia o povo vive de esperança.... e na ditadura o povo vive de saudade.”

Mas há também a “democracia russa”.

— “Falar é difícil, inconveniente e perigoso. Vou explicar o que é democracia soviética, pois também êla só existe na pratica. Ponha o revolver no peito dêle. (Tibiriçá obedece e o ladrão amolece). Agora lhe pergunte: “Vai ou não vai?” Se falar “não”, puxe o gatilho sorrindo...”

Também as marcações são hilariantes: “Tibiriçá mete o revólver nas costelas do Ladrão, que sai requebrando.” Outra: Tibiriçá entra em cena “com roupas apertadas, chapéu de qualquer jeito, gravata como cinturão, suspensórios, camisa de trás para diante, paletó na mão e mancando até o fim.”

Todos os pormenores estão previstos. Vocação perfeita de teatrólogo, o autor transforma-se também em diretor ou re-

gente e sugere hábeis efeitos de montagem. Se tem o elenco sob as suas vistas e lembrando-se de que manipula as tintas, pinta êle mesmo os cenários. Quando aluno e clérigo, também representava e tornaram-se famosos muitos dos seus desempenhos.

Contam-se por dezenas os vossos dramas e comédias: "Heróis Hodiernos", "Caduquices de avô", "A Educação Moderna", "O Sinal Misterioso", "O Último Pelotão", "O Capitão Jaguar", "Uke Wagu", "O Preço do Perdão", "Hosana Crucifige - Ressurrexit", tantos e tantos outros. Mas não deixemos de mencionar "A Estátua de Zé Carrapeta" e aquela inovidável e arrepiante, terror e júbilo das platéias juvenis, e não apenas juvenis, mas de tôdas as idades, intitulada "A mulher sêca do Cai-Cai".

Inúmeros os contos, apólogos, pequenos trechos de finalidade educativa, traçados para a meditação e a edificação da mocidade. Frutos, todos êsses, do vosso incansável labutar, nos breves instantes de que vos podeis valer, no intervalo das aulas e daquele permanente contacto com os alunos, sempre recomendado por D. Bosco, alunos que são a glória, mas também, como êle próprio o dissera, o cilício dos salesianos.

Redigindo com excessiva rapidez, na ânsia de aproveitar e valorizar o tempo, mais de uma vez ocorreu que, no espaço de uma noite, compusésseis uma comédia ou um arranjo satírico, tomando para exemplo a fertilidade rara de Tirso de Molina, também eclesiástico, que outro não era senão Frei Gabriel Tellez, como vós apaixonado pela ribalta.

Dentre os trabalhos do gênero dramático, talvez sejam os três atos, graves e intensos, dos "Heróis Hodiernos" os que elaborastes com especial carinho, e não terá sido sem razão que o professor José de Sá Nunes, com a dupla autoridade de filólogo e pedagogo, os qualificou como uma jóia da literatura brasileira". Foi comovidamente que assistimos à sua representação por um grupo de alunos do "Ginásio Santa Teresa", da cidade corumbaense, emoção tanto mais autêntica porque regressávamos por aquêles dias, duma viagem às terras de Espanha, onde os trágicos episódios encenados se desenrolaram e onde ainda encontramos o rastro negro das selvagerias comunistas, impresso nas igrejas incendiadas e nas imagens mutiladas dos santos.

Pensando nesse drama, vemos que, com justiça, poderíeis também dizer, sr. Padre Raimundo Pombo, à maneira do admirável Padre Rodolfo Casanellos, um dos personagens cen-

trais do entrecho: "Nunca recusei nada ao meu pais; a vida que tenho sacrifiquei- pela salvação da juventude, e pela mocidade abandonei tôdas as esperanças e ilusões, tudo para dar a pátria homens de caráter que a governem no dia de amanhã, segundo os traços predeterminados por Deus".

No mesmo instante em que ouvíamos aquí a oração acadêmica do novo titular, da poltrona número quatro - sôbre o seu eminente antecessor, ambos discípulos do Santo de Turim, - em Corumbá, com aplausos da população, sob as bênçãos do grande céu e as saudações dos "flamboyants", que se apressaram em florir, estará o Govêrno Municipal denominando "Praça D. Bosco" àquela em que se encontra o Jardim Público e "Rua D. Aquino Corrêa" à que passa em frente ao "Ginásio de Santa Teresa". Nos fastos da legenda salesiana em Mato Grosso ficará o dia de hoje marcado num destaque relevantíssimo.

O grande Arcebispo apreciava, no mais alto gráu, as vossas letras, sr. Padre Raimundo Pombo, principalmente o vosso singular virtuosismo no trato do gênero teatral. Mais de uma vez lamentou que os afazeres de professor de várias cátedras e Conselheiro Escolar não vos permitissem dedicação mais assídua aos labores literários.

Era de há muito esperada vossa presença nesta Academia. A partir da solenidade dêste outro noviciado que aceitastes, para honra nossa, passareis a ser um dos seus elementos mais admirados e ilustres. E se D. Aquino Corrêa pudesse baixar da refulgente Glória, aonde a inteligência e o coração o levaram, para trazer-vos nesta hora uma palavra de afeto certamente vos diria:

— Meu amigo e meu irmão, vinde sem constrangimento. E notai como, para receber-vos, esta Casa se mostra tôda em flôr!.....



Cadeira nº 30

Patrono:

Manoel Espiridião da Costa Marques

Discurso de posse:

Acadêmico Francisco Leal de Queiróz.

(Elogio de Otávio Cunha)

---

---

## Discurso de posse:

**Acadêmico Francisco Leal de Queiróz**

Conheceis - por certo - um Tribunal chinês, como no-lo narra F. Mendes Pinto, em sua policrômica "Peregrinação": uma grande casa, de forma de Igreja, pintada tôda de alto a baixo de diversas pinturas e estranhos modos de Justiças, que, algozes simbolizando gestos medonhos e espantosos, applicavam em todo o gênero de gente; os letreiros, ao pé de cada um daqueles paineis, descrevendo: para êste tal caso, êste gênero de morte. De maneira que, na diversidade daquelas estarrecedoras pinturas, em que se punham os olhos, se declarava o gênero de morte que se devia a cada gênero de culpa, no rigor da Justiça, ordenada nas leis do tempo.

Sou eu, agora, quem se apresenta, neste instante, diante do tribunal da vossa generosidade, neste cenáculo beletrista, quando me acolheis, carinhosamente, no seio fraterno daqueles que honrando as letras e as artes bororas, na perene exaltação fremente da terra natal, compõem e dignificam êste augusto sodalício. Rogo-vos clemência. Fosse o julgamento sob os humbrais daquele tribunal chinês, já, por certo, me estaria destinado um gênero de condenação, ao ser-me sentenciada a imortalidade acadêmica, pretendida sob o patrocínio da fidalguia e da tolerância dêste silogeu, tão cioso das suas glórias e tradições. Mas, reporteime à vossa generosidade. Eis porque, à semelhança da violeta humilde e recatada, que se ergue junto à própria terra agreste, para não ambicionar, jamais, os canteiros dos jardins luxuosos, nem a vertigem das alturas dos soberbos cerros, para contentar-se com a sombra amiga da sebe desprotegida e a voz fatigada de um regato melancólico, desejo, tão sòmente, experimentar o frêmito inebriante e o júbilo sublime que animam a alma magnânima dos meus insígnos confrades e comungar do vosso pão espiritual, na magia fascinante e arrebatadora, com que as lendárias multidões dos deuses afagavam a volúpia crepitante dos geniais herois de antanho.

Jamais, eu suporia que minh'alma refletindo, imprecisa e descompassadamente, os anseios dos meus tímidos sonhos juvenís, fosse, um dia, despertada para consagrar-se entre vós, onde trinta e nove estrelas de primeira grandeza, no mundo da intelectualidade matogrossense, aqui, cintilam gloriosamente, irradiando neste augustíssimo recinto inexauríveis raios de Ciência e de Saber.

Foi a poesia, sobretudo, que me trouxe nas suas asas rutilantes, arrebatando-me para o esplendor dêste acontecimento com que me estais mimoseando, neste instante, porque

Há sempre um sonho para ser rimado,  
Há sempre um verso para ser cantado...

E,

Na dourada quadra da existência,  
em que nossa alma de sonhos repleta,  
desperta,  
voa no ardor da adolescência,  
não há quem não deseje ser poeta.

A nossa Musa, então adormecida,  
acorda,  
vem solar à nossa cabeceira,  
embalando em rima enternecida  
os versos que a nossa lira cristaliza.

Ah!...

Que mais que ser poeta então queremos,  
se com versos a ventura almejamos  
e até o mundo se pode conquistar...

D'Annunzio - o excelso -, nas páginas de um dos seus mais festejados escritos, disse: -"O verso é tudo. Na imitação da natureza nenhum instrumento de arte é mais vivo, agil, agudo, vário, multiforme, plástico, obediente, sensível, fiel. Mais compacto do que o mármore, mais maleável do que a cêra, mais sutil do que um fluido, mais vibrante do que uma corda, mais luminoso do que uma gema, mais fragante do que uma flor, mais afiado do que uma espada, mais flexível do que um junquilha, mais acariciador do que um murmúrio, mais terrível do que um trovão, o verso é tudo e tudo pode. Pode exprimir as mínimas vibrações da sensação; pode defi-

nir o indefinível e dizer o inefável; pode abranger o limitado e penetrar o abismo; pode ter dimensões de eternidade; pode representar o sobrehumano, o sobrenatural e o ultra admirável; pode inebriar como um vinho, arrebatá-lo como um êxtase; pode ao mesmo tempo possuir o nosso intelecto, o nosso espírito, o nosso corpo; pode enfim atingir o absoluto”.

E ninguém mais do que Otávio Cunha foi poeta, nesta Casa. Escutai-o:

### O PÃO DA ESMOLA

Desde cedo (e vai alto o claro dia)  
anda o pobre a bater de porta em porta...  
e é cego: - é o seu bastão que leva e guia  
seu corpo - efígie de esperança morta...

Ninguém lhe mostra amor, nem o conforta;  
a sua noite deve ser bem fria;  
seu dolente penar minha alma corta...  
Nunca o unguirá o nardo de Maria!

Penso até que sou tú, irmão mendigo,  
ou igual a ti num tempo, há tempos, findo  
esmolei, andei, só, não tinha amigo!...

Fui pobre, trouxe às costas a sacola,  
estendia a mão côncava, pedindo...  
É difícil ganhar um pão de esmola!

Seus versos são o seu retrato, cinzelado na cadência das rimas que exprimem a sua própria vida, falando bem alto de sua alma embriagada de castelos, estarecida de amor, sôfrega do que era belo...

A glória do patrono da poltrona nº 30 - Manoel Esperidião da Costa Marques - cantada por Otávio Cunha, com invulgar fulguração, é uma preciosa gema, que, jamais será sobrepujada na sucessão dos seus futuros titulares. Um poema. Traçou-lhe com justeza o perfil, pondo em relêvo os primores de sua atuação:

“.....e foste tu, alma heroica e boa, e foste tu, Manoel Esperidião, o eleito do meu querer, o preferido pela minha vontade.

Alguma cousa eu havia lido de ti, da tua vida. Muitos louvores, de boca em boca, eram entoados ao filho de Poconé. E eu vejo a tua infância, e, lá, o teu berço nesse torreão de pedra,ilhado meio ano, nessa cidade que Antonio João glorifica na consumação do heroísmo que enobrece um povo. . . . e eu te vejo, na infância, como as garças brancas de tua terra hospitaleira, que voam em tôdas as direções, de Norte a Sul, de Leste a Oeste percorrendo os mares doces e as campinas verdes, reluzentes do teu ninho natal, pousando nas cordilheiras. . . e penso que a ansiedade de querer e de amar o bem crescia no teu espírito que é o que eu procuro: os extremecimentos de um sentir nobre, de um desejar constante, de uma aspiração elevada, de uma coragem espartana, de um civismo puro, de um perfeito amor à Pátria revelados mais tarde nos teus escritos, proclamados na tua ação! E aos quatorze anos de idade, em 1873, foste para o Rio estudar, recebendo o grau de Engenheiro em Minas pela Escola de Ouro Preto, em 1882. Indispensável, imprescendível condição de se arrancar do eu, esse bairrismo provinciano, aldeão, é esse jorro de luz que o espírito recebe num grande centro, ao convívio com filhos de todos os Estados que constituem a nossa cara Pátria.

Em Esperidião tudo é harmonia: Um pedaço da antiga Vila Bela é uma parte do Brasil que merece tanto carinho como a Capital da República porque é uma componente do tudo. Cada homem, dos nossos, é um elemento valioso que tem a responsabilidade da defesa da Pátria. Quando Esperidião chegou formado a Cuiabá, colaborou na fundação de um Externato, do qual foi professor, partilhando assim o seu saber com os seus jovens coestaduanos. Indo residir em Cáceres, onde a política o atraiu, foi eleito deputado geral no Ministério João Alfredo e na Câmara trabalhou na confecção da Lei de Treze de Maio, da Lei Áurea, na abolição da escravatura: a realização do sonho do sublime poeta das Espumas Flutuantes. . . . a glorificação de Nabuco! E na sua vida política, onde por várias vêzes foi eleito deputado provincial, novos horizontes se descortinavam a fim de premiar o seu valor se a sua vida se prolongasse mais. . . É que Esperidião, adiantado pela ilustração, avançado pelo critério sadio, grande pelo despreendimento de si mesmo, seria levado, a tôdas as posições, como o foi a algumas pela utilidade necessária de suas idéas, de seu valor moral, de sua fibratura heróica, de que todos precisam para o bem comum, e não pela vontade própria guiada por inconfessáveis interesses de mando, de predomínio, en-

feitado de orgulho. A alma simples da gaivota poconeana vestia ou manto branco da pureza ou a ou a túnica alvinetente dos sonhadores. . . dos poetas: educa, observa, descreve, canta, se apieda, adivinha, clama, suplica, pede e se atira à luta em prol da paz, e se arroja a morte em prol da vida. . . Educa os seus conterrâneos para que a Pátria tenha grandes homens. Observa e descreve um rincão desta Pátria para que sôbre ruínas se amontoem ruínas. Observa e descreve as riquezas que mais tarde a pobreza não nos amesquinhe perante o olhar estrangeiro. Canta e suplica e clama numa prosa sussurrante como um poema de meiguice, às vêzes, e outras parece um blasfemo, praguejando contra os responsáveis pela agonia de velha cidade de Mato Grosso, que contempla em tôdas as direções um dos mais ricos vales do mundo. . . Apieda-se! e é magnífico apiedado! Pela sorte dos escravos, recitando maquinalmente, escapando-lhe dos lábios, disseram-me, versos do "Navio Negreiro" do poeta baiano: "Colombo fecha as portas dos teus mares!" Esse adivinho teve a suprema ventura de ver a supressão da mais odienta instituição que já tivemos, e de ver seu nome ligado à glória do 13 de Maio: a nossa igualdade humana: que alegria infinita deveria ter inundado o coração dêste homem quando raiou o dia em que as senzalas perderam o nome, as mães tiveram a certeza de que os filhos lhes não mais seriam arrancados dos seios e de bem juntinho do coração, o tronco e o azorrague perderam a cruenta utilidade e quanto goso não sentiu o seu pensamento de privilegiado se demorando, concentrado, nesse grande passo de civilização de um povo e de confraternização de raças que numa só raça se confundirão! Não há pelas suas excursões um ataque aos aborígenes em zonas por eles habitadas, a essa raça a que tanto Anchieta se dedicou e da qual tivemos heróis como Felipe Camarão!

Esperidião, a tua viagem sôbre o vale do Baixo Guaporé, desde a cidade de Mato Grosso ao forte do Príncipe da Beira, li-a, e parecia-me que eu ia contigo, ao teu lado, ouvindo-te, nesse frágil batelão, tripulado por intrépidos caboclos, aos quais a incerteza não intimida, porque o Chefe nunca se intimidava. Li-te na exploração do Alto Guaporé, na qual passaste 18 dias cada qual mais temeroso, alguns havendo em que o ceu irado despejava chuvas, ribombavam em cóleras os trovões e a treva não deixava os astros brilhar. Não pretendo seguir-te mais, e fico a contemplar-te o espírito.

Sejas Bendito! E é pelo amor que dedicaste à velha e moribunda cidade dos Capitães Generais, que te pagou tanto carinho com a morte, tão feia ingratição, como temendo que não voltarias lá, para acariciá-la e revê-la e pugnar pelo seu levantamento, o que já tinhas feito com todo o calor de tu'alma sublime, e é por êsse amor teu que eu a não amaldiçoô. Não mais quizeram a antiga Vila Bela e o seu espelho opaco o Guaporé - que os teus cuidados se dedicassem nem mesmo aos teus, quanto mais a outras regiões, e temendo que não mais voltasses, a velha e outrora opulenta cidade te abriu o seio adotivo, como se fosse um seio mater, para guardar teu corpo eternamente.

Mas, patrono meu! Eu te busquei o espírito: a tu'alma de poeta que compreendia o riso e o pranto das velhas árvorse guaporeanas, agitadas pelo vento e que te falavam, saudando-te a tua passagem e te conheciam e te amavam; a êsse espírito que bendizia a música dos charcos e se compadecia do ninho que o vento derrubava; êsse espírito que cortava com as azas célebres do pensamento, como as gaivotas da tua terra natal; êsse espírito observador, persistente, santificado pelo saber, iluminado pelo bem. . . . êsse espírito não há túmulo que o encerre, Vila Bela, rainha destronada, hoje é meu, e paira por sôbre mim como um pálio de fé em que me abrigo, a hóstia santa da luz que me esclarece.

Bendito sejas, meu patrono!"

Não tentarei, por impossível, acrescentar mais nada. O meu inexcedível e querido antecessor foi total.

Otávio da Cunha Cavalcanti: filho de Feliciano da Cunha Cavalcanti e Dona Rosa Amélia Cavalcanti de Arruda Câmara. Nasceu em Goiana, Estado de Pernambuco, no dia 18 de maio de 1882. Bascharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, tendo colado grau em 1906. Em Recife, militou na imprensa, onde foi redator do "Diário de Pernambuco". Foi Promotor de Justiça na Comarca de Gunrupá, no Estado do Pará. Em 1912, veio para Cuiabá. Aquí, constituiu família. Exerceu o cargo de Procurador Fiscal da Fazenda Nacional. Ingressou, posteriormente, na magistratura e foi juiz de direito nas Comarcas de Poconé, Rosário Oeste e Cuiabá. Em 1930, foi promovido para o Tribunal, onde se apresentou. Era membro da Academia Matogrossense de Letras. Jornalista. Faleceu em 15 de outubro de 1958.

Era, assim, nesta simplicidade nua, que Otávio Cunha - jurista consumado, o poeta inimitável, o jornalista desassombrado - desejava que se registrasse a história de sua vida. Ouví-o, muitas vezes: exaltava-me para os trabalhos na Assembléia Legislativa, nunca se furtou a guiar-me nas primeiras lides do ôfro, quando solicitado dava-me a mão nos emtes jornalísticos, a que me propunha.

Mas, Otávio Cunha era, sempre, o poeta. Escutêmo-lo novamente:

### O CUIABÁ

Aqui - és largo e fundo, de águas claras,  
mas eu já fui à tua cabeceira...  
és um riacho a tocar músicas raras,  
entre pedras, correndo a vida inteira.

Estás sempre com pressa e, lá, disparas  
de pequena em pequena cachoeira...  
queres leito maior de pedras caras,  
e ainda estas a aluir serra e pedreira...

És tu, Cuiabá, um dos maiores rios,  
e carregas no dorso, côm de prata,  
ubás, vitórias-régias e navios...

Mas quem o faz glorioso quanto os Andes,  
são veios de água, filhos bons da mata...  
Sempre os pequenos a fazer os grandes!

Um célebre poeta polaco, descrevendo em magníficos versos uma floresta encantada do seu legendário país, imaginou que as aves ali nascidas, se por acaso longe se achassem ao pressentir aproximar-se a hora fatal, voavam para expirar à sombra das frondes do imenso bosque onde tinham nascido. Otávio Cunha chorou, nas cascatas magistras dos seus versos lapidares, ao pressentir que já lhe era impossível retornar ao seu heróico Pernambuco:



## A ESPERANÇA

Verdes-mares beijando a asa-branca de sonho  
 Que vai na rota azul de uma enseada bendita!...  
 Os desterrados suavisa... Ao cárcere medonho  
 Desce... e a alma eleva Deus para a crença infinita!

A Esperança... (É a patena onde o afeto deponho)  
 O ermo povoa... a dor aplaca... o céu limita...  
 E a benção que alivia o martírio tristonho...  
 O lampejo da fé que a pátria ressuscita!...

A água-santa que lava a côr negra das pragas...  
 A esmola que abre o céu da bemaventurança...  
 O naufrago a lutar pela vida entre as vagas!...

Mansuetude de Cristo - entre espinhos e lança!...  
 A paciência de Job - sob o fogo das chagas!...  
 (Ai de nós, meu amor, se não fosse a esperança!)

Hoje, glorificamos a sua existência, repleta de ardentes serviços prestados à causa comum. E afigura-se-me, neste momento, um sonho acalentado e uma honra memorável:

um sonho acalentado, porque ao receber as insígnias da Academia Matogrossense de Letras, realizo um desejo, a tanto anhelado, para cujas refulgências estelares ostento o próprio coração envolto em chamas de encantamento;

honra memorável, porque imerso na fragância dulçurosamente acariciadora do vosso perpétuo convívio, quando teima uma lágrima indisfarçável rolar célere, dos meus olhos para a gratidão perene ampará-la. Sim, uma lágrima...

Lágrimas,  
 um soluço da tristeza  
 O bálsamo que alivia,  
 acaricia,  
 um pranto de saudade.

Vi-te  
 numa face que curvava  
 ao catre  
 do filho moribundo;

ví-te  
n'um adeus de despedida  
encher dois pares de cristal...

Lágrimas  
que oscularam  
o rosto santo de Maria Mãe de Deus.

Lágrimas de moço,  
peregrina fonte d'água  
que se perde  
na areia do caminho.

Lágrimas de velho,  
caudal encaichoairado  
descendo,  
em silêncio,

...os abismos do passado.

---

---

## Discurso de Recepção:

Acadêmico Pe. Wanir Delfino César

Não é, certamente, por mera figura de retórica ou simples hipérbole, que digo estar hoje a Casa Barão de Melgaço restaurada e engalanada para receber-vos, meu prezado amigo Dr. Francisco Leal de Queirós. Graças à alta compreensão do Governo do Estado, o nosso prédio se encontra digno do momento, numa coincidência notável, que nos fala, intimamente, da alvissareira esperança da nossa querida Academia que se lhe inaugure uma nova fase de prosperidade fecunda à qual venha dar o seu concurso eficiente o vosso espírito culto e dinâmico, talhado assim para as grandes empresas, entre as quais não se pode menos de colocar, em primeiro plano a que constitui a razão de ser desta Casa: a Cultura.

Acompanhando o surgimento do vosso nome, no cenário da vida mato-grossense, onde êle se impõe a cada passo pelos imperativos do vosso caráter, iluminado por uma inteligência, que se distinguiu entre a moderna geração da nossa terra, a nossa Academia, sempre norteada pelo anseio nobilitante de conquistar os valores que a dignifiquem, foi buscar-vos para esta eleição, que os que ainda não desdenhamos dos atributos superiores do espírito humano, consideramos honrosa.

É de praxe, na Sociedade que se prezam, admoestar, por assim dizer, os recipiendários ou noviços da sua comunidade a respeito dos seus objetivos, das lutas que o envolvem, das circunstâncias do momento e de como deverá haver-se nos múltiplos aspectos, que a luta pelo ideal colimado oferece-lhe nas refregas da sua conquista.

Por isso, não há de antolhar-se-vos para notado que assim procedamos nesta hora em que vindes jurar, no templo augusto das letras, aprestando-vos desta arte para a cavalaria perene em defesa do sublime ideal, que nos congrega.

A preservação do nosso patrimônio intelectual, a defesa da cultura e o seu desenvolvimento, constituem os motivos principais da existência desta Instituição. E isto não se realizará sem um ambiente propício à vida intelectual, em todos os setores da atividade social.

Ao receber-vos hoje, em nome desta douta Academia, não há de se antolhar para censurado que, fugindo eu um pouco ao estilo, me valha da oportunidade para falar do sublime ideal desta Casa de que vos professais, agora, em paladino. É grande a luta que deveremos enfrentar, por vê-lo gloriosamente vitorioso, em meio a um mundo em que se postergam, ostensivamente, os reais valores do espírito, em troca do tecnecismo e da ambição desenfreada pela posse do material. Perderam os homens aquêle senso superior, que levava São João da Cruz a dizer "um só pensamento do homem vale mais do que o universo inteiro".

A vossa atividade, meu prezado amigo, vem distinguindo-se principalmente, na ordem política. E nem se diga seja ela indiferente ao programa desta Casa. Em tempos em que a política não era apenas um artifício técnico vazio de espiritualidade e um jôgo de interesses do homem, contrários aos fundamentais interesses humanos, não se viam abismo entre os que dirigiam os negócios públicos e os que cultivavam as letras, porque uns e outros colimavam a mesma finalidade, que é a elevação do homem, que não se dará senão pelo primado do espírito sobre a matéria. Então, as Musas não distinguem os cérebros das duas classes e os seus fautores se confundiam na comunhão dos mais subidos ideais.

Desde quando o critério de aferição foi influenciado mais pela quantidade do que pela qualidade, sobrepondo-se o material ao espiritual, começou a sugerir o colapso, que é básico e gera as mais desastrosas consequências. A técnica da política repudia as elocubrações da mente, como contrárias aos seus cálculos. O homem não tem mais tempo para pensar, renunciando assim à sua maior glória e os que ainda pensam são considerados obsoletos e nocivos.

É esta, fatalmente, a consequência mais desastrosa desse divórcio entre a política e a cultura. E as novas gerações se ressentem disto, notando-se, a cada passo, o descaso pela cultura, que não é mais condição necessária para elevar-se a posição de comando. Vemos, portanto, como a política mesma, obliterando este aspecto marcante do homem político,

vai pouco a pouco, aprofundando o seu próprio abismo. Quando se fala em votos de analfabetos, para o político técnico, para o calculista, surge apenas o número de sufrágios, que êle pode conquistar dõcilmente; para o que pensa, emerge o fantasma doloroso do menosprêzo da cultura, da valorização da ignorância, da inversão dos valores, do nivelamento e do cáos.

Estou que recebestes, com nobreza, esta espécie de admoestação que vos faço, meu ilustre amigo e confrade, porque a faço com a alma sacerdotalmente voltada para o vosso espírito altaneiro. A vossa vocação política, alicerçada nos dotes que vos ilustram, de poeta, jornalista e orador, há de tornar-vos um baluarte na elevação política de nossa terra, pugnando assim pela defesa da cultura, pela valorização do homem, nos seus mais nobres atributos.

Quando deputado, propusestes que se declarasse de utilidade pública o Instituto de Pesquisas Históricas Dom Aquino Corrêa. Isto põe à prova a grande visão do vosso espírito. Compreendestes da importância do levantamento da nossa história, repleta de episódios edificantes para as gerações hodiernas. Sentistes, certamente, o valor de uma Instituição como essa, cuja alta finalidade é pesquisar, com acribia, o nosso passado, para a elaboração de uma história, que traduza, com honestidade, o esforço dos que nos precederam na construção da nobre comunidade, que é o nosso rico e promissor Estado. E a largueza de vista que vos caracteriza se patenteia em vossos atos, quando contempiais Mato Grosso, sem discriminações mesquinhas, sem regionalismo dissolventes, sem bairrismo tacanhos. Todos distinguimos em vosso caráter a superioridade dos que nasceram talhados para as grandes empresas.

Disse há pouco, que um dos principais objetivos desta Casa é a preservação do nosso património intelectual. Este património é, sem dúvida, a forma vivificante de tãda a nossa estrutura política. Quando o tecnicismo político tentou quebrar a unidade do nosso organismo político, para dividir Mato Grosso, o vosso gesto repercutiu neste centro vital da nossa terra, como uma reação vibrante de um espírito superior, como a ressonância de um passado, que é um património de valores, a estuar em vossas veias, descendente que sois daqueles sertanistas ousados, que no século pretérito, devassavam o sul, concretizando a unidade política de Mato Grosso. E é sugestivo que vindes agora, com a alma de político e de poeta,

dirigir os destinos daquela simpática, progressista e futura Trés Lagoas, como segurança feliz das nossas mais caras tradições.

Vinde, portanto, cooperar conosco nesta missão árdua e gloriosa, que se nos impõe pela honra de pertencermos a esta Academia, consoante o dístico que nos legou o imortal Dom Aquino: o estudo do Belo. O Belo na sua acepção mais profunda e pura, que não despreza a moral, antes deleita o coração e eleva a mente, num arrebatamento total do homem, para os páramos da verdadeira imortalidade.

As esperanças que nos animam nesta empresa bendita, crescem de ponto ao contacto da vossa companhia. A vossa mocidade, a vossa inteligência e o vosso devotamento constituem seguro penhor de esplendorosas vitórias para a Casa Barão de Melgaço.

É com êstes sentimentos da mais acrisolada alegria, com sincero reconhecimento do perfeito valor que conquistamos, que tenho a felicidade e a honra de vos dizer neste momento: sêde benvindo.

Discurso de posse.

Acadêmico Luiz Felipe Sabeia Ribeiro

(Filho de António Fernandes de Sousa)

1931

deixar os desenhos, camaleão simpático, progressista e futurista. Três Letras, como assinatura, foz das nossas mais caras tradições.

Vinde, portanto, cooperar conosco nesta missão árdua e gloriosa, que se nos impõe para honra de pertencermos a esta Academia, reconstruindo o destino que nos legou o imortal Dom Rodrigo de Castro, o Belo, O Belo na sua aceção mais profunda e pura, que não despreza a moral, antes dolema o coração e eleva a mente, num arrebatamento total do homem, para os parâmetros da verdadeira immortalidade.

As esperanças de um futuro brilhante nesta empresa heróica crescem de ponto em ponto, acompanhadas da mais sincera e dedicada cooperação, a qual, em virtude do vosso devotamento, constitui um seguro penhor de repulsa e triunfo para a Casa Barão de Melgaço.

E com estes sentimentos de sincera alegria, com sincero respeito e admiração, conquistamos, em nome da Academia, a honra de vosso nome neste momento.

**Cadeira nº 8**

**Patrono:**

**Luís D'alincourt**

**Discurso de posse:**

**Acadêmico Luiz Felipe Saboia Ribeiro**

( Elogio de Antônio Fernandes de Souza )

8-2-1.962

---

---

---

## Palavras de Abertura da Sessão

**Pelo Presidente da Academia, Prof. Francisco Alexandre Ferreira Mendes:**

Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado - Exmo. e Rvmo. Sr. Arcebispo de Cuiabá - Exmo. Sr. Presidente do Tribunal de Justiça e Tribunal de Contas - Distintas Autoridades Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Desceram hoje, alviciareiramente, as cortinas desta casa da cultura e da inteligência matogrossense, para receber no seu seio mais um expoente da intelectualidade patricia, à semelhança dos festins da antiga Hélade, quando, nos propileus do Partenon, se consagravam vitoriosas as palmas do talento e as viridentes flores da verdadeira glória, com louvores àquelles, que se tornavam dignos das honras cívicas e eternas das grandeza humanas.

Através do culto da força e da beleza, queriam os antigos helenos circundar a fronte dos poetas e pensadores, com os louros das primícias da imortalidade, representada no culto perene da inteligência, a mais bela, sem dúvida, das dádivas com que Deus aquinhoa o homem, na florificação dos méritos e das virtudes pessoais. Por entre perfumes trescalantes de maravilhosa e subtis balsaminas reverdecidas de pompas, êstes pórticos vetustos, que recordam a saga dos faustos e das glórias passadas da terra mater, redivivem hoje na liturgia da ente de místicos encantos, como em noitadas de sonhos, agitam ciedade coêva, dos esplendores da Academia Matogrossense de Letras.

As giestas em profusão de flores, engrinaldando o ambiente de místicos encantos, como emnoitadas de sonhos, agitam corações, palpitam seios esperançosos e delirantes de festas.



É que, senhores acadêmicos, a solenidade de hoje, vem afirmar à nossa gente, que o sodalício da cultura matogrossense continua a reviver no presente, os anseios de uma literatura leve, traçada em filigranas delicadas de virtudes, de crenças, de ideais e de patristismo puro, glorificantes de uma raça e de uma nacionalidade, como sentenciou na pureza clássica do vernáculo, o verbo aurifulgente do pranteado acadêmico D. Aquino Corrêa, na sua oração de fé, ao surgir do berço a 7 de Setembro de 1921, vacilante e incerto, o "Centro Matogrossense de Letras", ora enflorado da dignidade acadêmica.

Contemplando o hodierno cenário fisiográfico e moral da terra bicentenária, concluimos com segurança, que vivemos uma fase de agitações fortes, mas fecunda de trabalhos, na demonstração evidente de que, com fé, o homem se sobrepõe aos impecilhos materiais com resultados admiráveis, e tudo vence e transforma na fisionomia da natureza da terra, que se agiganta, cresce, prospera e prossegue no esmero do espírito voltado para as grandezas do querido torrão nacional. No afã civilizador, cortam os céus em todos os quadrantes, asas metálicas; demandando longinquas paragens; rasgam matas e serras, atravessando caudais e plantando cidades nas profundezas sertanejas, os veículos motorizados.

É enfim, senhores, a vertigem da dominação no enigma eterno do destino humano.

Sr. Dr Philippe Saboia Ribeiro. Nada há mais belo na vida do homem, do que o afeto, o amor, a austeridade, com que procura conciliar o bem da pátria com as glórias das suas tradições.

É a língua materna, na sua pureza, o elo vinculador por excelência, da nacionalidade, perpetuando-lhe a história e aceitando-lhe o porvir, para um mundo superior de venturas, de sentimentos e de amor.

Trazeis para esta casa, com a vossa inteligência, esse fanel, que há de iluminá-la, enaltecê-la e elevá-la sempre mais no conjunto da sua imortalidade. - "Há nas obras literárias, disse-o o Er. Latino Coelho, - uma fisionomia que retrata ao natural as tendências e as paixões do escritor".

O espírito da vossa obra "Caçadores de Diamantes", reflète à luz da realidade o acerto da sentença. Não me cabe porém o elogio dos vossos méritos e da vossa personalidade.

Isso será feito na palavra autorizada e brilhante de um dos eminentes confrades do nosso silogeu cultural. Saudando-vos, na comunhão acadêmica ilustre confrade, na qualidade de presidente em exercício da Academia de Letras, ao transpordes os umbrais desta arcádia faço-o confiante, espírito e coração convictos da vitória das nossas letras na peregrina beleza da sua forma, na pureza do seu estilo, na grandiosidade das inspirações. Tendo a mente voltada para Deus, reafirmo a esperança na exultação dos nossos anseios de venturas, e a nossa crença na prosperidade de Mato Grosso, alma unvida de fé, na sinfonia radiante e triunfal da unidade cultural da pátria ligados os pensamentos num só ideal de amor a elevação eterna do espírito pelo esplendor da generosa terra matogrossense."

---

---

**Discurso Recipiendário do Acadêmico Luís Felipe  
Sabóia Ribeiro, na Academia de Letras de  
Mato Grosso.**

8 - Fev. - 1962

Exmo. Snr. Governador Fernando Corrêa da Costa.  
Exmo. e Rvmo. Snr. Arcebispo D. Orlando Chaves  
Exmo. Snr. Desembargador Presidente do Tribunal de Justiça,

Exmo. Snr. Prefeito Municipal de Cuiabá.

Exmos. Snrs, Secretários de Educação, Cultura e Saúde.

Autoridades militares, minhas Senhoras, meus Senhores, Snr. Presidente da Academia de Letras e ilustres Confrades.

Magnificante é a tarefa confiada à cultura - guardião das belas letras, cujo pórtico penetro, reverente e humildemente, vergando-me ao peso de uma responsabilidade espiritual, como Atlas na antiguidade clássica, Zeus o impulsionando, para que compartilhe eu, dêste momento em diante, da ilustre companhia dos Imortais da Casa Barão de Melgaço, que foi também de D. Aquino Corrêa.

É bem possível que a sensação de pequenez, o deslumbramento ante a cintilação da inteligência dos que se assentam neste Cenáculo da imortalidade das letras matogrossenses, envolva-me pela dignificação grandiosa dos que aqui estiveram antes de mim, assoberbado, inda mais, pela enorme responsabilidade intelectual de ocupante da Cadeira número 8, da ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS, venham minhas pobres palavras sofrer o reflexo de tanta luz, de tanto saber da ilustrada companhia.

E como se fôra malbaratar a sensibilidade dos dignos confrades, confrontando as personalidades dos que me antece-

deram, quedo-me como aquêles guerreiros espartanos, de que nos fala Tucídies., postados nas praias de Lacedônia, à espreita dos primeiros raios de Apolo Luminoso, nos albores duma manhã da olímpica Hélade, para divulgar nas encostas do morro oposto a luminosidade antevista pelo guerreiro, que se proclamou Rei. Na verdade, a tradição enche de respeito e da medida exata de minha pequena participação na continuidade cultural matogrossense.

Sobram-me, entanto, os motivos de regosijo e de orgulho no ombrear às figuras da geração atual, que tanto brilho vêm imprimindo a esta Academia de Letras.

No labor da vida, no "struggle for life" da expressão darwiniana, nem sempre o lazer, a tranquilidade material e mental nos acena propiciamente para o caminho das divagações literárias ou do conhecimento científico, permitindo-nos a penetração na "selva selvaggia" do florentino, detendo-nos medrosamente ante as inscrições que se divulga no cimo do portão, cuja letra é o "lasciate ogni speranza, o voi che entrate".

Lutamos, enfrentamos as adversidades, "pois só conheço herói quem nela é forte", no lapidar verso de Santa Rita Durão, e o sentido correto dos versos de Gonçalves Dias, simboliza-se também na luta pela aquisição do pão quotidiano: "Viver é lutar".

E quantas vocações desviadas rumo ao ignorado? E a vida é isso? Não, porque sempre se sobrepõem aos obstáculos materiais as forças superiores de mente e da inteligência e então o próprio gênio que nasce no Palácio, pode também nascer na choupana. Não será isso a divinização do homem?

Mas bem-aventurados os pobres de espírito, dizem as Escrituras Sagradas. Contudo se viver é lutar, a percepção da beleza só cabe aos inspirados e àqueles que se detem na marcha do quotidiano, para crer no subjetivismo do pensamento, e são também inspirados pelos Deuses, e se alçam nas bem-aventuranças do Mestre da Galiléia.

Na planície rasa de uma contribuição modesta, com uma participação sofrível nascida no emaranhado da conquista de um lugar ao Sol, não como um profissional das letras, mas acidentalmente delas me ocupando, eis-me aqui ligado à expressão viva da inteligência da terra matogrossense, participando do cenáculo desta noite.

O impressionismo do meio, a reprodução ao vivo dos séculos das bandeiras, e "em cada passo mudado, uma nova

conquista", foram os elementos da minha participação, embora modesta, da vida literária dêste rincão pátrio, e sintetizei as imagens numa pequena porém honesta obra: "Caçadores de Diamante".

Era o fascínio que fustigava a imaginação, quando da mocidade do médico que participava quase anônimo, durante uma década, no desbravar da ínvia terra do leste de Mato Grosso, tangido pelo sacerdócio da profissão que escolhera nos albores de sua vida acadêmica.

Como uma imagem caleidoscópica que se impregnou na mente, não deixou à fuga da mocidade o desencanto da visão primeva. É o destino que nos assedia e nos leva aos acontecimentos, sem que jamais possamos fugir dêle, não pela contemplação mulsumana do "estava escrito", mas na concepção nitcheriana de que, ou nos incorporamos aos acontecimentos que passam pela nossa frente, mesmo vivendo perigosamente, ou seremos um inútil na caminhada da vida.

Será quando nos confundimos com o próprio Destino e seremos guiados pelas mãos dos Deuses, que sofrem, sentem sede e se alegram com a humanidade.

É a decisão divina na hora do ser ou do não ser, guiando os homens para os desígnios universais, até onde o livre arbítrio possa impulsioná-los e personificá-los.

JOANA DARC, a Donzela de Orleans, conta-nos MICHELLET, respondendo aos seus algozes como conseguia tantas vitórias ante as tropas inglesas tão numerosas, definiu os acontecimentos, dizendo: "Os Homens combatem, mas Deus decide".

É o que ocorre, verdadeiramente, ao me ver eleito para a Cadeira nº 8, desta excelsa Academia.

Excelsa é a honra, porém detenho-me na contenplatividade espiritual que me afoga em responsabilidade, dando-me a verdadeira proporção para que na escalada sinta a pequenez mental dum saber modesto, encerrado no limite do conceito socrático do "só sei que nada sei" na confissão meditativa do Rei bíblico, em que tudo se configura na Vaidade das Vaidades: Vanitas, Vanitatum et omnia Vanitas e o que sabemos ante os espectáculos mal desvendador da natureza, ou quando se é tentado a penetrar nos mistérios da criação, ou simplesmente na indagação do "Por que vivemos?"

Aniquila a arrogância o princípio do filósofo que sobreviveu à cicuta, e na incerteza dos conhecimentos humanos, nem o panteísmo de Spinoza, nem a negação absoluta do materialismo histórico saciam a fonte do saber divino ou alimenta a chama do fogo sagrado roubado aos Deuses; mas ante a inquietação, a dúvida de Hamlet, "to be or no to be", a concepção universal das fórmulas matemáticas de Einstein, afasta, cada vez mais, da sabedoria verdadeira e arremessa a toda a planície rasa de insensatez, da pequenez, desfazendo a ilusão arrogante das quimeras.

O que importa é a concepção moral que envolve e dignifica.

E daí a sensação de grandeza que sinto ao penetrar nos umbrais da Casa Barão de Melgaço.

A convicção de que os sentimentos não devem se alimentar numa pretenciosa mediocridade, e antes se estriba na solene disposição de contribuir, dentro do possível, para que a distinção ora a mim conferida seja o apanágio da modéstia a dar também sua parcela de esforço, para que seja eu digno de pertencer à Casa Magna dos intelectuais de Mato Grosso.

Não padece dúvidas que a grandeza das pessoas ou das Nações provém do caráter, das condições morais inerentes, ao invés das tão somente condições puras de inteligência. Coube a Macaulaya verificação dessas condições imateriais do caráter nacional de cada povo, imutável através dos séculos, guardando sempre as mesmas características nas suas sucessivas gerações.

Quem desconhece ser o caráter anglo-saxão o mesmo dos tempos de Azincourt ou da Londres bombardeada na última hecatombe?

É a virtude condensada no Brazões da velha Albion: "Dieu et mon Droit" e ao lado "Honni soit qui mal y pense", refletindo a ética coletiva, como que a nacionalidade se agrupando no todo.

Dum lado a dignidade do homem elevada até Deus, do outro lado o cavaleirismo britânico, origem da Jarreteira, episódio jocoso porém indubitavelmente inspirado nas condições, de dignidade e do respeito ético-moral provindas da nacionalidade anglo-saxônica.

Portanto, bendizemos a sinceridade de vossa acolhida, senhores acadêmicos, certos de que a vossa convivência digni-

fica e muito a todos que aquí mourejam no trabalho intelectual e os recém - chegados trazem na retina a impressão do sublime.

Aos confrades insígnies asseguro ser o dever e o pensar constantes tudo fazer pela Casa que tanto honrou vultos eminentes do passado, poetas, jornalistas, pensadores, professores, dignos representantes da cultura brasileira, dignos cultores das letras pátrias.

#### CONTRIBUIÇÃO DE LUIS DÁLINCOURT, PATRONO DA CADEIRA NÚMERO OITO:

Do Tejo, que tanto nos lembra epopéia portuguesa do ciclo das navegações, acudindo-nos à memória os fastos das viagens de Vasco da Gama e de Cabral, onde as Musas inspiraram ao símbolo da raça lusitana, o cantor dos Lusíadas, o poeta dos Mares, tão grandioso quanto imprecava o Poeta, veio ter a Mato Grosso a Patrono da Cadeira, que tenho a honra de ocupar desde agora.

É pena que as obras e monografias saídas da pena de Luiz Dálincourt não tenham sido sucessivamente publicadas para conhecimento das gerações que se sucederam.

Pesa saber que os viajantes ilustres dos séculos XVII, XVIII e XIX, os Agassiz, os Humboldts, os Alexandre Rodrigues, Os Martins e os von Den Stein e tantos outros cientistas, etnógrafos, geógrafos, naturalistas que recortaram este imenso Brasil, e mesmo os cronistas do tempo do Brasil Colonial, Antonil ou Gabriel Soares de Souza, sejam tão pouco conhecidos e apreciados e suas obras imortais não reproduzidas vez por outra, conquanto possa-se excetuar algumas dessas obras da coleção Brasileira, da Companhia Editora Nacional, talvez por influência direta do saudoso Monteiro Lobato.

Esta apreciação vem a propósito da atuação realmente benéfica daquele Oficial do Corpo de Engenheiros do Brasil, nos tempos da Independência, que aqui no coração da selva sul americana deu notícias completas sobre a então Província, e valeu-se de seu atilado espírito de observação, para através de monografias firmar conhecimentos exatos sobre a Terra e o Homem de Mato Grosso.

É bem de se vêr nos idos da Independência, quando mal se firmava a Nacionalidade, o filho da Pátria Mãe, adotar como sua as terras colonizadas pelos seus maiores, e viva contribuição cultural dava, desde os primeiros tempos á vida da Nação brasileira independente.

Sua preocupação máxima e absorvente era levar aos homens que dirigiam o Império nascente o conhecimento do que sua cultura soube apreciar de modo objetivo.

Medita-se sobre os nomes de suas Obras que espelham, em conjunto, o amor à terra herdada de seus ancestrais.

Desde os primeiros contactos, nascia de sua pena magnífica a "Memória sobre viagem do Pôrto de Santos à cidade de Cuiabá". Quanto de contribuição para um melhor conhecimento da terra de Pascoal Moreira Cabral! Era na época do volteio marítimo, via Buenos Ayres, e na viagem longa outras "Reflexões acêrca da Província de Mato Grosso". Nada do conhecimento da natureza escapa-lhe à argúcia de engenheiro, cujas adtidões técnicas foram postas à disposição da longínqua Província.

Seria certamente um excelso Patrono para uma das Cadeiras da Academia Matogrossense de Letras e daí a escolha de seu nome para a de nº 8, tão sem brilho ocupada nos dias que correm.

Sirva-me de inspiração e ajuda tão preclaro Patrono, e que do Tejo que inspirou Camões venha mais êste benfazejo, pedindo às Musas, as Tágides do belo rio de Portugal, que me dêem a eloquência de Patrono imortal.

A tarefa, por si só ingente, fardo que acompanha a todos os confrades, cuja responsabilidade mais se acentua para o ocupante de uma das cadeiras acadêmicas, aquêle que sem brilho e a eloquência de seus antecessores, volta-se no momento e vos fala agora, elogiando o Patrono, Luis d'Alincourt, filho do "Jardim da Europa, a beira mar plantado", daquele rico pomar de lindo outono", segundo a concepção poética de Tomaz Ribeiro.

A responsabilidade do móvel acadêmico mais se destaca, a par da vossa, por suceder como ocupante da cadeira número 8 a Antônio Fernandes de Souza, o imortal desaparecido não há muito, e que tanta acentuação deu às letras de sua terra natal.

Pertencia êle à geração dos escritores matogrossenses que encheram as crônicas e as monografias, através da imprensa e dos estudos publicados e tão larga contribuição deram na primeira metade do século para o conhecimento sobre as cousas e a gente da Terra.

Ao lado de Estevão de Mendonça, realçou nas publicações a obra do Barão de Melgaço, e no seu estilo vigoroso, im-



pregnado daquela sinceridade de narrador, muito contribuiu para a verdade histórica dos acontecimentos de Mato Grosso.

Na Casa "BARÃO DE MELGAÇO", dignificou a sua missão de rebuscador dos arquivos e volveu com sabedoria e proficiência as páginas da história e da crônica.

Na imprensa foi fecundo o seu labor, e durante toda sua existência marcou a sua contribuição honesta e vigorosa com o seu estilo vibrante e objetivo.

Vieram as controvérsias e ei-lo, nos últimos tempos, a deslindar e repôr a verdade conturbada pelas paixões, e pinta ao vivo a personalidade marcante de Antônio Paes de Barros, o discutido Totó Paes.

"Se quiserdes um bom romance, virai as páginas da história", dizia Guizot. E nisso medito, quando identifico as lutas políticas dos canaviais como um romance do ciclo do açúcar, em Mato Grosso.

E é com deleite de um romance vivido, que tomo conhecimento de Mato-Grosso dos canaviais das baixadas beira rio e das usinas e da indústria açucareira. É compreensível que o ambiente patriarcal das usinas aflorasse para a vida pública de sua terra natal, aquêle homem, misto de caudilho e de industrial progressista, que os acontecimentos de sua época tragaram impiedosamente.

Pois bem, ninguém melhor do que Antônio Fernandez de Sousa soube catar os acontecimentos do início dêste século e trazê-los palpitante e ao ler as páginas de sua monografia, o leitor se identifica com os acontecimentos, tal a vibração que imprime às suas letras, e se coloca, assim, como participante do cenário que descreve o renomado cronista cuiabano.

O legado que deixou às letras é, sem dúvida, de primeira ordem, e nisso se acentua o contraste do acadêmico que nesta noite festiva dirige-vos a palavra, sem colorido, sem calor.

Ao escrever com o coração nas mãos tão bonitas páginas dessa monografia, impregnou-a da convicção nascida da verdade assim compreendida pelo seu espírito analista, repondo a no lugar certo, testemunha dos acontecimentos que seriam deturpados pela paixão legada a geração desta meia centúria.

Demonstra Antônio Fernandes de Souza a preocupação da narração verdadeira, sem rebuscos da fantasia, como um observador imparcial, sereno, qual um discípulo do Pensador

de Roterdã, impregnado de real tolerância, desta tolerância tão carescente o mundo atual em que falta o humanismo, falece a cultura clássica na apreciação dos fatos, cousas e homens

Por isso, aflige-se e debate-se a humanidade nos dias presentes, paradoxalmente sempre a cata do saber e do idealismo.

Debate-se na luta, quase dogmática em que são vencidas as convicções tambeém, embora sinceras e as vêzes num sentido puro do avanço para a perfeição; ora como num recuo, que conduz ao desespero, como se na caminhada faltasse a todos o senso do equilíbrio, o fulcro indispensável para a sobrevivência do idealismo - "a concentração da força universal", no verso magnífico do Poeta.

Estamos assistindo, então à morte ou à decadência do humanismo? Sobreviverá êle à técnica impiedosa dos nossos dias, em que o homem participa do falso triunfo do Deus "ex maquina?" Não existirá nessa arremetida em busca de novos horizontes ainda desconhecidos - muita técnica, que é um dragão de fauces escancaradas, sem a disciplina e contraposição do humanismo, que nos dá o sentido do conjunto e da síntese, a perfeição da visão do quotidiano, do prosaico, do banal, mas também, do belo e de Deus, o reequilíbrio do saber, mas também a concepção sprengleriana "do como fazer?"

Não será antes, tôda essa vacilação e inconstância do espírito universal de agora, apenas superficial aparência, não duradoura, como nos ensina a história, ter havido em outras eras?

Aparência tão somente, porque o espírito que clama justiça no convívio social, tem também sede de perfeição para si e para os filhos e para os filhos dos filhos.

Mas na imutabilidade dos princípios que nos legaram, doutro lado, os nossos antepassados, havemos sempre de nos circuscrevemos ao triângulo de que nos fala Unamuno, o pensador ibérico, colocando em cada um dos vértices as 3 figuras universais da literatura mundial: Dom Quixote de La Mancha, o idealismo configurado no introversão do Cavaleiro da Triste Figura; Don Juan, a personagem sempre repetida do Tirso de Molina, o elo que prendendo a humanidade em si mesma, representa igualmente a concepção nobre da virtude dos sentidos - espiritual e materialmente falando; Hamlet a concepção shequisperiana do Ser ou do Não Ser, a confissão

atormentada da imperfeição dos conhecimentos exatos, a dúvida, em suma.

O desprezo do humanismo conduz ao vórtice da intolerância social, política, o que não é técnica nem o muito saber.

Antes a UTOPIA de THOMAS MORUS, o santo que compreendeu e praticou a tolerância de Erasmo de Roterdã, que foi a fonte viva do humanismo renascentista.

São as páginas do ELOGIO DA LOUCURA que deverão ser relidas para uma compreensão melhor dos dias que passam, no tormentoso mar da época presente, em que o homem sem fé e quase desesperançado debate-se na crise espiritual e materializada pela técnica impiedosa e sem o saber humanístico, como na figura mitológica Prometeu acorrentado no Causo pelas iras dos Deuses.

Foi a compreensão tolerante dos acontecimentos da usinas a margem do Cuiabá, nos albores do Século a grande contribuição do renomado antecessor da Cadeira n° 8.

Senhores Acadêmicos:

Aceito humildemente a indicação de meu nome para ocupante da Cadeira na Casa "Barão de Melgaço", tendo como presente à minha mente a contribuição que nos legou Antônio Fernandes de Souza.

Passaram-se os anos, e os tempos implacáveis marcam a ferro e fogo o seu caminhar para a eternidade. É quando alcançamos a idade em que os magníficos versos do Padre ANTÔNIO TOMAZ mais me acodem ao pensamento, na interpretação magistral dos Enganos e dos Desenganos:

Quando partimos no verdor dos anos  
Da vida pela estrada florescente,  
As esperanças vão conosco à frente,  
E vão ficando atrás os desenganos.

Rindo, cantando, céleres ufanos,  
Vamos marchando, descuidosamente,  
Eis que chega a velhice de repente,  
Desfazendo ilusões, matando enganos.

É então que vemos claramente  
Como a existência é rápida e falaz,  
E vemos que sucede exatamente.

O contrário dos tempos de rapaz.  
Os desenganos vão conosco à frente,  
E as esperanças vão ficando atrás.

É o sentido real da visão que todos têm no correr dos anos e assim na fase em que, como dizia o rei bíblico, o temor de Deus é a verdadeira sabedoria e o resto é vaidade, das vaidades, tudo vaidades, alegria, contudo, o pensar que as boas letras e a cultura de Mato-Grosso, encontram nesta Casa o recep-táculo mais belo, do mais puro cristal de sua formação.

---

---

## Discurso de Recepção:

**Acadêmico José Jaime Ferreira de Vasconcelos**

Exmo. Sr. Governador Fernando Corrêa da Costa  
Exmo. e Rvmo. Sr. Arcebispo D. Orlando Chaves.  
Exmo. Sr. Desembargador Presidente do Tribunal  
de Justiça - Dr. Prefeito Municipal de Cuiabá - Mi-  
nistro - Presidente do Tribunal de Contas - D<sup>o</sup>. Se-  
cretário do Estado de Educação e Cultura - Srs. Co-  
mandante da Guarnição Federal e da Polícia Mil-  
itar do Estado - Minhas Senhoras. Meus Senhores,  
Sr. Presidente da Academia e Senhores Acadêmicos

Engalana-se hoje a Academia Matogrossense de Letras, vencendo o estado de entorpecimento, quase hibernação, em que a prostrou o impacto da perda irreparável dos ilustres e dedicados companheiros das primeiras horas da fundação da "Casa Barão de Melgaço", os últimos dos quais - José de Mesquita e Oliveira Mello - neste agosto salão repousaram as derradeiras horas de sua trajetória sobre a terra. Engalana-se e prepara-se, com o evidente entusiasmo - a que vossas presenças, minhas senhoras e meus senhores, empresta o alto sentido de um renascimento -, para iniciar, com a posse de seu novo acadêmico, o Dr. Luiz Felipe de Saboya Ribeiro, uma fase vibrante e promissora. Aqui estão, justificando esse vaticínio, os altos valores da intelectualidade desta cada vez mais linda e mais pujante "cidade verde", e os mais legítimos expoentes das suas várias classes sociais, prestigiada a solenidade com a presença de Sua Excia. o Sr. Governador do estado, Dr. Fernando Corrêa da Costa, nome se incorpora como gema de primeira grandeza aos fastos da História de Mato-Grosso; e de Sua Excia. Rvma. o Sr. Arcebispo Metropolitano Dom Orlando Chaves; e ainda dos ilustrados presidentes dos Tribunais de Justiça e Regional Eleitoral, Desembargadores Cesarino Delfino Cesar e Helio de Vasconcellos; e chefe de serviços federais, repartições do Estado e o Exmo. Sr. Prefeito Mu-

nicipal da Capital, Dr. Hélio Palma de Arruda. Relembrando as solenidades que aqui temos realizado, só a da inesquecível comemoração do nosso Jubileu de Prata a esta pode ser comparada. Prestígio do recipiendário, sem dúvida, mas acredito que secundado pela crescente necessidade de vitalizarmos a nossa Academia, quando tanto e tanto se acentua em todos os demais setores da vida cuiabana, o progresso material, nas indústrias, no comércio e nas construções urbanísticas desta heróica cidade fundada há perto de 300 anos pelos arrojados Bandeirantes de São Paulo. Criticando há pouco certa obra literária, notável escritor francês acentuou que apesar do existencialismo decadente, começava a se sentir uma tendência de reação para o alto, que êle sintetizou escrevendo: "on revient à Racine". E, em nossa modesta concepção das atuais condições em que se apresenta a mentalidade no mundo, essa como que reviravolta ascencional tornava-se cada vez mais necessária. Ao excessivo otimismo, quase sentimentalismo do domínio da filosofia racionalista, seguiu-se - conta-nos a história do pensamento humano, o começo da derrocada. Para os racionalistas, a concepção do mundo é ética "por considerar o procedimento moral como determinado pela Razão, e por exigir, em consequencia disso, que o Homem abandone os interesses egoístas, devote-se a todos os ideais realizáveis e aceite a Moral como padrão decisivo de sua conduta. Para os racionalistas, o espírito humanitário representa um ideal do qual argumento algum os pode afastar".

"Quanto mais a Filosofia ultrapassou a concepção do mundo dos racionalistas, mais se impunha o oportunismo, até que, enfim, os ideais deixaram de originar-se na Razão, para então nascerem da realidade. Com isto, avançamos cada vez mais longe na falta de cultura e de espírito humanitário". (Albert Schweitzer - "Cultura e Ética").

Depois do racionalismo, da hipertrofia do individualismo, e do liberalismo, tudo se permitiu ao Homem em nome da Liberdade. Mas, de que liberdade podia, ou pode, gozar o homem humilde, proletário das cidades ou servo da gleba dos campos? Podia, nesse famoso exercicio das suas decantadas liberdades, combater as explorações monopolistas, e os abusos de toda ordem do rôlo compressor do capitalismo? Aumentando, no fim do segundo conflito mundial, o rugir das massas trabalhistas, permitiu-lhes a sábia Constituição de Weimar

sem dúvida a mais adiantada da época - a criação das ditaduras da direita, com a doutrina da chamada Democracia - liberal e o tipo nazi-fascista surgiu e se impôs, nascido de uma cervejaria de Munich. O triunfo rapidamente obtido pelos seus dirigentes, levou-os à louca ambição de dominar o mundo, e perdeu-os, deixando aberto o campo para a ditadura, férrea também, do monopolismo capitalista, responsável pelas lamentáveis violências do regime de Fidel Castro em Cuba e pela anarquia implantada no Congo e em Katanga, província petrolífera a que o direito à auto-determinação não foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas, ou melhor, pelos interesses petrolíferos dos trustes que dominam a grande e gloriosa nação que se atribuiu a tutela do Ocidente.

Tão graves, tão sombrias são hoje as perspectivas sociais e econômicas do mundo, que inspiravam estas irrespondíveis e luminosas palavras, como que diretamente inspiradas por Deus, do Sumo Pontífice, o grande Papa João XXIII:

§ 65: "Amargura profunda invade o nosso espírito diante do espetáculo tristíssimo de inumeráveis trabalhadores em muitas Nações e Continentes interiores, os quais recebem um salário que os submete, a eles e às famílias, a condições de vida infra-humana. Isto deve-se também a estar nos seus primórdios, ou numa fase de insuficiente desenvolvimento, o processo da industrialização nessas nações e continentes.

§ 66: "Mas, nalguns desses países, a abundância e o luxo desenfreado duns poucos privilegiados contrasta, de maneira estridente e ofensiva, com as condições de mal estar extremo da maioria; noutras nações obriga-se a atual geração a viver privações desumanas para o poder econômico nacional crescer segundo um ritmo de aceleração que ultrapassa os limites marcados pela justiça e pela humanidade; e noutras, parte notável do rendimento nacional consome-se em reforçar ou manter um mal entendido prestígio nacional, ou gastam-se somas altíssimas nos armamentos.

§ 70: "Enquanto as economias dos vários países se desenvolvem rapidamente, com ritmo ainda mais intenso neste último após guerra, julgamos oportuno lembrar um princípio fundamental - : O progresso social deve acompanhar e igualar o desenvolvimento econômico, de modo que todas as categorias sociais tenham parte nos produtos e trabalhar eficazmente para que os desequilíbrios econômicos e sociais não cresçam; antes, quanto possível, se vão atenuando".

Essas palavras, luminosas como a Verdade, translúcidas como que unguidas diretamente por um sopro divino, mostram que não há para todos nós, portadores de uma parcela de responsabilidade pelos desajustes, pelas injustiças, pelas explorações do homem pelo homem dos nossos dias, lazeres para nos recolhermos á "torres de marfim" da literatura simplesmente abstrata e contemplativa. Temos, como Saboya Ribeiro nos mostra em seu belo discurso, deixar as divagações, por muito que estas nos seduzam, e descer á arena combativa da "struggle for life".

E foi essa compreensão superior das exigências impostas aos homens cultos pela crueza da vida moderna, que deu ao nosso novo confrade o seu triunfo social, que do médico de 1935 - 1944 de Poxoréu e dos doentios rincões percorridos pela construção da E. F. Brasil - Bolívia, de 1944 a 1951, e fez do chefe de família exemplar que é hoje, o ilustre e austero Ministro do Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso, o agora mais novo dos membros dêste sodalício.

Bem sentistes, meu preclaro confrade, nos 10 anos de médico nos garimpos, nas vossas magníficas e judiciosas observações sôbre a vida rude e as explorações desumanas sofridas pelos garimpeiros, como são oportunas aquelas palavras do glorioso sucessor de São Pedro! Eis, senhores, o que o nosso recipiendário escreveu, referindo-se ao trabalhador das lavras diamantíferas matogrossenses: "O humilde lavrista, se fôsse transportado por um tapete mágico às praias cariocas, decerto não compreenderia, em sua rusticidade deslumbrada, que um luxuoso apartamento iluminado e em festa fôra argamassado com o suor do seu rosto.

Que importa ao nababo que um companheiro daquele que olha profundamente admirado a noitada de champanhotas da boate, naquela noite festiva posta em "mise en cène", haja sido tragado pelo abismo do caudaloso Araguaia ou esmagado por um lagedo despençado dos monchões?..

#### MEUS CAROS CONFRADES:

Recebemos hoje, nêste augusto sodalício, como soldado de nossas trincheiras no porfiado combate às perversões do gosto e á mediocridade que dia a dia mais alça o colo, um médico, mas é um médico que ao formar-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1934, podia, como o grande mé-



dico francês que escrevia sob o pseudônimo de Prosper Viro, queixar-se da dificuldade que lhe trazia o culto das letras, entre poetas e médicos, pois que por êles era apostrofado de ser:

"Trop médecin d'abord par devant les poètes,  
Et trop poète ensuite auprès les médecins"

Sr. SABOYA RIBEIRO:

O vosso aparecimento no cenário da alta intelectualidade brasileira, com a publicação do vosso livro "Rosas de Malherbe", que veio a lume em 1926, quando ainda estaveis no verdor dos anos, no pleno alvorecer da vida, simples estudante e jornalista, já revelava os vossos pendores para as belas letras, continuados em trabalhos esparsos nas revistas literárias durante o curso universitário, pendores que, em 1959, vosso interessante livro "Caçadores de diamantes", veio consagrar, abrindo-vos as portas desta Academia.

Filho dêsse oásis de inteligência que é o magnífico Ceará - a consagrada terra dos "verdes mares bravios, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba" - na descrição poética do inesquecível José de Alencar -, o nosso novo confrade recebeu desde o berço o exemplo de estudo e de caráter e o seu gosto pelas cousas do espírito. Seu pai foi um dos fundadores da Academia Cearense de Letras e da Faculdade de Direito de Fortaleza, da qual foi prestigioso e acatado professor. Antes de ir para a então Capital Federal prosseguir num grande jornal, baluarte das grandes causas da nacionalidade, que foi o "Unitário", de Fortaleza, fundado pelo notável e inesquecível jornalista, escritor e estadista João Brígido. Formado em Medicina em 1934, mergulhado, arrastado pelas correntezas da vida, nessa agitada e absorvente zona dos nossos garimpos, onde exerceu por dez anos o seu sacerdócio profissional, mas onde o seu espírito observador colheu o precioso material do seu "Caçador de Diamantes". No belo discurso com que Saboya Ribeiro vem de nos encantar, fala-nos o beletrista dos embaraços que a necessidade dos labores cotidianos opõem ao intelectual no caminho das divagações literárias. Assim é, realmente. Mas, nos tempos agitados que ora transcorrem na vastidão do mundo, em que ora se entrechocam duas civilizações, ou melhor, dois diferentes entendimentos da Civilização Universal, bem escasso é o tempo para quaisquer divagações - literárias ou mesmo doutrinárias - não permitidas na febrilmente esmagadora era atômica.

Os homens de pensamentos, líderes da organização das sociedades, estão presentemente num constante alerta, pelo convulso agitar das grandes massas humanas que em todos os continentes, em todos os países, se agitam e clamam, cada vez mais inconformadas com as injustiças sociais, com os desníveis crescentes entre os que trabalham, ou querem trabalhar, e o capitalismo, que as explora, fato que a propaganda planejada dos dominadores do mundo atual não consegue esconder, nem abafar. E, se êsse alucinante clamor dos milhões de famintos, angustiados pela miséria, oprimidos pela carência de todos os elementos indispensáveis à vida humana, chegou em nosso dias a impressionar o atual Sumo Pontífice, êsse admirável e bondoso João XXIII, que vem reconquistando para a religião de Jesús Cristo a admiração de todos os povos e de tôdas as religiões, como podem as Academias e todos os cenáculos da cultura universal, omitirem-se no debate dêsses problemas?

Sim, confrade ilustre, não queremos e não podemos ser no mundo atual, inúteis elementos contemplativos: queremos ser atôres participantes das tragédias que cobrem de sombras a nossa época, colaborando com a nossa pequena parcela de estudo e de percepção para o esclarecimento dos nossos problemas vitais. Não ambicionamos a alta situação de "super-homens" nietcheanos, mas apenas nos impuzemos a tarefa modesta de constituirmos um "grupo de trabalho", de trabalho intelectual, visando ajudar a melhorar as precárias condições socio-econômicas da nossa terra e da nossa gente. E é, Sr. Saboya Ribeiro, no simpósio dêste "grupo de trabalho intelectual", que contamos com os valiosos subsídios de vossas observações de pensador!

"**On rêvient à Racine**", na Academia Matogrossense de Letras, elegendo para o seu quadro social o autor dos delicados versos das "Rosas de Malherbe", que, estamos certos, não feneceram na alma do poeta, no simples e fugaz espaço de uma manhã, mas nêle continuam a vicejar nos primores de sua prosa e, até, na severidade dos seus arestos de juiz. Elegemos o autor de "Rosas de Malherbe", mas porque "também o vibrante autor de "Caçadores de diamantes", onde estigmatiza as injustiças sofridas pelos nossos garimpeiros. E, creio poder afirma-lo, não é ao primoroso poeta do século XVII, rival de Corneille, que fazemos reviver em nossos pensamentos, mas ao Racine trágico, impressionante, de "Britânico", de "Andromaca" e de "Fedra" e da "Átalia" (obra esta que foi

classificada por Voltaire como "obra prima do engenho humano"). Queremos, sim voltar à extasiante, paradisiaca suavidade da poesia, mas para com a sua envolvente magia fazer renascer em nossos corações a espiritualidade bruxoleante.

Parece, meus senhores, que me estou alongando, esquecendo a afirmativa de Cícero no "Diálogo sobre a amizade", de que tôdas as cousas e portanto todos os discursos, se podem tolerar, com a esperança de serem breves. Mas perdoai a quem, como o orador, já ouve não raro aquela voz estranha que impressionou Alberto de Oliveira:

"Esta voz ouvi do extra-terreno acento  
-Vem dormir! é tarde! já la vai teu dia!  
"Dois chorões piedosos, lá nas sombras do êrmos;  
-Vem dormir! repetem, já se foi teu dia!"

Sim, aturai com paciência este como que "canto de cisne", de quem sente sem temôr aproximar-se o fim da jornada, e sem temôr porque tem a consciência tranquila de ter sempre procurado cumprir os seus deveres, fiel às normas da Ética, e procurado, no estudo e na poesia do espírito, lapidar a sua alma para conseguir, na contemplação das cousas e dos sêres, alcançar a revelação da beleza ideal e, finalmente, concertada a frágil armadura dos seus conhecimentos com o poder da Fé, já contempla, nas noites insones, os braços abertos de Cristo, no Corcovado:

"hostia branca no espaço azul suspensa!"

Só com o saber, fica-se estiolado como aquele triste Fausto de quem fala, em versos magistrais, o magistral Raymundo Corrêa:

"Falta-te a crença que é, para uma alma sombria,  
Como o ar para o som, como a luz para a côr!  
Nem um vislumbre tens dessa ingênua alegria,  
Que é, na boca - o sorriso, e que é, no ramo a flôr!"

É abrindo nossos corações à Fé, que nossos espíritos se animam e fortalecem e só assim alcançamos a serenidade de olhar sem temôr o "fim da jornada", caminhando com essa "aristocracia de espírito", - de que fala Rui -, "que o gosto pressupõe, e que não depende absolutamente da riqueza, mas da elevação das impressões, da nobilitação do sentimento, da inteligência dedicada, das relações entre o homem e o mundo exterior, condições que o tornam compatível com a mediania

das classee laboriosas. É uma réstea de luz, que o luxo reproduz de prisma nos paços suntuosos do argentário, mas que penetra e acaricia com tôda a doçura de sua claridade a casa sóbria do homem de trabalho!"

**SR. ACADEMICO SABOYA RIBEIRO:**

A vossa referência, feita á vaidade, com a transcrição de conhecida frase do "Ecclesiastes", leva-nos para os paradoxos do consagrado livro clássico publicado em 1752, pelo laureado Mathias Ayres, intitulado "Reflexões sôbre a vaidade dos homens", no qual o autor insigne escreveu:

"O homem de uma medíocre vaidade é incapaz de premeditar emprêsas ou formar projetos; tudo nêle é sem calor: a sua mesma vida " uma espécie de letargo: tudo o que procura é com passos vagarosos, covardes e descuidados; porque a vaidade é em nós como um espírito dobrado que nos anima; por isso o homem em quem a vaidade não domina é tímido, e sempre cercado de dúvida e de receio: a vaidade logo traz consigo o desembaraço, a confiança, o arrôjo e a certeza".

Não foi, Sr Saboya Ribeiro, estamos certos, a vaidade que vos levou a procurar o nosso convívio acadêmico, em que maior ressonância terá vosso trabalho mental. Mas, se o fosse, como vêdes no classicismo de Mathias Ayres, era bendizer-se êsse sentimento, que é aliás o acercado agulhão do esforço humano para as grandes conquistas da civilização e do progresso!

SÊDE BENVINDO à casa da cultura matogrossense brilhante embaixador da terra de Iracema!"

**Homenagem ao Exmo. Dr. Luiz Felipe Sabóia Ribeiro no dia de sua posse na Acaemia Matogrossense de Letras.**

Dia 8 Fevereiro de 1962

(Alocução Radiofônica)

por Bruno Spadoni

Não é esse sentimento, muito difundido hoje em dia, de incensar os grandes e poderosos, que inspira a minha singela homenagem; mas uma sincera e desinteressada amizade-velha de quase trinta anos - que me liga indefetivelmente ao Dr. Saboia.

Desde os tempos, que já vão longe, do início de sua carreira de médico em Poxoreu, onde nasceu seu precioso livro "Caçadores de diamantes" que tive a honra e o prazer de ler nos originais antes dele vir a lume.

Entre as gratas lembranças daqueles tempos longínquos, recordo ainda as reuniões que fazíamos no quintal da casa do Johnson - um irlandês excêntrico onde nos reuníamos com os Irmãos Spinelli e o próprio Johnson, para discussões pseudo-literárias, e o exame dos fatos do dia, naquela vida semi-bucólica de vila do interior, onde as mais pequeninas coisas adquirem um sabor todo peculiar.

Depois, a vida nos separou durante muitos anos; mas a velha amizade e a estima recíproca, cimentada naqueles dias difíceis, nunca morreram.

Quanto caminho percorrido, nesse lapso de tempo, porém! Quantas vicissitudes, sacrifícios, trabalhos e canceiras nesses anos todos!

Mas... finalmente, a recompensa: o sucesso, a glória do dia de hoje, quando o meu amigo - que se fez grande - tomará o lugar que lhe compete entre os imortais de nossa terra.

Justamente, vem à minha memória a eterna verdade das palavras da Infinita Sabedoria: "Tira da prata a escória, e sairá vaso para o ourives".

É o que somos todos nós; é o que é a própria vida. Prata com escória. Uns, na verdade, não conseguem livrar-se, nem afastar de sua vida as impurezas naturais; Outros, mediante o paciente trabalho, que as vezes dura toda uma vida, chegam a escoimar as escórias no cadinho da existência e aparecer no brilho da prata pura.

Entre estes está o meu velho e querido amigo Dr. Saboia. Parabéns, pois; parabéns para ele e parabéns para a Academia Matogrossense de Letras, que recebe hoje em seu seio uma clara inteligência, um espírito de escol, um valor realmente positivo que muito contribuirá para o seu próprio brilho e para a sua própria glória.

---

---

## A Beira do Túmulo

Discurso proferido, em nome do Governo do Estado pelo Desdor. Ernesto Pereira Borges, Secretário do Interior Justiça e Finanças.

Como agora é tão diferente de tantas outras vezes, em que tendes regressado a esta cidade verde de vossa Terra Natal.

Antes, Dom Aquino, esta Cuiabá de vossos diocesanos sempre vos ia receber, a entrada do velho Seminário, sob os melhores auspícios, na exuberância de vossa vida, andando e ostentando aquela impressionante atitude hierática que sempre reverenciamos.

E agora, nesta hora lúgubre, vimos receber-vos assim deitado e inerte, nêsse ataúde silencioso do mistério, olhos cerrados para sempre, lábios emudecidos e mãos postas, como a rezar a prece última de quem penetra o pórtico da eternidade.

Antes, Dom Aquino, os vossos fiéis vos recebiamos naquele ambiente transbordante de alegria e exaltação, em cada vez que retornáveis ao afetuoso convívio da vossa Arquidiocese. E hoje, querido Dom Aquino, vos recebemos sob esta atmosfera pesada de dôr e de angústia que consterna e compunge a alma amargurada de vosso povo.

E o govêrno aqui também está com o povo, nesta compunção e nesta angústia, cessadas suas atividades cotidianas e vindo para as ruas e praças, a fim de acompanhar-vos nêste vosso derradeiro regresso e recolhimento, à sombra desta vossa sempre querida Sé Metropolitana de Cuiabá.

E como éreis vós, Dom Aquino, quando daqui partistes há pouco tempo, e agora, como sois vós, Neste vosso lúgubre e fúnebre regresso!

Onde está aquela vossa personalidade sugestiva e encantadora numa como auréola de bondade e simpatia, defluindo-se na delicadeza e elegância moral com que bem exercíeis o apostolado do sagrado ministério?

Onde os eflúvios benfasejos da vossa mão que sempre se levantou para abençoar e perdoar, prodigalizando as benemêrências da indulgência e graça, sob todos os lares de vossa pobre Diocese?

Onde os eflúvios benfasejos da vossa mão que sempre se levantou para abençoar e perdoar, prodigalizando as benemêrências da indulgência e graça, sob todos os lares de vossa pobre Diocese?

Onde está aquela vossa palavra límpida e arrebatadora, exaltando, em poesias inegaláveis as belezas e as maravilhas do céu e da terra, como também deleitando, convencendo e persuadido nas memoráveis conferências, nas magistras orações e pastorais, e nos afamados e inolvidáveis, sermões e prédicas que se galvanizaram, nas comemorações litúrgicas da Semana Santa?

Teria tudo isso, Dom Aquino se consumado e passado como a vossa morte?

Então, não mas nos veremos, Dom Aquino, naqueles inescutíveis dias de gala, em meio às pompas da liturgia católica, no vosso porte senhoril, vestindo com magestade os paramentos talaes e ostentando a Mitra o Báculo e o Anel de S. Pedro, a dirigir, da Cátedra Arquiepiscopal, os pontificais solenes que tanto celebrizaram a vida do nosso povo?

Então, Dom Aquino, não mais vos ouviremos daquele púlpito que se emudeceu, a vossa palavra de ouro, que sempre ouvimos, com o mais profundo recolhimento e respeito, através das grandes orações que vos sagraram e distinguiram, dentre os maiores oradores do século?

Não mais teremos a messe preciosa que recolhíamos daquelas vossas conferências oportunas e filosóficas com que preparáveis os homens, para a comunhão pascal, fortalecendo a fé e a crença, nos corações batidos pelo desalento ou sugestionados pelas influências malsãs do materialismo?

Não mais teremos o vosso paternal conselho, amainando as paixões desaçaimadas e preconizando e restituindo a paz e a concórdia nos lares, para a união e o conagraçamento, no seio do querido povo de nossa Terra.

Não mais teremos aquelas glórias imarcescíveis que alcançastes, para Cuiabá, para Mato Grosso, para o Brasil e para a Civilização Cristã, com o vosso admirável talento e exuberante eloquência, ora nos púlpitos e nas tribunas, ora no seio da Igreja e nas auditorias das grandes capitais e até nas Assembléias Internacionais de Genebra e Montevideú.

E tudo isso, Dom Aquino, será findo e acabado com a vossa morte?

Assim não cremos, Dom Aquino. Lembramos de que ainda em vida, vós mesmo nos falastes da vossa morte. Em meio às dores cruciantes da vossa enfermidade, escrevestes aquela magnífica Pastoral que denominas o Testamento de vosso Arcebispo. E, nesse testamento espiritual, entre a vida e a morte, nos legastes o exemplo edificante do vosso espírito cristão que se não atemoriza, ante à aproximação da morte, e então pedistes que a vossa morte propiciasse à seára do Senhor, o bem que na vossa vida propiciára.

E dir-se-ia foi assim que, na pobreza do vosso arquiépiscopado ao extremo da vida, oferecestes a vossa morte, como um legado supremo à Vossa Igreja e aos fiéis indicando o ponto alto e constante da vossa filosofia, em que a concepção da Vida tem a significação e o sentido de uma preparação para a morte.

Assim é que Dom Aquino viveu uma vida que a morte ratificou, confirmou e não destruiu, ao contrário dos outros filósofos que; com a morte destroem a vida que viveram, negam e abjuram as convicções e afirmações que externaram, porque são os falsos filósofos que pregam em vida aquilo que se abdicam diante da morte.

Legando sua morte, Dom Aquino nos legou sua própria vida, porque sua vida é a constante fidelidade aos princípios fundamentais da fé que ele nunca abjurou, mas consagrou com o sêlo da própria morte.

Assim a morte, é a libertação para a eternidade. E, a exemplo do Divino Mestre, Dom Aquino também nos oferece com a morte o caminho da nossa libertação, a fim de que, na morte, continuemos, sempre unidos, na mesma convicção, na mesma fé e na mesma crença que, em vida, nos uniu ao Divino Redentor das almas para as delícias eternas do Paraíso.



Querido Dom Aquino, daí que possamos ser dignos do legado da vossa morte e acetai do Povo e do Governo que aqui representamos, o sentido ADEUS que vos trazemos, sob a invocação das próprias palavras com que a Igreja assiste aos últimos instantes e se despede de seus fiéis servidores:- Parte o alma cristã, dêste mundo, e repousa em Paz.

---

---

## A Lição de um Centenário

Luis Philippe Pereira Leite

A vida edificante de João Carlos Pereira Leite, mereceria uma biografia. Ninguém melhor do que José de Mesquita poderia fazê-lo pelo carinho e pela admiração que lhe votava, eis que, por duas vezes foi buscar na sua nobre e digna descendência, a companheira dedicada e amiga dos seus dias e a mãe dos seus filhos queridos.

Mas a morte o fez tombar, qual majestoso carvalho, bem às vésperas do centenário do nascimento daquele varão insigne. Cabe-me, tão sómente assinalar a efeméride, para que não passe no olvido o 12 de julho, que Mesquita pretendia comemorar.

Conheci-o ao se recolher à vida privada, que seria o ocium cum dignitate dos seus trabalhos, na vida administrativa Catarinense, como Secretário de Estado no Governo Lauro Muller; no Parlamento brasileiro, como representante de Mato-Grosso; na Magistratura Matogrossense, onde se aposentou como Desembargador e nas lides forense e jornalísticas, cofundador que foi de "A Cruz".

O traço dominante do seu caráter foi a simplicidade, retratada fidedignamente no seu testamento, peça de rara beleza espiritual. Lapidares as expressões dessa joia literária, desde a homenagem comovida aos seus sogros "Os Barões de Diamantino, de saudosíssimas memórias" até as minúcias do seu sepultamento, que seria, como realmente foi feito, em caixão de última classe, conduzido por 4 praças de pret, como homenagem à corporação a que pertencera seu pai. Entre as disposições de última vontade e os derradeiros conselhos aos seus caros, podem-se destacar: "Na política entrei

pobre e dela saí mais pobre ainda; não quero que forrem de preto a sala onde ficará o meu corpo, porque ali deverá estar a imagem do Sagrado Coração de Jesús," etc.

Quando as primeiras pás de terra caíram sôbre o seu corpo, rasgou-se logo o pano do caixão a altura do rosto que se estampou, aos meus olhos adolescentes, na mais bela e comovedora expressão de humildade cristã que êle tanto cultivara em vida.

Lição de humildade é a que desce do centenário glorioso dessa vida plena de exemplos dignificantes.

## A Lição de um Centenário

Luiz Philippe Pereira Leite

A vida edificante de João Carlos Pereira Leite, merecedor de uma biografia ninguém melhor do que José de Mesquita poderis fazer pelo carinho e pela admiração que lhe votava. Eis que por duas vezes foi buscar na sua nobre e digna descendência a companhia dedicada e amiga dos seus dias e a mãe dos seus filhos queridos.

Mas a morte o fez tombar, qual majestoso cavaleiro, bem ás vésperas do centenário do nascimento daquele insigne. Cada vez tão somente assinalar a efeméride, para que não passe no esquecimento o 12 de julho, que Mesquita pretendia comemorar.

Conect-o ao se recolher a vida privada, que seria o colunista dignitário dos seus trabalhos, na vida administrativa Catarinense, como Secretário de Estado no Governo Luro Muller; no Parlamento Brasileiro, como representante de Mato Grosso; na Magistratura Mato-grossense, onde se aposentou como Desempregador e nas libras forense e jornalísticas, colaborador que foi de "A Cruz".

O traço dominante do seu caráter foi a simplicidade, tratada liberdamente no seu testamento, peça de rara beleza espiritual. Lapidadas as expressões dessa joia literária desde a homenagem comovida aos seus sogros "Os Heróis do Diamantino, de saudosíssimas memórias" até as minúcias do seu sepultamento, que seria, como realmente foi feito, em caixão de última classe, conduzido por 4 praças de pret. com homenagem a corporação a que pertencera seu pai. Tão as disposições de última vontade e os detalhes consuetudinários nos seus caros, podem-se destacar. Na política entrei

---

---

# BRASÍLIA

Alyrio de Figueiredo

## Oéste

### I

Enfrentar o sertão, enfrentar o deserto,  
É bravura de heróe, é bravura, de certo;  
Pois não pensar na morte é condição primeira.  
Ronda ao redor de tudo um perigo iminente  
— A investida da febre, o bote da serpente —  
E, entremeio, o silvar de uma flecha certa.

E as chuvas torrenciais, as de Dezembro, agora;  
E as noites sem luar e as manhãs sem aurora,  
Mais o tédio, o torpor, mais o aveluamento.  
Nenhuma ave sequer nos galhos encharcados;  
O terreno amolece; e os dias prolongados  
No monótono arfar das ramagens ao vento.

E o silêncio, e a amoldião, e ninguém ao redor;  
E o lombo exposto à chuva, à invernia, ao calor;  
Só confiar no destino, ou, bem melhor, na sorte.  
Não n'ó viola qualquer, e só o desprendimento  
De heróe o faz, ao defrontar o isolamento  
Com o desapego à vida, e o desafio à morte.

### II

Este é Joaquim Sutil, das bandeiras de agora,  
Que da vida ao raiar o rosicler da aurora,  
Não vacila deixar a família; e, assim só,  
Demandar o sertão, sem bússola e sem guia,  
Esperando voltar, certamente, algum dia,  
Feliz, cheias as mãos de tezouros em pó.

E olha o filho e a mulher. Da mulher, linda e moça,  
 O beijo que recebe a boca se lhe adoça  
 E esse beijo, porém, já não o prende mais.  
 Vacila. Franze o olhar. Mas a ganancia o ilude,  
 E, barbaro, e feroz, e selvatico, e rude:  
 — O que ficou, ficou. Não olhar para traz.

### III

Na mata, densa e hostil, de miasmas e de feras,  
 E bárbara e brutal, como as das outras eras,  
 Rompe rios, rechans, cachoeiras e desvões;  
 E, esmagando saudade e esmagando tristeza,  
 Voltará vencedor da própria natureza,  
 Venturoso e feliz, e cheias de ouro as mãos.

E a mata, escura, informe, indomita, sombria,  
 Do sereno da noite em suas folhas trazia  
 Suntuosa coleção de pérolas de côr.  
 E, para mais tentar a ambição delirante,  
 Espalhava, ao redor, um perfume embriagante  
 De resina queimada e de baunilha em flor.

E, à invésida do sol a mata resistia,  
 Pois era noite ainda o pleno dia  
 Na forte cerração de brumas e vapores.  
 E bem se ouviam já, melodiando na mata,  
 Agudos de jacús e graves de cascata,  
 Em forte orquestração de metais e tambores.

A natureza, em flor, palpitava de vida;  
 Porém, violada assim, como fera ferida,  
 Ia mordendo os pés do violador audaz,  
 Que, à noite, ao se deitar, todo em sangue banhado,  
 Nem se lembrava mais, como herói ou soldado,  
 Do tudo que vencera e que deixará atraz.

### IV

Muda, agora, de rumo; outros ermos demanda;  
 E marcha, e vae a sós, dias inteiros anda,  
 Para depois, exausto, à sombra adormecer.  
 E sonha, e se estremece, e se agita no sonho,  
 Ao sentir no seu rosto o do filho risonho,  
 E na boca, que já arde, um beijo da mulher.

E isso o anima e encoraja e então, segue cantando:  
 Na várzea verde e mole o capim se espelhando  
 Faz magias de côr, e púrpura no chão.  
 Às vezes, é cigana a própria natureza,  
 Pois que ilude a ganancia espalhando riqueza,  
 Que logo se desfaz, como a própria ilusão.

Às vezes, triste e só, na barranca de um rio,  
 Ficava a contemplar, longas horas a fio,  
 Às águas a correr, em demanda do mar.  
 E que vontade, então a de ir, nessa mesma ancia.  
 E vencer, sem parar, toda a grande distancia,  
 Para poder, assim, logo ao termo chegar.

Veses outras, e raro, o animava a poesia  
 Do luar a tecer, por sobre a ramaria,  
 Com ramagens de luz, riquíssimo cendal,  
 Que lhe dava a ilusão, dulcíssima ilusão,  
 De que seria assim, quando voltasse, então,  
 A casa que deixou toda branca de cal.

## V

Como um deserto vae a outro deserto, às veses,  
 Lhe era grato encontrar, após dias e meses,  
 Violador de sertão, como êle, a errar a sós.  
 E, assim, juntos então, demandavam a ignota  
 E Augusta solidão, sem bússula e sem rota,  
 No duro caminhar sangrento dos herois.

E vae ao ribeirão, de cristalinas águas,  
 Afogar o cansaço, o desalento, as máguas,  
 E as forças restaurar, aliviar as fadigas.  
 E dorme o bom dormir. E, ao despontar o dia,  
 De pé, toma o facão, deixa a mata sombria,  
 Para enfrentar o sol e a febre das formigas.

Desce ao fundo do rio, nesses esforços rudes,  
 E o organismo a baquear, de febres e paludes,  
 Já não deixa render os trabalhos do heroi.  
 E, pálido, sem força, em desanimo, mesmo,  
 Muda o rumo, a buscar, já sem coragem, a esmo,  
 A fortuna mendaz, que a ambição não corrêe.

Às veses, ao guardar uma pepita, aneia  
 Por mais outra guardar; vae depressa à bateia,  
 E se deixa ficar, sol a sol, ao calor.  
 E ao conferir, à noite, os esforços do dia,  
 Sente a safra maior, e maior alegria,  
 E nem pensa sequer que a saúde é menor.

E recomeça a luta. O corpo todo exposto  
 À inclemencia do sol e ao bochorno de Agosto,  
 É uma estátua de bronze a se mover. Trabalha.  
 Volta à tarde, a cantar. No todo se lhe nota  
 O mesmo prumo, embora o sangue, gota a gota,  
 Lhe nodóe o perfil dos rasgões da batalha.

Outra vez é a perdida. A mata é densa e escura;  
 O trilho se apagou. Outro trilho procura,  
 E rompe chavascals, em feridas as mãos.  
 E os ouvidos a ouvir, das primitivas eras,  
 O macabro trotar de perigosas feras,  
 A abalar solidão, reconcavos, desvões.

Não dorme. E a noite toda, agarrado nos galhos,  
 Ve passar sombras más, sinistros espantalhos,  
 Troncos que vêm ao chão, à passagem das antas.  
 E ao vir da madrugada, inda trêmulo, desce,  
 E a Deus, pisando o chão, de joelhos, agradece  
 Ter ainda a razão, após torturas tantas.

## VI

A Terra, em combustão, no bochorno do estio,  
 É uma África da vida. As árvores e o rio  
 Secam. Os animais buscam os chupadores.  
 Aonde se vão juntar. E, amigos, nos tormentos,  
 Esquecem, como nós, velhos ressentimentos.  
 São vultos patriarcais, sem iras e rancores.

Depois, é a tarde rubra, ignea, sangrenta. Tarde  
 Que, entre fogueiras mil nos horizontes arde,  
 Espectaculo mór dos trópicos: Outono.  
 E, finalmente, a noite — água — lustral, por certo.  
 Que, ao batismo da paz, traz cousas e deserto,  
 Num só mesmo quietar de descanso e abandono.

Agora, é uma alélua. A manhã rosicler,  
 Com fascínios de fada e encantos de mulher,  
 Transforma a sombra em luz e as arvores em flor.  
 E coleiras, curiós, canários, gaturamos,  
 Unidos, aos casais, cantam no alto dos ramos,  
 As delicias do espaço e os encantos do amor.

Tem dessas mutações a natureza nossa:  
 Rabugices de velha e fascínios de moça,  
 E noites de luar — sol e manhãs, nebulosas.  
 Seis meses de aguaceiro e, de seca, seis meses,  
 Pois, si às vezes, paraíso, outras, inferno, às veses,  
 Ora cheia de lama, ora cheia de rosas.

## VII

Como ao pegar num cofre amplamente recheiado,  
 A sacola que está pendurada ao telhado,  
 Fá-la descer, a afaga e a leva ao coração.  
 Toma-lhe o peso, e está já transbordando de ouro.  
 E, senhor de si mesmo e senhor do tesouro,  
 Diz — ingenuo e feliz — minas de Salomão.

## VIII

Já é tempo de voltar. Joga fora as bateias.  
 Outubro. Já nos céus nuvens prenes e feias  
 Se movem, num marchar de batalhões em guerra.  
 E breve hão de descer — coriscos e espantelhos —  
 E aves, ninhos levar, seccionando os galhos,  
 Para dar de beber aos córregos e à terra.

E Contemplava ao longe a tristesa dos montes  
 Arroxados e azus. Depois, os horizontes  
 De brasa, de rubi, de cobalto, de cobre.  
 E bambús, oscilando à passagem do vento,  
 Eram harpas a entoar, de momento em momento,  
 Salmos penitenciais. Ave Maria. Dobre.

Pela primeira vez, ou remorso, ou saudade,  
 Perscrutando a amplidão, os céus, a imensidade,  
 Apalpa o coração, que o coração lhe dói.  
 Que êsse painel de luz, despercebido outrora,  
 Em tardes tropicais, ao crepúsculo, agora,  
 Feria o coração, já sensível, do herói

Ah! estivesse no lar, tão distante e tão doce!...  
 Era um sonho talvez, ou mais loucura fosse,  
 Lhe era grato pensar. Isso o anima e agasalha.  
 Via diante de si o terreiro da casa  
 Florido, e limpo, e ameno; e a quentura da brasa  
 A arder no tacurú da cosinha de palha.

E prepara o retorno ao lar, ao amor, à vida;  
 E o rancho de sapé, que lhe deu a paz, guarida,  
 Contempla-o, num olhar de reconhecimento.  
 Olha o terreiro limpo e as árvores. Calado,  
 Já bem sente deixar, assim abandonado,  
 O tudo que semeiou ao derredor. E o vento,

Que lá vem das rechans, dos campos e das matas  
 Traz-lhe o aroma do mel e o canto das cascatas,  
 Para prendê-lo à terra. E ingrato êle o é. E, forte,  
 Sem olhar para traz — ambiente calmo e amigo —  
 Parte, apenas levando a sacola consigo,  
 Para enfrentar, por fim, mais que o sertão, a morte.

## IX

E, cinco anos depois, de trabalho e de luta,  
 Mais que as feras, vencendo a natureza bruta,  
 Senão rico, mas bem, deve agora voltar.  
 E sonha um sonho bom, sonho acordado e amigo,  
 O de levar a paz, a riqueza consigo,  
 E o de rever o filho, a mulher e o seu lar.



E a mata o quer prender, com novas algazarras  
 de macacos, bugios, papagaios, cigarras,  
 Em bárbaro jazban, de agudos e de graves.  
 E canários, curiós, colibris, gaturamos,  
 Em notas musicais abrem, no alto dos ramos,  
 A lírica e triunfal orquestração das aves.

E o inferno verde assim é um paraíso agora,  
 E cambiantes de luz, ao rosicler da aurora,  
 Tecem rico cendal na copa das ramagens.  
 E a relva, fresca e verde, é pérsico soalho  
 De tapetes, azuis, carmezins — um serralho —  
 Outrora a de um Mahmú, entre núbias e pagens.

## X

E quando em marcha já, no desertão, na volta  
 Ao lar, a barba ao vento, a cabeleira solta,  
 As veste em frangalho, uma ideia o estremece.  
 É a febre? é a timidez? Nem timidez nem febre.  
 É a macabra vizão de que tudo se quebre  
 Ante a perda do lar. E murmura uma prece.

Outras vezes, á tarde, hora sombria e mansa,  
 Vendo as aves passar, aos casais, a lembrança  
 lhe vinha da mulher. E o olhar, maguado e atento,  
 penetrava a floresta, ia transpondo rios  
 Serras e chavascais, e pantanos sombrios,  
 A cabeça a oscilar, n'um arrependimento.

Rico, mas quase nú, na floresta, assim só,  
 Vendo a sacola assim, transbordando ouro em pó,  
 Bem mais lhe valeria a pobreza do lar.  
 Via, diante de si, o filhinho e a mulher  
 A rezar, a rezar, esperando rever  
 O esposo e pai. E poz-se a marchar, a marchar

E embarça-lhe a vizão nuvem macábra e densa:  
 — quem sabe si talvez esta distancia imensa  
 Não me deixára, pois esquecido dos meus...  
 Quem sabe... - E assim ficou nessa interrogação.  
 E, atirando no solo a sacola e o bordão,  
 Pela primeira vez ergueu o olhar aos ceus.

A fortuna maior, da qual tinha a mão cheia,  
 A fortuna melhor, diz ele, a real, deixei-a  
 Por outra que não sei si me fará feliz.  
 Quem sabe... a ausência é longa e maior a distancia:  
 E grita, ao contemplar a sacola, com ancia:  
 — Não levo dentro dela o que a mente me diz?

Certa tarde, porem, tarde quente de Agosto,  
Mortífero suor banha-lhe a testa e o rosto;  
Cambaleia, e, por fim, cae pesado no chão.  
E diz, erguendo aos céus o olhar sereno e santo,  
Ante a perda total de sacrificio tanto,  
Ser a morte melhor que uma desilusão.

E certo de morrer, abre a sacola cheia  
De pepitas e grãos, e a atira sôbre a areia  
Da praia, onde tambem há-de cahir, ficar.  
A riqueza maior, diz o heroi de si mesmo,  
Roubou-m'a esta ambição, o desvário mesmo,  
Que riqueza maior deixei-a no meu lar.

E, inda forte na dor, já pressentindo a morte,  
Estende o olhar sem luz para o sul, para o norte,  
Como que procurando a direção do lar.  
Pela primeira vez uma lágrima escorre  
Dos seus olhos de heroi. Procura erguer-se. E morre.

.....  
E envolvia-lhe o corpo o sudário do luar.

E quando o sol, depois, em púrpuras surgia,  
Frio, cerrado o olhar, e sôbre a praia fria,  
O aventureiro audaz, com os hirtos membros nús.  
E, em círculo, ao redor, disputando a carniça,  
— Ou merecido prêmio, ou suprema injustiça —  
Um tétrico esvoaçar de vespas e urubús.

Morreste, pouco importa. Espera, que hás de ver  
Um outro, como tu, grande heroi, reviver  
Teus feitos imortais, repisando este chão;  
E no solo onde andaste, ingrato e agreste, outrora.  
O Brasil feito luz, ressurgindo em pletora,  
Pulsando então aqui da Patria o coração.

Não somente a ambição, não somente a ganancia;  
Violando sertão, amassando distância,  
Tua audacia e valor o Brasil ultrapassa,  
Mostrando a todos nós, e a toda gente estranha,  
As riquezas da Patria, a riqueza tamanha,  
Pondo em relevo, em suma, o heroismo da Raça,

E aviões, mil aviões, rasgando noites, dias  
E trilho marginando as largas rodovias,  
Criando populações, Estado, Capitais.  
E o auriverde pendão da linda Terra nossa,  
Terra nova louçã, terra encantada e moça,  
Baloçando nos céus, com acenos de Paz.

Dorme em paz, trilhador; em paz, teu nobre sono;  
 Não ficarás jamais, jamais, nesse abandono;  
 Consolados serão teus gemidos, teus ais.  
 Teus ossos tremerão, futuramente, quando,  
 Nesse mesmo lugar onde andaste chorando  
 Ecoarem sobre ti sinos de catedrais.

Bendita tua audacia, e bendita agonia;  
 Bendito o ubero solo onde pisaste um dia,  
 De onde o teu sangue ainda em púrpuras poreja.  
 Da semente, que és tu, plantada neste chão,  
 Brasília há-de surgir-os anos o dirão -  
 Para a glória maior de tua Pátria. Assim seja.

---

---

---

## Impressões da viagem a Guarapari

Virgílio Corrêa Filho

O arqueamento do itinerário pelo contôrno da baía de Guanabara, em vez da travessia pela barca, se alonga o percurso, compensa-se pela variedade panorâmica através da planície em que o invasor madrugou no cultivo do solo.

Ao longe, alteia-se, a noroeste, a Serra do Mar, cuja silhueta se caracteriza pela linha da cumiada, nos Órgãos em que sobressai o pico do Dedo de Deus.

Declinam os seus contrafortes até a baixada, onde, todavia, rompem, a espaços, empolamentos mais reduzidos, que a erosão transformou em "meias laranjas", terminologia regional, indicativa de morrotes aproximadamente arredondados que decoram a paisagem. Em tórno, dilata-se a planura especialmente nos vales dos rios favorecidos pelas precipitações abundantes, causadas pela íngrime cortina vegetal retentora dos ventos úmidos do mar.

As águas que se precipitam das encostas não somente se embebem no solo, proporcionando vantajosa irrigação, como ainda lhe cedem os sais e humus carreados pelas enxurradas, que lhe garantem a fecundidade.

Não admira que, afastados ou contidos os tamoios, que lhes obstavam a posse, os condutícios de Estácio de Sá e os sucessores se apressassem em dedicar-se à lavoura, desde a beira por assim dizer da Guanabara.

Afastavam-se da praia o indispensável para se livrarem dos mangues, onde viçassem, e dos brejais incômodos e pestilentos. Os rios proporcionavam-lhes via fácil de comunicação com o mercado consumidor, nas vizinhanças do morro do Castelo, que centralizava a povoação crescente.

Fixavam-se onde lhes apetecia, enquanto sobejasse terreno para a escolha.

E assim se foram assenhoreando de glebas, entre o mar e o maciço, em breve assinaladas pelas casas dos proprietários rurais

Seriam modestas, de princípio, mas à medida que avultavam os lucros da lavoura, também cresciam de importância em sua aparência não raro luxuosa.

Ainda alguma permanece, apesar das vicissitudes que molestaram a agricultura regional, mais graves por ocasião da abolição, que a empobreceu.

Aliás, já eram consideradas cansadas as suas terras, quando começou o surto impressionante da zona campista, onde a cana de açúcar medrou com vigor nas terras que tornaram ao domínio da Coroa, antes abrangidas no latifúndio dos Assecas.

Na atualidade, residencias dispersas, em que se abrigavam modestos sitiantes, tendem a transformar-se, ao menos à beira da rodovia, que se flanqueia de construções modernas e até de estabelecimentos industriais. Atravessados os rios Iguaçu, Saracuruna, ainda no Estado da Guanabara, e Magé, Guapimirim, Macuco, Monjolo, fluminenses, a estrada influiu fortemente para nordeste, em busca das paragens salineiras. Transfigurou-se inteiramente, com pouco mais de cinco horas de viagem, o cenário. Abriu-se plácida a lagoa de Araruama com a sua clara massa líquida, que, ao longe, a restinga do Maçambaba separa do Atlântico. Para trás, ficaram a de Saquarema e a do Maricá, afamada pela aristocracia, que os seus engenhos de açúcar opulentavam. Hoje, nenhuma se lhe compara, no ímpeto de modernização, que lhe retalhou o terreno em lotes urbanos, em que se erguem vivendas aprazíveis. A breve parada em Araruama permite olhada rápida aos seus aspectos de prosperidade, já bem diferentes da visita no biênio anterior, quando lhe foi apreciado o afago de suas águas densamente salgadas e limpas. Contornando-lhe o prolongamento sugestivo até S. Pedro da Aldeia, o ônibus deixou o ramal de Cabo Frio à direita e rumou para Macaé, onde se completaram seis horas de rodada.

A vegetação, que já se vinha modificando, com as suas características de revestimento litorâneo, de terreno arenoso e salino, viça para o interior, em pastagens próprias à pecuária

ria, que deram fama aos "Campos dos Goitacazes", e assim prossegue além do rio Paraíba, onde prosperou a afamada cidade, a que cederam o nome.

Quem lhe observa a pujança atual, bem compreenderá a vitalidade demonstrada desde os primeiros tempos, quando começou a plantar os seus avassaladores canaviais em fértil solo de massapé e a arrostar as arbitrariedades de governantes, que afinal não perduraram.

Todavia, só no século XVIII se ultimou a luta pertinaz, que levou Alberto Ribeiro Lamego a afirmar: "aqui até as mulheres lutam pelo direito", bem lembrado dos feitos de Bento Pereira, quando a Corôa acertou a compra das terras do donatário. Com o quarto Visconde de Asseca, assim findou o domínio da famosa dinastia, instituída por Salvador Correia de Sá e Benevides, ao conseguir a restauração da esquecida capitania de São Tomé.

A instalação da vila de São Salvador dos Campos, por esforços dos moradores, não se realizou sem duras oposições dos dirigentes, contra os quais o descontentamento popular se manifestou por atos hostis. Não admira que a tradição de rebeldia se cultivasse na cidade, que se ufana de comemorar, na imprensa, o "Monitor" "Campista", fundado, em 1834, e ter inspirado a vocação oratória de José do Patrocínio, o feroz tribuno da abolição contra as opressões do cativo, e de Nilo Peçanha, que, após impressionante trajetória em junções públicas, decidiu ser o paladino das liberdades cívicas em memorável campanha política, de que não colheu o êxito desejado.

O Paraíba, com a sua avenida a beira-rio e pontes que lhe atravessam o talvegue, imprimiu feição inconfundível à cidade, que as usinas de açúcar rodeiam, com os seus opulentos canaviais.

Verdejam com a sua folhagem de tons característicos, de um lado e do outro da estrada, que não tarda em deixar a pista asfaltada, para iniciar o trecho mais necessitado de reparos em leito mal gradado. A velocidade do veículo diminuía, em correspondência com os obstáculos que enfrentava. Não obstante, alcança o Itabapoama, além de cuja ponte começa o território do Espírito Santo, em que a rodovia se apresenta mais bem conservada.

Nova transfiguração do cenário, de que se aproximam os contrafortes da Serra do Mar, em que, adiante, sobressai a pe-

dra do "Frade e a Freira", admirada pelos viajantes. Vai declinando a tarde. Aumentam as sombras, em contrastes impressionantes.

Afinal, escurece, quando se divisam as luzes de Guarapari, em meio da gritaria dos carregadores que pretendem preferências para os seus esforços. Aturdidos pela demorada excursão de 12 horas, os passageiros enfrentam a última fase da peregrinação, minorada nos casos de reserva garantidora de apartamentos. Quando não haja prévia combinação, e às vêzes, apesar da providência tomada, nesse sentido, a deficiência de acomodações nos hotéis, em proporção aos adventícios que as procuram, causa aborrecimentos inúmeros, que levam não raro os descontentes a desistir.

Para os que permanecem, entretanto, esperançosos de melhorias futuras, não faltarão compensações aos percalços da viagem.

O ar macio da manhã radiosa afasta, no dia seguinte, as contrariedades porventura sentidas. O fascínio do ambiente reconcilia com as suas peculiaridades o mais impaciente forasteiro, que a pouco e pouco lhes vai apreciando os amavios, em que se revelou pródiga a Natureza.

O quadro emoldura-se pelas elevações da Serra do Mar afastada o suficiente para permitir as edificações urbanas em faixa arenosa considerada plana, apesar de mais de uma ladeira.

Os esporões avançados recortam a costa, rendilhada de enseadas e reentrâncias, a contento dos visitantes mais exigentes, aos quais se depara variedade incomparável de segmentos, quais piscinas atraentes e tranquilas, que lhes facilitam a utilização em meio de panoramas arrebatadores.

Entre Muquiçaba, de um lado, para onde se vai estendendo o povoamento, a Meaipe, próximo à extremidade meridional do município, a nomenclatura regional distingue inúmeras praias, entre as quais atraem maior frequência as de Areia Prêta, das Amendoeiras ou Castanheiras, do Morro, dos Namorados.

Porventura, teriam uma só designação, quando as percorreu o Padre J. de Anchieta, em sua incansável peregrinação missioneira.

Agradou-se do local, a meia centena de quilômetros a sudoeste de Vitória, no litoral do Espírito Santo.

E decidiu aí ajuntar os silvícolas dos arredores, com os quais ergueu a primeira capela, sob a invocação de Sant'Ana.

Todavia, os seus zelos apostólicos repartiam-se também com outros núcleos indígenas, inclusive Retiriba ou Iiritiba, onde, já em 1569, como resultado de sua visita às circunjações, fundou a aldeia, que não tardou em ser dotada de igreja, consagrada a N. S. da Assunção, cenário de sua fervorosa atuação.

Patenteava-se destarte a sua preferência pela localidade, cujos moradores lhe retribuíram a afeição generosa, desde quando se agrupavam em tórno de sua humilde cela, conservada com carinho, para lhes ouvirem os ensinamentos edificantes.

Pelos tempos afora, não esmoreceu a veneração, mantida não somente na memória do povo, que se gloria de ter acolhido o fundador da aldeia inicial, como ainda no Ginásio Anchieta, a cargo dos jesuitas, que também dirigem o seminário de igual nome.

E mais ainda, na própria igreja de N. S. da Assunção, padroeira do Município, tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que lhe garantiu assim a conservação, embora se inclua na lista das famosas construções coloniais.

A desprezenciosa fachada, com a tórre ao flanco, mal fará presumir os atrativos do ambiente tradicional, impregnado de culto anchietano, a que se dedica o Museu, anexo ao convento, organizado na sacristia, onde são prestadas minuciosas informações aos visitantes. Aí emudeceu, a 9 de junho de 1597, ao completar 44 anos de penosos trabalhos catequistas, da Bahia alongados a S. Vicente, circunstância que inspirou ao pregador, na cerimônia fúnebre, aplicar-lhe o título de "Apóstolo do Brasil". A indicação do prelado Bartolomeu Simões Pereira, pela primeira vez proclamada, consoante registou A. de Alcântara Machado, não faltou a ressonância, que perdura. Bem merecia, aliás, a consagradora qualificação o canarino, cujo corpo inanimado índios solícitos carregaram aos ombros, desde Reritiba, que lhe recolheu as derradeiras provas de santidade, até a Capital, distante cêrca de 65 quilômetros em linha reta.

Depositaram-no, a 13, na capela de S. Tiago da Companhia, que se transfigurou no atual Palácio Anchieta, sede do Governo, onde pode ser visitado o túmulo do missionário modelar, em cuja lápide se gravou expressiva inscrição".



"VENERAB. P. JOSEPHUS DE ACHIETA - SOC. I. BRASILIÆ APOST ET NOVI ORB. NOVUS-THAVMATVRG DIE IX IUN ANN MDXCVII".

Para melhormente evidenciar a gratidão coletiva, geração ulterior transformou a aldeia local em vila do Benevente, que lei provincial de 12 de agosto de 1887 elevou à categoria de cidade, com a denominação de Anchieta, consoante informação da "Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - vol. XXII.

Diferentemente de Reritba, que se beneficiou com mais duradoura permanência do incansável animador dos aldeamentos indígenas, Guarapari, a meio caminho, apenas se vangloriou de incluí-lo entre os pioneiros.

Não o reteve, entretanto, por longo período para proveitosa convivência. Solicitações de vária espécie o atraíam para distantes paragens, beneficiadas pela sua estimulante ação catalítica.

Não admira que, falta de assistência fecunda, o povoado se amofinasse em longa fase esmorecente, em que a ação da Natureza sobrepuja sobremaneira a cooperação do homem, para lhe promover o surto.

Iniciado, em verdade, o seu povoamento, antes de findo o século da descoberta do Brasil, atravessou mais de três centúrias sem lograr prosperidade. As ruínas da igreja cuja construção o coronel Francisco Gil de Araujo empreendeu, em 1677, atualmente ensombradas pela vegetação invasora, patenteiam o malôgro da tentativa do donatário, que adquirira a capitania mediante compra a Antonio Luis Gonçalves da Câmara, homologada pela carta Régia de 6 de julho de 1674, conforme apurou Carlos Xavier.

Além da obra, que pretendeu edificar, interrompida em meio, favorecendo a medrança de árvores, que desmantelam as paredes de alvenaria, outras demonstrações atestam o seu perdido esforço que não teve seguimento.

Criou, todavia, a vila de Guarapari, a 12 de janeiro de 1679, mas em curto prazo se transferiu para a Bahia, onde possuía propriedades mais rendosas, de que cuidou, até sucumbir em 1685.

E a vila tornou ao marasmo anterior, porventura acrescida de algumas casas ruelas primitivas. Os moradores contavam-se com a modesta vida de pescadores e escassa lavoura, que os vorazes formigueiros danificavam, dificultando a plan-

tação de pomares. Mas cultivavam a sua habilidade inata na confecção de artefato de concha, em que se revelam artistas exímios.

Em torno, as colinas, de "gnais, com o coroamento de terciário", indicados por A. I. Oliveira e O. Leonardos, compunham panoramas deslumbrantes, além de fornecerem os minerais aos quais a localidade deveria a sua fama.

Ninguém se dava conta de sua valia, quando esperto explorador começou a carregar os porões dos seus navios com a areia fàcilmente colhida nas praias, a título de lastro sem outro qualquer préstimo.

A pouco e pouco se foi divulgando a astúcia do industrial, que fornecia aos sócios europeus preciosa matéria prima para aplicação especial.

Ainda, porém, cobrada mais tarde a taxa de exportação, as suas areias monazíticas seriam, em breve, arroladas entre os elementos mercedores de maiores desvelos fiscais.

Constituíam inigualável riqueza mineral, capaz de desenvolver radioatividades em suas praias, além de conter elementos reclamados pela segurança nacional. Não se divulgou, porém, amplamente a ocorrência, quando por volta de 1936, Guarapari hospedou curioso viajante, ansioso de conhecer novas paragens. Em suas andanças, perlustrara várias regiões brasileiras, mas nenhuma o surpreendeu como aquela gata borralheira, que ocultaria em suas vestes humildes singulares primores de princesa. Estava o Professor A. da Silva Mello suficientemente amadurecido para perceber segrêdo não lobrigados por outrém. Ao tempo dos seus estudos de medicina, antes da grande guerra, freqüentara o Instituto de Radio de Berlim, de que se tornou assistente, a convite do Professor Wilhelm Hiss, que o recomendou ao respectivo diretor. F. Gudzent. À medida que revelava progressivas aptidões aos dois orientadores de suas pesquisas, ia-lhes captando a confiança, até a expressiva decisão do chefe, que lhe aceitou a proposta de "conduzir eu próprio a minha experimentação", como recordaria mais tarde. E ao cabo de investigações acuradas, em que se utilizou de "torio X, um derivado solúvel do rádio, cuja vida é muito curta, pois êsse elemento perde a metade da sua atividade radiante em pouco menos de quatro dias", chegou a conclusões, que fatos ulteriores confirmariam em grandes proporções na tragédia de Hiroshima.

Naquela época, porém em 1914, o assunto ainda permanecia envolto em mistério, como puderam julgar os examinadores que lhe realçaram o saber, comprovado nos trabalhos porfiados sôbre radioatividade. Era um pioneiro nas investigações científicas da especializada, de que o afastaram as consequências dramáticas da conflagração européia. Mas a inesperada excursão a Guarapari, decorridos dois decênios, reaproximou-lhe o espírito das cogitações da mocidade, com o mesmo fervor doutroira, como para comprovar o acêrto do "revient toujours..." E, assim, não perdeu oportunidade de manifestar o seu entusiasmo pela imprensa.

E quando a "VII Jornada de Radiologia" levou ao local, em 1959, doutos especialistas, a sua palavra acatada fez-se ouvir, a 1 de novembro, para lembrar: "não possuisse conhecimentos sôbre a radioatividade, certamente teria passado por Guarapari sem nada perceber da sua importância terapêutica, das suas propriedades radioativas deixando-me quando muito empolgar pelo seu clima e a beleza da sua natureza".

Mas estudara sagazmente o assunto, com decidio empenho de elucidar-lhe os problemas, à luz dos princípios da ciência experimental, e poderia opinar como abalisado sabedor.

Assinalou, a propósito, que "as minhas observações, desde o primeiro momento, confirmaram o que eu já sabia dos efeitos da radioatividade sôbre o organismo humano, sobretudo em casos de enfermidade. Eu próprio não pude empreender outras pesquisas, mas há dúvida que tudo se encontra como quando aí cheguei pela primeira vez há um quarto de século".

Lamentou: "o que sabemos de Guarapari não passa do mais vulgar empirismo, destituído de qualquer estudo científico. É um êrro e um abuso para o qual quero chamar a atenção dêste Congresso".

Não se limitou, entretanto, a denunciar o mal. Indicou ao mesmo tempo a providência que urgia promover, mediante a cooperação do Conselho Nacional de Pesquisas, a quem deverá ser confiada tamanha incumbência, de estabelecer "plano de observação e pesquisas" que será pôsto em execução pela sua intervenção. "O que eu próprio tenho verificado, acrescentou, baseado sômente na observação clínica, sem qualquer auxilio de laboratório, estando de acordo com os dados conhecidos sôbre os efeitos da radioatividade, é que as doenças do grupo reumático e outras de evolução tórpida ou de longa duração podem ser influenciadas beneficemente pela radioatividade de Guarapari, enquanto outras, mas agudas,

implicando em maior atividades das funções orgânicas, a tuberculose pulmonar e outras enfermidades consumptivas ou acompanhadas de aumento do metabolismo, podem ser por ela prejudicadas”.

Se, porém, “neste quarto de século decorrido, o que aprendemos de Guarapari sob o ponto de vista médico e científico, não foi absolutamente nada, havendo apenas confirmação do que já se sabia empiricamente”, como assinalou, modificações inequívocas verificaram-se em outros aspectos.

Apesar de lograr os foros de cidade a 19 de setembro de 1891, ainda modorrava, inconsciente da sua opulência desperdiçada, com a população de 12 380 habitantes recenseados em 1950, dispersos pela zona rural, em mais de 80%, quando industriais empreendedores começaram a tornar-lhe conhecidos os encantos.

A construção de casas residenciais e de uso coletivo tomou incontestável impulso, de que resulta o contraste entre os prédios antigos da cidade velha, e os modernos, entre os quais sobressaem os hotéis e várias residências de gosto apurado.

Flanqueiam, em maioria, a rua principal, distendida da praça Joaquim Monteiro, ou Municipal, à praia de Areia Preta, pavimentada no primeiro trecho, e de terra batida na outra metade. Não obstante avultarem pelo muro, em desproporções com o aglomerado urbano, ainda lhes será insuficiente a capacidade para abrigar os clientes que os procuram. Especialmente nas quadras de maior afluência, quando as praias afamadas atraem visitantes de várias procedências, que lotam a mais não poder os hotéis e ainda sobejam para as pensões improvisadas em casas particulares.

Pelos logradouros, então se enfileiram automóveis, que exibem placas de municípios distantes, da Guanabara ao Rio Grande do Sul, de Minas Gerais a Mato Grosso. E todos os forasteiros acordam nos louvores aos encantos paisagísticos de que destoa não raro a dieta hoteleira, justificada, em parte pelo aumento repentino de consumidores. Despiciam-se nas freqüências às praias, onde se lhes depara, não somente a areia radioativa, como as águas atraentes, cujo ímpeto moderados escolhos atenuam.

Aí também encontram vendedores ambulantes de produtos do artesanato doméstico apreciados pelos veranistas, de

frutas e doces, inclusive de água de côco. É a diversão predileta, que poderão alternar com as excursões às paragens próximas, municípios, ou além.

Por um lado, ao Sul, Anchieta relembra o passado, que atrai a curiosidade dos forasteiros. Em rumo oposto, Vitória combina a tradição, herdada dos seus pioneiros da fase heróica de desbravamento, com o atual surto progressista, espeelhante nas suas amplas avenidas, em que se alteiam edifícios modernos, no pôrto movimentado, no caes dos minérios, em que atracam bojudos cargueiros. Na previsão do mais espetacular futuro, confia no êxito da siderurgia, em que à sua vista se misturarão as matérias-primas conduzidas de Minas Geraes, pela via férrea, com o combustível importado para os altos fornos.

O zelo pelo passado atesta-se no convento de N. S. da Penha, de que se orgulha a vizinha cidade do Espírito Santo, cujas origens se confundem com as da próspera capital, da qual é fraternal prolongamento.

No alto de uma colina, o Santuário sobranceia, a 190 metros, os arredores, em panorama portentoso.

Aprazível rodovia, que vara a vegetação esmeradamente cuidada, coleia pela encosta verde até a esplanada, onde se comemora o fato do peregrino que ideou a capela de São Francisco. Placa expressiva exalta-lhe o fervor religioso.

"1558. Ad Perpetuam Rei Memoriam 1958.

Aqui morreu, no ano de 1570, o venerável Servo de Deus Frei Pedro Palácios, fundador desta Capela e do Santuário da Penha.

No transcurso do IV Centenário da sua chegada ao Espírito Santo e da devoção a Nossa Senhora da Penha da qual foi o iniciador e propagador, o povo capixada agradecido a reedifica no ano de 1959".

Ainda referente ao século do desbravamento, em honra a virtuoso religioso, o monumental Palácio do Governo, além de adotar o nome de Anchieta, consagrou-lhe ao culto grandioso túmulo, em uma de suas alas.

A consagração do passado harmoniza-se às maravilhas com os impulsos realizadores, que empreenderam a Ponte Florentino Avidos, de que se orgulha a Capital, edificada na ilha, ligada por ela ao continente, a abertura de avenidas, do Parque Moscoso, com a sua concha acústica, além da cons-

trução de edifícios majestosos, como o Teatro Carlos Gomes, o Forum, a Faculdade de Direito e outros de igual porte, que merecem visitas especiais. Para efetua-las, raro será o veranista de Guarapari que não se decida a utilizar-se do seu próprio veículo, ou de algum ônibus, que trafegam várias vezes por dia pela magnífica rodovia, extensa, de 54 quilômetros, que vai à Capital.

De caminho, extasia-se diante de paisagens impressionantes, a que não faltam, aqui e ali, sinais indicativos da próxima transformação, mas intensa nas vizinhanças das praias. Testemunham o açodamento dos loteadores de terreno, que, lobrindo lucros estonteantes, promovem-lhe a excessiva divisão, sem plano racional, que norteie a utilização futura.

Ao que asseveram informantes fidedignos, já não haverá, em torno do núcleo urbano, gleba alguma a que não se tenha aplicado a cobiça dos retalhadores, mais empenhados na vantajosa operação presente do que nas possíveis consequências desastrosas para as administrações municipais, de cujo interesse não cogitam.

As suas atividades intensas provam, todavia, que, depois de longo período de esquecimento, Guarapari ressurgiu, mercê dos seus elementos naturais, cujas virtudes sábios do estôfo mental do Prof. Silva Melo proclamam, convictos da eficácia, em casos condicionados às radioatividades das suas águas e areias, que lhe inspiraram a resoluta afirmativa:

"É Guarapari algo de excepcional, de único no mundo".

junho de 1963

Virgilio Corrêa Filho

---

---

## A mata do Angical

Francisco A. Ferreira Mendes

Ao amanhecer, quando os primeiros raios do sol começam a dourar os cimos com fulgurações trêmulas de luz, descortinando o cariz da mata, a capoeira se ostenta em todo o seu esplendor. Com que de maravilhas a natureza pródiga a enfeita! Nuances azuis, amarelas, violáceas em fundo verde escuro, enfeitando a vista! As árvores erguem-se direitas, soberbas nos troncos rugosos, para depois se espalharem em ramos nas alturas, quase a alcançar as nuvens. Que de variedades na forma das folhas, na cor das flores, na configuração dos frutos! As palmeiras "uaguassus", como gigantes que são da capoeira, erguem-se firmes, e lá no alto, abrindo-se em flabelos de verdura magnífica, dominam a mata toda, imperando como princezas daquelas cercanias selvagens.

A densidade da floresta avulta estupenda, sem descanso na multiplicidade da manifestação da natureza. Às vezes, ao sopro suave do favônio, os galhos atritam-se em contato contínuo e parecem imitar o anélito de duendes no descanso de bacanais orgiacos. As sumbarés brotam nos estipes das "uaguassús" e crescem, introduzindo-lhes as raízes no cerme. Alimentam-nas com a seiva da palmeira o calor do sol e o sereno da noite. Depois, quando a primavera desperta na sua pujança, abrem-se as corolas e os botões roxos da parasita enfeitam a majestade da floresta, espalhando-se por todo o espique e descendo em cachos floridos à semelhança de guirlandas festivas. O jatobá desenvolve-se como um colosso, cheio de nobreza. Cai à sua raiz a semente de uma figueira brava e brota. Começam os rebentos a cingir-lhe a forma do tronco, apertando-o, sufocando-o, sugando-lhe a seiva. O vegetal sente, a carícia traidora, mas não teme e não ressentido.

no seu vigor prodigioso. Primeiro é um fio sutil; vai engrossando depois, pouco a pouco, num amplexo assassino tirando-lhe a vida com o sangue. Anos mais tarde em seu lugar viceja, sem o aspecto nobre, porém cheia de ufania na copa frondosa a figueira-brava, formando enorme umbela agazalhando sapopembas disformes. É o tronco da árvore fraticida onde se acoitam as sussuaranas sanguinárias. Os cipós entrelaçam-se amimando uma cumbarú e insinuam-se-lhe pelas franças té galgar o apice. Descem depois as lianas, emaranham-se formando uma rêde inextricável e vão passando de vegetal, a vegetal de palmeira à palmeira como cordas oscilantes, lisas algumas outras em serpentina, por onde saguis aos guinchos peralteiam saltitando. Uma população alacre de cigarra e abelhas, colibrís e borboletas de asas multi-coloridas, miriades de passaros ali habitam, em enxames, bandos harmoniosos Pelo chão recamado de folhas, onde o sol mal penetra pelos escassilhos raros, brotam o capim mimoso e a erva-de-bicho enredados de sutis liames de cipós de chumbo. Dormem enroscadas nas sapopembas giboiás monstruosas e cascavéis malignas. É a mata do Angical, e é assombrada. Povoam-na monstros horripilantes, os Tibanarés e Pés-de-Garrafa, mas o que a torna temida de todos é a fama de mal assombrada, com que a credence popular a dotou.

Na minha juventude, uma noite de pouso no retiro da "Bocaina", após um dia de campeio pelas faldas da serra, depois do repasto, enquanto aguardavamos o sono reparador da luta sob a inclemência de canicula abrasadora, ouvi a seguinte história que o capataz da fazenda, velho sexagenário, caracter escorreito, em sua linguagem simples narrou-me.

"— Tínhamos chegado com a vaqueijada muito tarde ao retiro da "Bocaina". Trabalhão nos dera desde o Pindaival até o córrego da Raizama. O gado parecia que tinha engulido o diabo às avessas. Refugava uma rez e voltava para a manada a pêso de argoladas na anca, que a deixavam encarçada como mordedura de marimbondo. Nem bem se acomodava esta outra refugava. Parava outra vez a vaqueijada enquanto dois vaqueiros ensinavam ao marruá teimoso o caminho do rodeio. Afinal, quando o gado se acomodou, o sol já tinha menos de meia braça em riba do morro e a vermelhidão entristecia o campo com nódoas de sangue. Quando entramos no varador do Sapesal, o sol já tinha sumido por trás do morro e os veados pastavam na campina. Homem, para acabar com isso, quando demos com o gado no curral do retiro, a lua cheia, do tamanho de um rodão de carro apontava em cima do outro morro



da frente. Desapeiamos em casa e fomos dar banhos nos cavalos, e de volta arraçamos os pobres com um bom bernal de milho velho. O cozinheiro, cabra bom, nos deu uma boa ceia: feijoada, arroz e carne assada, e uma boa chicara de café-de-fedegozo bem quente. Armamos as tarimbas para descansar porque a esfrega tinha sido dura e o solão que tomamos o dia todo fôra pesado. Vai quando o meu compadre Zé Petroniinho se alembrou da festa de S. Sebastião, que nesse dia era a vespera, dezanove de Janeiro, e que o defunto Luiz Pereira celebrava, — Que Deus os tenha a êles dois no céu! . . . Do reíro da Bocaina na Fazenda Velha, onde morava o Lulú Pereira, distacavam cinco léguas boas, mas não era a distância que ia atrapalhar o compadre, além de que, êle não ia de a-pé, porque, a Boneca, besta pêlo de rato, de confiança para andar, estava na porta do rancho, de orelhas caidas, esperando a ração. O risco da atrapalhação estava só no atravessar a mata do Angical, depois que o sol se escondera na casa de Deus. Não foi falta de avisar, não, lá porque, isso sim, meu patrão acredite, nos todos aconselhamos o homem: — olha compadre, eu disse para êle, alembra do caso do Juvêncio! . . .

O Juvêncio era um sujeitinho vivo e metido a valente. Um dia êle veio da Varzearia até ao Toma-Purga. De volta caiu na bobagem de atravessar o Angical de noite. O resultado está aí, todo o mundo sabe, o rapaz ficou idiota, e ninguém sabe até hoje o que foi que transtornou o espírito dêle.

Mas o compadre teimou: ninguém morre antes do dia, replicou.

Pegou a Boneca, jogou os arreios no lombo dela, apertou a barrigada, endiretou o laço na ligeira e o ajeitou na garupa. Depois examinou bem os canos da garrucha, pô-la à cinta e pulou firme nos estribos dizendo: — "até amanhã pessoal! antes da estrêla d'alva apontar no morro estou aqui para beber guaraná com vancês! . . ." E correu as esporas no vasio da mula, que atirou dois coices no ar, descarregando a barriga, e partiu galopando pela estrada afora . . .

O compadre, pelo caminho foi cantando alegre e sua voz guaiada chegava até nos como um eco triste de saudade:

**"O amor e a cachaça**

**São duas coisa medonha:**

**A cachaça tira o juízo,**

**O amor tira a vergonha!"**

Era já regulando nove horas da noite, e a lua já ia bem alta no céu, ensombrada por algumas nuvens de chuva. O gado mugia de quando em quando no curral. O campo parecia um lençol branco prateado. Um vento delicado soprava agitando o arvoredor. Na mata era um silêncio de cemitério: só se ouviam os cri-cris dos grilos, os gritos dos corujões agoureiros e o canto dos João-Corta-Paus muito apressados. No mais era só a zoeira infernal dos pernilongos procurando chupar nossos pés machucados com o arrocho das chilenas. Os cavalos no pasto, não davam sinal de vida.

De repente, um tiro estrondou na mata, estremecendo tudo como uma trovoadas. Assustamos todos e ficamos acordados assuntando o caso. Não demorou uma isca de tempo, a Boneca chegou numa disparada doida, só com os arreios, suando fria e assooprando como uma desesperada. Não restava mais dúvida! Era o compadre Petronilho, que tinha topado com o "coisa".

— De longe, na noite morna e quieta, parecia que vinha até nós a zoada dolorosa de sinos que tangiam a espaços.

— "Vamos acudir, disse um cabra disposto, não é bom deixar perecer um companheiro assim! . . .

Qual o que! . . . Quem é que vai arriscar uma hora desta, nesse mataréu medonho, a lidar com coisas do outro mundo?! . . . Disse um dos vaqueiros. Deus nos livre e ajude o compadre, que não há de ser nada. Amanhã haveremos de saber. E ficamos sem poder dormir o resto da noite, imaginando o que poderia ter acontecido ao compadre Zé Petronilho.

Ao dia seguinte, o sol já estava avermelhando mal e mal a barra do dia, e já todos nós estávamos de pé, dispostos a procurar o compadre Petronilho. Quando o sol começou a apontar em riba do morro e os bugios moiam cana no escaroador lá para as bandas do córrego, como o compadre não aparecia, fomos em busca dêle.

A mata, mal acordada começava a gotejar o orvalho, que se desprendia das folhas das árvores batendo com um ruído áspero sobre as folhas secas que se alastravam no chão. Bem na entrada da capoeira do Angical, demos com uns rasgões de animal e sinais de algum corpo que tivesse rolado, amassando a macega. Cortamos rasto na saída do mato e nada, nenhum vestígio mais foi visto. Foi enviado um próprio à Fazenda, dando conta do acontecido: veio a resposta de tarde;

o homem não tinha aparecido por lá. Espalhou-se gente por toda a parte, atrás do sumido, do defunto, porque ninguém contava mais com a vida do pobre do meu compadre Zé Petronilho.

Passou o primeiro dia e nada, nada! O homem tinha entrado no ôco de algum pau, caído no inferno, que Deus me perdoe! Já estávamos sem esperança, quando ao cair da tarde ouvimos um gemido longe, na direção da estrada. Corremos gritando, chamando pelo compadre, mas nada de resposta.

Quando chegamos bem no lugar dos sinais, ouvimos outra vez o gemido, mas desta vez, perto, bem pertinho de nós. Pois, de um lado assim, a umas vinte braças estava um vulto de cócoras entre os troncos, fazendo pontaria com a garrucha num buraco; era o coitado do compadre Zé Petronilho. — E a garrucha com os dois canos carregados!... Puzemos o homem numa rêde e carregamos com êle para a casa. Fizemos tudo para vêr se êle falava alguma coisa, mas nada, o queixo cerrado, só piscava os olhos e tremia, tremia como uma vara verde. De noitinha, quando as perdizes piavam na campina e as jaós respondiam na mata do brejo, o compadre desatou o queixo e pediu água. Foi só!... Quando a lua já mal arredondada do minguante apontou em riba do morro, e um lobo latiu contra ela, o compadre abriu os olhos, e numa vóz triste, trêmula, de cortar o coração cantou baixinho:

.....  
.....  
**A cachaça tira o juízo,**

**O amor tira a vergonha!..**

Fechou os olhos e morreu. Morreu como uma pomba, o pobre do meu compadre Zé Petronilho."

— A ilharga do rancho os animais pastavam, resfolegando de quando em quando, cortando a grama rente ao chão. Meu coração adolescente, emocionado e impressionado com a narrativa, punha-me na mente imaginações supersticiosas, asas brancas de um sonho infinito, arrepiando-me a alma, magoando-me o peito na solidão imensa da mata virgem da terra natal. A velha capoeira no recanto nortista do berço querido, rumorejando as frondes movidas pelo vento, jaz esquecida no coração de Diamantino. E a mata do Angical, lá no

---

meu sertão longinquo, verde, espalhando ondas de perfumes das orquideas e das baunilhas aromáticas, infundindo terror à gente simples da minha terra, dorme descansada, livre do gume afiado do machado derrubador e assassino, povoada só por feras e por entes sobrenaturais, que às horas mortas da noite entoam com gritos crebros a nênia funebre, enchendo de pavor a solidão.

Julho de 1933 -

PAGINAS  
ESQUECIDAS

num serro longuquo, onde, espalhando sobre as pedras  
das orquideas e das plantas aromaticas, intermido terru  
a gente simples da terra, dormia descaasada, livre do  
guizo affado do machado ferrubado, e assoando, com  
os olhos, a natureza e a vida, que se hiam a  
por terras e por mares, e a natureza, que se hiam a  
pode enleam com a vida, e a natureza, que se hiam a  
de pavor a vida.

1911

**PAGINAS  
ESQUECIDAS**

## O HOMEM

Otávio Cunha

Morreria ao nascer se o deixassem sozinho,  
pés inuteis e mãos... nem fala e ainda chora...  
Se não fosse haver Mãe de quem Deus é visinho  
nem tinha para a vida um despontar de aurora...

E Mãe chega-lhe a boca o peito donde um vinho,  
vinho melhor que o vinho - o leite branco irrorra...  
Posto assim no altar do maternal carinho,  
logo engatinha e ri, e cresce e odeia e adora...

Homem feito ficou. Sua alma é um abismo fundo...  
se vence é mais um algoz que a humanidade oprime,  
vencido chora por não ser dono do mundo..

É o pior animal dos que pisam no chão...  
pois tudo é invenção dele: o ciume, a guerra, o crime  
É um doudo varrido o senhor da razão!...

O HOMEM

Diário Cadeia

PAGINA

DOS

NOVOS

**VEM:... VEM:...****Agenor Ferreira Leão**

Vem!... vem!... é meu desejo que te chama!

A minha bôca triste está sem vinho.

E o vulto da tristeza, em minha cama,

Agora, acaba de tecer seu ninho.

Vem!... vem!... o meu espírito reclama

O teu amôr sublime e o teu carinho.

Mesmo que chova fogo e o vento brama,

E relampeje pelo teu caminho,

Vem!... vem!... que ficarei á tua espéra:

Assim como verão incandescente

Que guarda beijo para primavéra.

Vem!... vem!... atende a minha voz, de longe,

Ès uma santa e, reverentemente,

Beijo os teus pés como se eu fôsse um monge.

Cuiabá, 23 de julho de 1963.



## Canção Fugitiva de uns Olhos Distantes

Nuvens

Pedaços de azul que ainda restam como nesgas de sonho  
irrealizavel

Nuvens-lágrima

como chuva molha-molhando anseios em portos  
nunca atingidos

Vidraça quási-partida

numa tarde cinza

Passos repetindo Mendelson

Bach

Mozart

Choppin

( Teclado

suavidade poussa-pousando

em aguas tranquilas

deslizando em rio de pranto )

Sussurro de ave tonta

Quem sabe o fim!

Quem sabe o côro fantástico de vozes perdidas  
no ante-goço do nada

que se aproxima

Quem sabe os olhos cansados de tanta busca  
inexoravelmente mortos para o amor

As mãos que desejam alcançar praias distantes  
os braços fatigados - cruces no abandono -  
tentando explicar a morte do último pássaro

Depois

a tentativa final  
no desejo

da volta

da carne

e do abismo

feito de céu

De outras mãos que não dizem mais adeus  
de outros olhos que não mais se encontram com os nossos  
de outro lábios que não mais sorriem  
prometendo

Na ante-visão da esfingie  
a sensação de frio  
E os nervos que se enregelam  
e os sentidos que perdem as direções  
porque ela não veio  
e nunca virá

Newton Alfredo

## ADEUS AMOR

Ruy Araújo Graffunder

Adeus meu grande amor  
é hora de partir,  
meu coração chora a dor  
da despedida, e tenho que me ir!

-Sim, meu bem, sempre lembrarei  
dos momentos que juntos vivemos.  
Quando eu voltar, nem sei,  
tudo será nosso, outra vez, como tivemos.

Não, não chores... Olhe o céu anil,  
êste sol primaveril que nos agasalha!  
Amanhã mesmo os nosso sonhos mil  
serão realidade, para que tudo nos valha.

È hora minha querida...  
Adeus... adeus, devo-me ir  
Beijemo-nos com o beijo da despedida,  
um clarim se ouve, eu tenho que partir.

- ADEUS AMOR...

---

---

# História da Fundação de Campo Grande

Amidicis D. Tocantins

Trabalho laureado, em 1º. lugar, no concurso realizado em CAMPO GRANDE (MT.), em homenagem à efeméride comemorativa da cidade, em Agosto de 1962, por iniciativa do "Jornal do Comércio" e sob o patrocínio da Prefeitura Municipal daquela comuna Mato-Grossense.

Transcorriam serenos os anos até que, em 1864, tremenda catástrofe desencadeada por Solano Lopes, que duraria cinco longos anos, levou por tôda parte o saque, a miséria, o incêndio, enfim, a morte, devastando grande parte do sul de Mato Grosso, principalmente Miranda. Serviu, todavia, essa luta, para tornar conhecida a região até então olvidada, que foi o cenário de heróicas campanhas e passou, por isso, a atrair a atenção dos plantadores de cidades, resolvendo, destarte, o problema quase insolúvel do seu povoamento.

Iniciada a guerra com o Paraguai, no ano seguinte, 1865, saía de Uberaba via Santana do Paranaíba (atual Paranaíba), uma grande coluna com destino a Bela Vista, com o fim de atacar o inimigo pelo sul, sob o comando do Cel. Pedro Drago.

Escalando todos os espíões sul-matogrossenses, Pedro Drago, enfrentando os perigos e impecilhos, marcha, deixando atrás de si a "carreteira" que, mais tarde, seria o traço de união entre o sul de Mato Grosso e o vizinho Estado de Minas Gerais.

Já no ano de 1867, o Visconde de Taunay, reputado o nosso Xenofonte, registrava a existência do nome de "CAMPO GRANDE" ao se referir a esta vasta região em seu diário de-

nominado "Viagem de Regresso de Mato Grosso à Côte" quando lhe fôra cometida a incumbência de levar ao Rio a "correspondência oficial relativa aos importantíssimos acontecimentos" da histórica Retirada da Laguna.

Cessada a guerra, três anos mais tarde, em 1870, regressam aos pagos queridos os sobreviventes da tremenda luta. Foi quando o bravo sertanista mineiro, JOSÉ ANTÔNIO PEREIRA, ouve, encantado, as narrativas feitas por seu cunhado que tomara porte na coluna Drago, sôbre a fecundidade sem par destas terras, das belezas encantadoras dos seus campos e amenidade de seu clima, decidindo, então, em meio à admiração dos seus familiares, a partir para o sul de Mato Grosso, em busca da fortuna que lhe surgia em animadora perspectiva.

José Antônio Pereira, sexagenário, com o arrôjo herculano de um Fernão Dias Leme ao sair de São Paulo a procura de esmeraldas pelos sertões de Minas Gerais, que concorreu depois para o seu povoamento, parte de Monte Alegre em busca de terras devolutas, e funda aqui, num audaciosíssimo empreendimento, uma das mais progressistas cidades de Mato Grosso — Campo Grande.

Entardecia o dia 21 de junho de 1872, quando chegava a pequena comitiva nestas vastidões desabitadas, composta do velho Pereira, seus filhos Joaquim e Antônio Luiz que mal contava 17 anos, além de quatro camaradas, em busca de terras devolutas, para a lavoura e criação de gado.

Na confluência de dois córregos, mais tarde denominados "Prosa" e "Segredo", foi o ponto escolhido para pouso daquele dia e, logo mais, definitivamente adotado como o melhor lugar para se fixarem.

Sem tardança os viajores ergueram pequeno rancho coberto com palmas de "uacury", conforme os primeiros cronistas, mas devendo ser, realmente, buriti (*mauritia vinifera*), nativo na região, que constituiu a célula primordial da progressista cidade, hoje conhecida por Campo Grande.

Deu-se início aos trabalhos da lavoura à margem esquerda do correço "Prosa", no lugar chamado "Mato Cortado" (alguns justificam o nome pelo fato de haver no local, sinais de matos cortados, talvez por gente das primeiras bandeiras, enquanto que outros acreditam tratar-se de interrupção da

mata a que se denomina "Clareira"), cumprindo notar que esta primeira roça foi totalmente destruída por nuvens de gafanhotos provenientes da Argentina ou do Chaco.

José Antônio Pereira supria-se do necessário em uma fazenda, já tapera, distante doze léguas do povoado, onde o gado "brabo" era comprado o quinze mil réis e abatido a tiros, qual verdadeiras caçadas.

Explorando as vizinhanças, algumas léguas em derredor, o velho mineiro reconheceu as excelências das terras e resolveu voltar ao seu arraial para de lá trazer a família, já então com o firme propósito de aqui fundar uma fazenda de criação e concorrer de maneira eficiente para o desenvolvimento da região, o que efetivamente se deu no decorrer de sua longuíssima vida de sertão, entre nós. Por êsse motivo, pode-se-lhe conceder, sem medo de errar, o título de legítimo fundador desta cidade.

Assim, deixou seu rancho e sua incipiente lavoura, entregues a João Nepomuceno Ferreira, com quem se associara antes, rumando, ato contínuo, ao seu rincão mineiro.

Nepomuceno era poconeano e veio de Cuiabá para Miranda, em 1867", em plena guerra com o Paraguai, fazendo parte da guarda do Coronel Carlos de Moraes Camisão comandante das forças expedicionárias que atacariam o inimigo no sul da Província e pelo norte do Paraguai.

Durante a guerra, Nepomuceno, homem misantropo e neurótico, refugiou-se no Sucuriú e esteve, depois como chacareiro em Nioaque, voltando para Miranda, de onde veio para Camapuã, ocasião em que teria se encontrado com José Antônio que lhe propusera juntos se estabelecerem onde melhor aproovessem.

Durante sua permanência em Nioaque, enamorou-se da bela Maria Abranches, jovem e atraente, de Faxina, que lá foi ter em 1864, fazendo parte de um destacamento federal, como cantineira, com quem Nepomuceno passou a viver.

Pouco tempo depois de instalar-se no "Pontal", como sócio de José Antônio Pereira, Nepomuceno mandou um tal Amaro assassinar a Joaquim da Mota Coelho, dono da Fazenda Cachoeirinha, tendo de fugir, em seguida, para Minas, época em que, já cansado de esperar por José Antônio, de quem não recebia notícias, negociou a sua parte por RS. 300\$000 (tre-

zendo mil réis) com Manoel Vieira de Souza, mineiro que ali chegara a 23 de junho de 1875 (também em busca de terras devolutas), com sua mãe, 5 filhos e alguns escravos.

João Nepomuceno morreu anos após em Araxá, onde passou a residir depois de sua fuga, e Maria Abranches, regressou, então, para Nioaque, onde findou sua vida aventureira.

Sòmente em 1875 retornou José Antônio, trazendo a sua família composta de Maria Carolina de Oliveira (espôsa de cristianíssimas virtudes) e seus filhos Antônio Luiz Pereira e Joaquim Antônio, que o acompanharam na viagem de ida, e filhas Constança, Rita, Maria Nazareth, Francisca de Jesus e Perciliana, três tutelados e mais as famílias de Manoel Gonçalves Martins, João Pereira Ferreira e Joaquim Oliveira de Souza, além de muitos agregados, num total de 62 pessoas.

Vinham conduzidos por seis pesados "carros mineiros" (e não onze, como dizem alguns), cheios de provisões, aforasementes diversas, mudas de cana de açúcar, café e outras plantas. Como guia, vinha o Cuiabano Luiz Pinto Gamaiães, então residente em Uberaba, vaqueano hábil em abreviar jornadas confiadas ao seu tino sertanejo, que também teria vindo de Cuiabá com a Brigada Camisão.

Seis longos meses levaram nessa penosa caminhada pelos sertões adentro, sob o cantochão do chiar monótono dos carros de bois, sendo obrigados a permanecer um mês e meio na Vila Santana, pois ao efetuarem a travessia do rio Paranaíba, foram acometidos de "Matadeira", febre maligna, intermitente, que grassava naquela região.

Nessa ocasião, José Antônio Pereira, tentando a cura por meio de "raizadas", no que era entendido, queremos crer, renovou a promessa de erigir, no ponto de seu destino, uma capela em glorificação a Santo Antônio, caso conseguisse o restabelecimento das pessoas atacadas do terrível mal.

Era costume arraigado, no tempo, o do voto ao santo da sua predileção.

A 14 de agosto de 1875, vencendo as peripécias de tôda a sorte, chega, afinal, o pequeno comboio ao seu destino, e José Antônio, não mais encontra Nepomuceno, que vendera sua parte a Manoel Vieira de Souza (vulgo Joaquim Olivério), o qual se consorciou mais tarde com Francisca de Jesus, filha do velho Pereira, cujo romance deu origem ao tão propalado episódio que influiu na consagração dos nomes "Prosa" e "Segredo", de que cogitaremos adiante.

Ambos logo se tornam amigos, e os dias passaram a correr tranquilos e felizes para aquêles abnegados povoadores, cantando e rindo ao anoitecer, no terreiro, cheios de animação, ao som das suas violas e das gaitas dos tropeiros que punham um tom de alegria neste sítio, outrora tão despovoado.

Dando cumprimento à sua promessa, a família Pereira, logo, iniciou a construção de uma pequena ermida, feita de pau-a-pique, cobrindo-a algum tempo depois com telhas de barro, que foram buscar em Camapuã, nas ruínas de um templo centenário ali erguido pelos jesuitas espanhóis, em época remota.

Nesse rudimentar templozinho feito de um só altar, no ano de 1879, é celebrada a primeira missa na Serra de Maracaju pelo vigário de Miranda, padre Julião D'Urquia, espanhol, sob a invocação de Santo Antônio de Campo Grande (denominação esta nunca consagrada oficialmente) em referência às vastas campinas, e tendo em vista a promessa feita pela família Pereira. A autoridade respeitável do velho José Antônio Pereira, dotada de nobilíssimo caráter, garantia a ordem e distribuía justiça, a contento geral, ao passo que os poderes constituídos não davam a necessária assistência ao modesto lugarejo, perdido nos sertões dêste longínquo platô.

José Antônio, tão logo pôde, trouxe de Camapuã um pequeno sino e, ao toque do sagrado bronze, reunia-se, para as rezas, a gente feliz do novel povoado plantado sôbre verdejante tabuleiro.

Cêrca do ano de 1880, José Antônio doou no pontal dos já aludidos córregos, "Prosa" e "Segrêdo", um patrimônio de terras destinado ao rossio da "Vila de Santo Antônio de Campo Grande".

Em 1888, ganhava o santuário um nôvo sino, provindo de Corumbá (note-se que foi êste o sino que, efetivamente, veio de Corumbá), dádiva de João Pereira Martins. O lugarejo, assim formado, começa logo a povoar-se paralelamente ao córrego "Prosa", na atual rua 26 de Agôsto até as adjacências do Horto Municipal, recebendo, regularmente, a visita do velho cura de Miranda, que realiza casamentos, batizados e festividades religiosas em geral.

Na ocasião, os córregos ganharam suas pitorescas denominações, muito ao saber da época.

Assim, os moradores da margem do córrego que tem a sua nascente a leste, reuniam-se, no tempo das roçadas, "ferrados na prosa" sob a copa de uma figueira brava, e os daquele que tem a sua nascente ao norte, comentavam não ter João Pereira Martins guardado segredo da confiança que lhe fizera Joaquim Olivério dos seus amores, revelação essa que foi o primeiro escândalo do lugarejo, segundo rezam as crônicas dos antanhos, isto, talvez, devido à diferença de idade entre os protagonistas.

Até o ano de 1889, Campo Grande havia progredido muito pouco, contando somente doze casas de esteio, cobertas de telhas, e cerca de 30, de palhas, tôdas marginando os dois córregos. Algum tempo depois, tendo aumentado o número de casas, passaram os seus moradores a ser servidos por um grande rêgo d'água vindo de "Cachoeirinha" (pequena cachoeira do Prosa): O referido rêgo, descia ao longo da atual rua 15 de Novembro, e em 1907, ano em que é aterrado o seu leito, recebeu a municipalidade enérgicos protestos por parte da população pelo desaparecimento do tradicional regato artificial que favorecia, dêz há longo tempo, a gente ribeirinha.

O arraial ainda não contava, sequer, com uma só botica, e a fase inicial do comércio de drogas e manipulação farmacêutica coube, então, a Joaquim Vieira de Almeida, homem de certa cultura, que, vindo de Coxim para cá, em 1887, sentiu logo a falta de uma farmácia e foi à cidade de Corumbá, de onde voltou trazendo medicamentos, alguns tratados acerca do assunto, além do clássico Chernoviz, e enfronhado, ainda, de algumas outras instruções a respeito de como aplicar os produtos.

Tinha por auxiliar um sobrinho, Antônio Norberto de Almeida, conhecido por "Totino", que se fazia de médico, uma vez que não existiam no povoado facultativos diplomados, isto até o aparecimento dos primeiros, que foram os Drs. Alfredo Aurélio de Castro, baiano, vindo de Corumbá, e César Galvão, cuiabano, filho de um antigo comerciante estabelecido naquela cidade. Convém notar que no local, onde hoje é a praça Dr. Ary (ex-praça da Liberdade), existiu outrora pequeno cemitério, cercado de pau-a-pique e marcado por uma cruz de aroeira. Mais tarde a necrópole foi transferida por José Antônio, Lázaro Martins Borges e outros, para o local em que hoje se encontra a escola do SENAI, no bairro Amambá. Nesse campo-santo, ficou esquecida a sepultura de José Antônio Pereira, venerando cidadão, que foi misto de patriar-



ca e taumaturgo do sertão, falecido em 8 de janeiro de 1910 (e não 11 de janeiro de 1900), cujos restos mortais, transferidos com o ossário para o atual cemitério, estão abandonados pela cidade que êle fundou e muito amou.

A enorme extensão das terras não ocupadas, sua ótima qualidade para a lavoura e, sobretudo, o clima ameníssimo continuavam a atrair inúmeras pessoas, forasteiros que vinham, principalmente, de São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, a despeito do que, prosseguia lento o seu progredir.

E, assim entre 1875 e 1896 (e não 1889), tendo aumentado o número de crianças em idade escolar e não havendo no povoado nenhuma escola pública de alfabetização, o Sr. Joaquim Vieira de Almeida, comerciante na pequena praça e mais alguns moradores do local, promoveram a vinda de José Rodrigues Benfica (e não Bonfim, como se encontra em algumas publicações) para exercer as funções de mestre-escola na povoação.

A título de curiosidade, transcrevemos, a seguir, o histórico documento, datado de 15. 9. 1895, conservando, porém, a sua ortografia constante do original: "Os abaixo assignados interessando-se pela educação da mocidade Campo-Grandense, uns por terem seus filhos, outros por terem parentes ou orphãos a quem lhes cabe o dever sagrado de educal-os e sem que possa ao menos dar-lhes as primeiras luzes d'instrucção por falta de um Professor que, sendo os vencimentos que o Governo autoriza insufficientes actualmente para sua subsistencia não se sujeitam a aceitar o emprego, resolvem unanimemente a promover a prezente subscrição que em auxilio a tão justo fim subscrevem com as quantias adiante declaradas que serão pagas mensalmente ao actual Professor Sr. José Rodrigues Bemfica."

(Seguem-se as assinaturas de 24 cidadãos).

Benfica era gaúcho, natural de Jaguarão, e lecionara antes as primeiras lêtras na fazenda "Correntes", hoje "Palmeiras", estação da NOB.

Em louvável gesto de justiça, o nosso atual Prefeito dá o nome de José Rodrigues Bemfica a uma das escolas desta cidade, como preito de justa homenagem, embora tardia, ao mestre-escola falecido em 4. 9. 1905 na fazenda "Correntes", do Cel. Augusto Mascarenhas.

Contava o povoado, na ocasião, com pouco mais de doze ranchos de palha, e já era tido como "arraial das desordens" tão faladas na época.

Pela Lei nº 792, de 23 de novembro de 1889, é elevado a distrito de paz de Nioaque, e achava-se a província de Mato Grosso, nessa ocasião, no governo do Coronel Ernesto Augusto da Cunha Matos, ainda sob o regime monárquico. Foi nomeado seu primeiro Juiz de Paz, Bernardo Franco Baís, e como subdelegado de Polícia, o velho José Antônio Pereira, que teve por suplente Vicente Ferreira da Silva, o "Caçador".

Mais tarde, é desanexada de Nioaque pela Lei nº 165, de 6 de março de 1896 (erradamente, vem sendo publicada 1897).

Constituindo-se município e elevado a vila pela Lei nº 225, de 26 de agosto de 1899, foi considerado, pela mesma resolução, desmembrado de Nioaque, êrro por já se achar desligado daquele município desde 1896, tendo sido seu primeiro Intendente, o Sr Francisco Mestre, cujos subsídios foram estipulados em Rs. 84\$000 (oitenta e quatro mil réis), quantia respeitável com a libra a valer Rs. 15\$000!

Nessa ocasião, foi criado o código de Postura, bastante pitoresco, pelo que transcrevemos abaixo alguns dos seus artigos:

Artigo 45 - É expressamente proibido fazer sambas, carêtes, ou outros quaisquer brinquedos que produzam estrondo na vila.

Artigo 43 - Quando se der qualquer incêndio desta vila e arrabaldes, os sacristãos das Igrejas são obrigados a dar sinal dêle nos sinos das mesmas, sob pena de pagarem a multa de Rs. 10\$000 ou quatro dias de prisão.

Artigo 32 - Ninguém poderá proibir que passe por seus quintais a água que é destinada ao seu vizinho e nem lavar nela cousa alguma imunda, que possa prejudicar o vizinho.

Interessante, também, é o aparecimento na vila, em 1902, do primeiro fonógrafo, quando se pagava a importância de um mil réis para ouvi-lo.

Corria o ano da graça de 1907 quando, inesperado fator de transformação, apressou inteiramente a evolução do local.

Em outubro, por aqui apareceu uma Comissão de Engenheiros chefiada pelo Dr. Emílio Schnoor, para reconhecer o terreno e dizer da possibilidade de desviar a linha Bauru-Cui-

abá, para o sul, rumo à Bolívia, através de Corumbá, pois tinha plena liberdade de modificar para qualquer direção o traçado da via-férrea em projeto, sem receio de despertar reclamações por parte dos povoadores ou de quem quer que fôsse.

Êsses homens, encantados com a localidade onde ainda vivia o velho Pereira, escolheram-na para uma das futuras estações da estrada de ferro, cuja construção ainda se achava nas florestas do Tietê, sendo êsse, talvez o maior agente estimulador que acelerou o progresso desta rica região sulina, sempre considerada de futuro promissor.

Em 1909, por determinação do Presidente do Estado, Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa, foi feito o traçado da cidade que crescia assustadoramente, pelo engenheiro militar, Major Temístocles Paes de Souza Brasil, que escreveu, também, a primeira memória sôbre a nossa cidade com os resultados dos estudos geológicos, meteorológicos, hidrográficos etc.

Nessa ocasião, contava a vila com 1.200 habitantes e 196 casas.

Passando à comarca especial na Presidência Pedro Celestino, pela Lei Estadual nº 549, de 20 de julho de 1910, foi seu primeiro magistrado o Dr. Arlindo de Andrade Gomes, que tomou posse no cargo no dia 12 de maio de 1912, e daí data a organização rápida da cidade que é, hoje, tida como a primeira em nosso Estado.

Nesse mesmo ano aparece o primeiro cinematógrafo dando espetáculos ao ar livre, sob a copa das frondosas mangueiras e laranjeiras do "Hotel Democrata", um dos primeiros a ser instalado.

Foi, então, criada, pela diocese de Cuiabá, a Paróquia de Santo Antônio de Campo Grande, e designado seu primeiro vigário, o cônego mineiro, José Joaquim de Miranda, que assumiu a direção a 10 de outubro de 1912, e veio a morrer assassinado por uma escolta, por motivos políticos, na manhã de 16 de julho de 1916.

Pelo ano de 1913, no mês de julho, aparece o semanário "O Estado de Mato Grosso", de propriedade e sob a redação do Dr. Arlindo de Andrade, constituindo o primeiro jornal publicado na Comarca. Nesse mesmo ano, já se encontravam na zona arrabaldina, alguns grupos de japoneses contando mais de mil pessoas, agrupamentos êsses que tiveram início graças ao Dr. Tincycero Teibaci, veterinário do Ministério da Agrí-

cultura que, de algum modo, concorreu para torná-los na hoje laboriosa e importante Colônia Japonesa, que vem trazendo grandes benefícios em prol da agricultura local.

A 28 de maio de 1914, atingem, Campo Grande, finalmente, os trilhos da Itapura-Corumbá, atual NOB, procedentes da seção de Pôrto Esperança, ouvindo seus habitantes, pela primeira vez o apito da locomotiva, que trazia por coincidência número 44, como que simbolizando o signo em que vivia a cidade naquela agitada época do clássico 44.

E a 31 de agosto, ainda daquele ano, realiza-se, nas proximidades do Córrego Taveira, que passou a se chamar "Ligação", a junção dos trilhos das opostas de Campo Grande e Rio Pardo, atravessando o pontilhão recém-acabado a máquina número 14, dos Serviços de Rio Pardo, produzindo êsse fato desusado alvoroço popular.

A evolução da comarca, a partir de então, faz-se rapidamente, motivada pela excelência dos seus campos famosos que se estendem pela Vacaria afora, fazendo da atividade pastoril, até hoje, o enriquecimento do município.

Com o advento da estrada de ferro, Campo Grande continua a atrair os homens trabalhadores e honestos, mas ao seu lado aparece uma onda de marginais, praticando, aqui, crimes famosos que deram a esta cidade verdadeira feição de "Far-West", existente, agora, somente na história do seu passado e na memória dos antigos.

Não são menores os seus desenvolvimentos intelectuais, pois, em 1916, é fundado um dos primeiros institutos — o "Pestalozzi", que ministrava instrução primária e secundária, tendo anexo um curso normal (Escola Republicana), que abrangia seção de música, trabalhos manuais e desenho, sendo seu fundador o advogado Arlindo de Lima, que trouxe consigo alguns professores de São Paulo.

Com o correr dos tempos, sofrendo grandes reformas, o Instituto Pestalozzi passou a se chamar "Ginásio Municipal D. Bosco", mais tarde Colégio D. Bosco, dispondo, atualmente, de uma faculdade — a de Filosofia, Ciências e Letras.

No dia 1º de janeiro de 1918, é inaugurada a iluminação pública, elétrica, por concessão do Município à firma A. Veronese & Irmão, sendo a segunda localidade no Estado que veio a gozar de tão grande privilégio. Antes, porém, as artérias principais de trânsito eram iluminadas com luz a querosene.

Assim, nasceu o burgo campo-grandense, sempre sob o signo das grandezas, na ânsia de crescer e subir, eis que, finalmente, já no governo de Dom Francisco de Aquino Correa, figura máxima da intelectualidade mato-grossense, pela Lei n° 772, de 16 de julho de 1918, é elevado à categoria de cidade, contando o município, na época, com 40 mil almas e, a sua sede, 9 mil. Possuía, ainda, 20 ruas, 3 praças e 2 avenidas.

A 1° de julho do mesmo ano é solenemente lançada a pedra fundamental da Santa Casa de Misericórdia e, a 24 de agosto, a do bellissimo templo da nova matriz de Santo Antônio, cuja construção não foi feita como muitos crêem, no mesmo local da velha igrejinha, uma vez que a mesma se localizava no centro da rua 15 de Novembro, quase esquina com a atual praça da Matriz.

O Exército Nacional contribuiu para o progresso de Campo Grande, desde a vinda, a 8 de maio de 1914, do 5° Regimento de Infantaria, outrora em Aquidauana, até a mudança da 9a. Região Militar, de Corumbá para cá, o que se deu em 1921, depois de longos estudos do Estado Maior, ficando o Quartel General em casa provisória, por algum tempo.

O Dr. Antônio Quirino de Araujo, desembargador no período de 1921 a 1929, foi certa vez nomeado Subchefe de Polícia no Governo do Dr Mário Corrêa da Costa, em cujo cargo prestou relevantes serviços entre nós, notadamente os da repressão ao banditismo, mercê da sua energia, honestidade de propósitos e desassombro, chegando a ponto de, êle mesmo, dirigir as capturas aos marginais.

O grande estadista João Pandiá Calógeras, quando Ministro da Agricultura, esteve entre nós e ficou vivamente impressionado com as possibilidades de progresso do local, pelo que mais tarde, na chefia do Exército, durante o governo de Eptácio Pessoa, consolidou aqui a sede da 9a. Região Militar autorizando a construção de vários quartéis, vindo mesmo, pessoalmente, assistir ao lançamento da sua pedra fundamental, cujos serviços estiveram a cargo da Companhia Construtora de Santos, que remodelou completamente o estilo arcaico, como até então eram feitas as construções.

A partir daí, nasceu promissor o "Bairro Amambaí", e o povo desta cidade, como protesto de veneração à lembrança de tão grande vulto da pátria, em setembro de 1928, além de

erigir a herma que se vê na Praça da Libertade (hoje, Ary Coelho de Oliveira), deu o seu nome a uma das nossas mais extensas arterias — a avenida Calógeras.

O Grupo Escolar de Campo Grande foi criado por decreto, em 1912, no governo de João Augusto da Costa Marques, porém executado na segunda presidência de Pedro Celestino, em 1922, quando se instalou em prédio particular. Sòmente mais tarde, foi levado a efeito a sua construção, tendo sido inaugurado em 1926.

Edificado durante a administração municipal do engenheiro Itrio Corrêa da Costa, em 1933, na parte mais alta da cidade —na Avenida Afonso Pena, está o notável "Obelisco", com singela inscrição

Aos bravos fundadores

Homenagem de Campo Grande

1.875 — 1.933

Nesse mesmo ano, o Ministro da Viação resolve construir em Mato Grosso, o edifício para a instalação da sede da Diretoria dos Correios e Telégrafos e foi, ainda, Campo Grande, a cidade escolhida para êsse fim, tendo a Prefeitura Municipal doado o terreno destinado ao novo prédio.

Daí para cá, o progresso de Campo Grande vem se fazendo de maneira assustadora, tornando impossível, portanto, a enumeração de tôdas as benfeitorias surgidas últimamente, para o confôrto da população, merecendo honrosa menção as da administração atual do Dr. Wilson Barbosa Martins.

É justo que, comemorando Campo Grande a 26 do corrente o sexagésimo terceiro aniversário de sua emancipação política, olhemos para trás num gesto de gratidão aos que no-la legaram e renovemos o sentido da nossa crença no futuro radiante de seu destino.

Não poderíamos deixar de registrar aqui, todavia, a fundação do primeiro bispado da cidade, Diocese criada pela Santa Sé Apostólica através da bula "Inter Graviniense", de 15 de junho de 1957, data a partir da qual se desligou de Corumbá, de que era subordinada. Foi nomeado, então, seu primeiro Bispo, o devotíssimo Dom Antônio Barbosa, que tomou posse a

24 de maio de 1958 e vem proporcionando assistência ininterrupta aos seus diocesanos, fomentado o progresso em tudo que diz respeito ao aprimoramento cívico, religioso e cultural, por meio da imprensa falada e escrita, recém-criada, que o credenciará à consideração geral desta e das gerações que hão de suceder à nossa.

- Campo Grande (Mt.) -

Agosto - 1962.

*Escolas Profissionais*

*Salesianas*

*Cuiabá*

*Mato-Grosso*

*1963*